

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO:

TRÊS NÍVEIS DE INTERVENÇÃO NO CAMPUS LO CONTADOR

Ana Cristina Castagna, autora
Ana Carolina Pellegrini, orientadora

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO:

TRÊS NÍVEIS DE INTERVENÇÃO NO CAMPUS LO CONTADOR

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO:
TRÊS NÍVEIS DE INTERVENÇÃO NO CAMPUS LO CONTADOR

Este trabalho disserta sobre a manutenção do patrimônio histórico através de sua própria transformação. Apresenta uma reflexão sobre o valor da memória na evolução da cidade e, através da análise de estudos de caso, aborda o dinamismo da arquitetura dentro de uma sociedade em constante mudança.

Dissertação apresentada ao PROPAR, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Arquitetura.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

Teoria História e Crítica da Arquitetura

AUTORA

Ana Cristina Castagna

ORIENTADORA

Ana Carolina Pellegrini

PROPAR

Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura

AGRADECIMENTOS

Acredito que pouquíssimos êxitos dentro da breve existência humana são construídos de forma solitária. Dentro desse pensamento, acredito que até mesmo as simples interações sociais possibilitam o surgimento de reflexões e inspirações. Além disso, que grande parte da sabedoria adquirida vem das boas parcerias feitas durante a vida. A escolha das pessoas com quem fazemos essas trocas é, portanto, decisiva para o sucesso de nossas missões. É por esse motivo que sou grata a grandes aliados que fiz ao longo do curso de mestrado.

Agradeço aos meus pais, por sua crença de que a educação molda o caráter e por nunca medirem sua generosidade e incentivo em minha formação. Agradeço à minha orientadora, Ana Carolina Pellegrini, de inteligência e vivacidade admiráveis, por aceitar a parceria e fazer o seu melhor para contribuir com meu trabalho. Através dela, agradeço a todos os professores e funcionários do PROPAR/UFRGS que, com empenho, contribuíram nesta trajetória.

Aos queridos colegas do OE1 Arquitetos, em especial meus sócios Anna Carolina, Gabriel e Mário, agradeço pelas experiências vividas em conjunto e pela cumplicidade da amizade. E por falar em amizade, agradeço o incentivo constante da Cassandra Coradin e as lições eficientes do meu colega Marcos Bueno. À Thaís Menna Barreto e à Bianca Breyer Cardoso, por enxergarem um potencial antes inimaginado. E ao Mathias Sant'Anna, que com tanta sensibilidade ajudou este trabalho a chegar no resultado esperado.

Por fim, agradeço ao Bruno por inundar meu cotidiano de amor e leveza, e por seu apoio incondicional às minhas ideias.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar e compreender as práticas de intervenção em arquiteturas existentes localizadas em sítios que não necessariamente fazem parte do conjunto patrimonial tombado, mas que podem ser remodelados de acordo com as condições culturais e produtivas atuais. Na primeira parte, o trabalho analisará a metodologia de catalogação de intervenções, os “níveis de intervenção”, lançada por Francisco De Gracia. O objetivo é que, após o final da segunda parte, seja possível encontrar exemplares similares dentro de um estudo de caso. O estudo de caso, por sua vez, destina-se a traçar a história do *campus* Lo Contador, que ocupa a área de uma fazenda do século XVIII, localizada em Santiago/Chile. O local é caracterizado por estar em constante transformação desde sua aquisição pela Pontifícia Universidade Católica do Chile, em 1958, com a finalidade de abrigar alguns de seus institutos. Após listar as preexistências, que são os ícones fundamentais do *campus*, o trabalho apresentará uma análise das reformas, entremeadas com os novos edifícios implantados no sítio, assim como seus planos ordenadores de crescimento. Através da compreensão da historiografia do *campus* será possível avaliar a importância de suas estratégias de transformação para a preservação do patrimônio edificado e o crescimento do *campus* universitário.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze and understand the methods of intervention on existing architecture located on sites that have not been designated as part of a protected heritage complex, but that are remodeled in accordance with modern cultural and productive criteria. The first part of the paper will analyze cataloguing methodology of interventions, the "levels of intervention," introduced by Francisco De Gracia. The aim being, by the end of the second part, it will be possible to find similar examples in the case study. The case study, in turn, will chart the historicity of the Lo Contador *campus*, which occupies the area of an 18th century farm in Santiago, Chile. The location is characterized by being in a constant state of transformation since it was acquired by the Pontifical Catholic University of Chile with the intention of housing some of its institutes. After cataloguing the pre-existing buildings, which serve as the *campus'* main icon, the paper presents an analysis of the remodels, interspersed with the new buildings that have been erected on the site, as well as the institution's plans for future growth. By understanding the historicity of the *campus*, it will be possible to evaluate the importance of its transformation strategies for the preservation of its built heritage and the growth of the university campus.

ÍNDICE

<u>PARTE I</u>	<u>1 APRESENTAÇÃO DO TEMA</u>	<u>19</u>
	1.1 Novo uso para um velho espaço	22
	1.2 Outros exemplos universitários	25
	<u>2 PROJETAR NO CONSTRUÍDO: A TRANSFORMAÇÃO COMO CAMINHO PARA A PRESERVAÇÃO</u>	<u>31</u>
	2.1 Estado da questão	31
	2.2 Referencial teórico: a ação modificadora de Francisco de Gracia	42
 <u>PARTE II</u>	 <u>3 UM BAIRRO, UMA CHÁCARA, UMA CASA</u>	 <u>54</u>
	3.1 Desenvolvimento conjunto	55
	3.2 Ampliação e adaptação operacional	57
	<u>4 O AVANÇO TRANSFORMADOR</u>	<u>65</u>
	4.1 Fundação do <i>Campus</i> Lo Contador	65
	4.2 Os primeiros planos reguladores	68
	4.3 Expansão territorial	70
	<u>5 AS NOVAS ARQUITETURAS</u>	<u>76</u>
	5.1 Edifício Escola da Faculdade de Arquitetura e Edifício de Laboratórios	77
	5.2 Centro de Informação e Documentação Sergio Larraín García-Moreno	79
	5.3 Um palimpsesto sobre base de terra: o jardim como elo de ligação	83
	5.4 Escola de Design e Instituto de Estudos Urbanos	85
	<u>6 TRANSFORMAÇÃO COMO UM CICLO</u>	<u>92</u>
	6.1 Edifício Docente e de Pesquisa da Escola de Arquitetura	93
	6.2 O Novo <i>Masterplan</i>	96
	6.3 O Concurso para o Edifício de Ateliês das Faculdades de Arquitetura, Desenho e Estudos Urbanos (Edifício FADEU)	101
	<u>7 LINHA DO TEMPO <i>CAMPUS</i> LO CONTADOR</u>	<u>103</u>
 <u>PARTE III</u>	 <u>8 TRÊS NÍVEIS DE INTERVENÇÃO NO <i>CAMPUS</i> LO CONTADOR</u>	 <u>111</u>
	8.1 A Casona, as casinhas e a modificação circunscrita	112
	8.2 As novas arquiteturas e a modificação do <i>locus</i>	113
	8.3 A consolidação do <i>campus</i> e o modelo de conformação urbana	115
	8.4 Considerações finais	117
 <u>REFERÊNCIAS</u>	 Bibliografia	 121
	Lista de Imagens	127

Capítulo 1

APRESENTAÇÃO DO TEMA

O tema deste trabalho tem origem em um questionamento sobre a maneira com que nossa sociedade lida com a conservação dos edifícios durante o seu ciclo de existência. Quando se assume que o exemplar edificado faz parte de um conjunto a ser preservado, uma extensa lista de regras é imposta sobre ele, visando a garantir sua preservação. Todavia, quando o bem construído não alcança este *status*, poucos - e, muitas vezes, controversos - princípios são levados em conta na hora de seu restabelecimento, sua troca de uso ou sua demolição.

Sabe-se que, pelo menos desde a Idade Média, a reutilização de elementos construídos é prática corriqueira. A reciclagem das criações arquitetônicas da Antiguidade era realizada tanto para novas finalidade quanto como material de construção para edificar novos monumentos:

Os monumentos antigos não eram, contudo, apenas “reciclados”; eles também eram, com a mesma simplicidade e desenvoltura, cortados em partes e pedaços, incorporados em seguida em construções novas, para embelezá-las e decorá-las.¹

¹ CHAOY, Françoise. A ALEGORIA DO PATRIMÔNIO. São Paulo: Estação Liberdade - UNESP. 2006. p. 40.

É possível citar o famoso exemplo do Baldaquino da Basílica de São Pedro (figura 1). Criado por Bernini, foi construído com bronze reutilizado da cobertura do Panteão. Há casos ainda mais antigos, como o das colunas clássicas nas cisternas de Istambul. A Cisterna da Basílica, por exemplo, que foi inaugurada pelo imperador Justiniano no ano de 532, é sustentada por colunas retiradas de templos da região de Anatólia (figura 2).

Esta relação com os edifícios do passado é compreensível e vai ao encontro do que hoje em dia se entende por sustentabilidade (característica que muitas vezes inexistente quando da prática do tombamento). Em diversos desses casos, edifícios são restaurados à sua originalidade, não raramente a duras penas, e à mercê de um uso escasso ou extinto. Desde que a imprensa e a fotografia existem e que se tornou possível documentar de forma fidedigna todos os estágios do ciclo de existência de um edifício (há quem tenha afirmado, como Victor Hugo, no século XIX, que a invenção da imprensa anunciava a morte da arquitetura como meio de registro da história: “O livro matará o edifício”.²), possibilita-se reformar, ampliar e atribuir novos usos a edifícios históricos. Então, com crescente frequência, debate-se sobre a efetividade de manter um edifício intacto em sua originalidade, porém abrigando um uso obsoleto, sem exercer papel ativo dentro da cidade.

A partir daí, esta investigação voltou-se para o estudo de teorias e casos que contribuíssem para a reflexão sobre as modificações sofridas por arquiteturas ao longo do tempo, que garantem a sua persistência no espaço. O primeiro caso estudado foi a reforma da Sala de Máquinas da Faculdade de Engenharia da Universidade da República (UDELAR), que resultou no projeto de pesquisa que evoluiu para esta dissertação e, posteriormente, em um artigo realizado no ano de 2016 para o V Seminário Docomomo Sul, ocorrido naquele ano na cidade de Porto Alegre.

Prosseguiu-se, então, com a delimitação do tema a ser estudado em torno de reformas em edifícios de cunho universitário que evidenciavam sua transformação ao longo do tempo. Esses exemplos foram estudados à luz das concepções teóricas de Francisco de Gracia, professor da Universidade Politécnica de Madri. O autor, que também é membro de algumas organizações ocupa-



Figura 01 — Baldaquino da Basílica de São Pedro.



Figura 02 — Colunas clássicas na Cisterna da Basílica, em Istambul.

das com a conservação e a reabilitação do patrimônio histórico, estabelece uma crítica contundente à falta de metodologias para intervenção em locais que necessitam ser transformados pelos mais diversos motivos. Em sua publicação *Construir no Construído: a Arquitetura Como Modificação*³, estabelece uma catalogação de exemplares em função de diretrizes preestabelecidas, o que pode contribuir para a realização fundamentada de novas intervenções em locais que não fazem parte do conjunto patrimonial tombado em todo o mundo.

2 HUGO, Victor. O CORCUNDA DE NOTRE DAME. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 174.

3 DE GRACIA, Francisco. CONSTRUIR EN LO CONSTRUIDO - LA ARQUITECTURA COMO MODIFICACIÓN. Nerea, Barcelona, 1992. (tradução nossa)

1.1 UM NOVO USO PARA O VELHO ESPAÇO



Figura 03 — Edifício da Faculdade de Engenharia da Udelar.

O início desta pesquisa, conforme anteriormente mencionado, foi um trabalho que documentava a visita e o levantamento fotográfico realizados na Sala de Máquinas da Faculdade de Engenharia da Faculdade da República (UDELAR), cuja reforma esteve a cargo do arquiteto uruguaio Gustavo Scheps. Na visita, em 2016, foi feito um *tour* guiado pelo edifício conduzido pelo próprio autor da reforma, o que colaborou com diversas informações e percepções, ensejando reflexão sobre a temática.

Scheps, que durante vários anos atuou como decano da Faculdade de Arquitetura, recebeu (no início dos anos 1990) a incumbência de intervir no edifício projetado por Julio Vilamajó e ícone da arquitetura moderna no Uruguai. A grande Sala de Máquinas, sem uso, praticamente desde sua fundação, necessitava que sua área fosse multiplicada para receber novas atividades.

Projetado e construído entre o final da década de 1930 e início da década de 1940, o edifício da Faculdade de Engenharia da Universidade da República - UDELAR - (figura 03) foi o marco de uma época. Ganhou notoriedade por ser um edifício institucional e sede das graduações que mais cresciam com o advento da indústria no país: os cursos de engenharia.

A intenção de Julio Vilamajó através do projeto foi a de demonstrar a importância da Universidade da República aliada a um caráter industrial, reflexo daquela época. A relevância foi traduzida pelo tamanho e pela complexidade formal do edifício, um grande composto de adições assentadas em um sítio público – o Parque

Rodó. O caráter industrial foi dado pelo uso da estrutura de concreto aparente, sem nenhum tipo de subterfúgio ou disfarce. A plenitude plástica foi conferida pela excelência da forma estrutural.

A sede da Faculdade de Engenharia foi o primeiro edifício institucional daquele país construído em concreto aparente. A área por ele compreendida totaliza mais de 25 mil metros quadrados e, apesar de todo o tamanho, implanta-se de maneira surpreendentemente leve no sítio, mesmo que algumas intervenções de relevo previstas para o parque nunca tenham sido executadas. O jogo de volumes elevados unidos por meio de passarelas aéreas aos volumes que tocam o chão respondem de forma harmoniosa ao parque, gerando visuais interessantes tanto para a cidade quando para o Rio da Prata.

No que tange ao programa de necessidades, os blocos elevados do chão são compostos por salas de aula, laboratórios, decanato, conselho, administração, sala de conferências e biblioteca. Os grandes corpos laterais assentados ao solo hospedam os laboratórios e institutos práticos. Passarelas conectam os volumes elevados aos blocos de programas especiais e, internamente, funcionam como uma espécie de túnel de dimensões exíguas, ratificando a sensação de expansão na chegada a cada novo ambiente.

“A característica mais interessante que tem o edifício, como em quase toda a arquitetura de Vilamajó, é o tratamento do espaço. Era realmente um grande mestre no manejo dos espaços e a forma como o edifício se mostra, como se percorre, como o espaço pulsa, como se direciona para cima, como se alarga, se aperta, é verdadeiramente magnífico.”⁴

Em um desses blocos de programa especial localizava-se a Sala de Máquinas (figura 04), um espaço de 45x15 metros de base e 15 metros de altura. Supunha-se

4 SCHEPS, Gustavo. Em Comunicação pessoal. Universidade da República. Montevideu, Uruguai. 06 Jun 2016. (tradução nossa)

que naquele espaço seriam colocados grandes motores, os quais seriam movimentados por um guindaste, e uma gigantesca chaminé liberaria os gases produzidos nos estudos. Entretanto, sabia-se que isso tudo teria sobretudo um valor simbólico, uma vez que não era necessário tanto espaço para os motores, tampouco tanta altura para a chaminé. Assim, embora emblemático, o grande espaço para máquinas nasceu superdimensionado.

A partir do crescente número de alunos da faculdade e da necessidade de expansão de área, em 1993, Gustavo Scheps projetou a remodelação da parcela interior da Sala de Máquinas. Para a reforma, havia dois desafios evidentes: o primeiro era alterar o uso do espaço, aumentando sua área com a criação de salas comuns, sem perder a grandiosidade original; o segundo era definir uma abordagem para a intervenção, que a fizesse notavelmente distinta do edifício original e que, de maneira respeitosa, revelasse a sua época. Desde a Carta de Restauo de Veneza⁵, recomenda-se que todo elemento novo em uma edificação seja diferente dos elementos existentes. Além disso, conforme Pellegrini, “há uma expectativa biunívoca entre a forma da obra de arquitetura e seu tempo, entre o corpo da arquitetura e a ideia – mesmo frouxa – de algum espírito da época”⁶. A intervenção de Scheps demonstrou essa distinção e denotou o espírito de sua época de forma harmoniosa com o edifício existente.

O autor optou por utilizar sistemas estruturais pré-fabricados em ferro para alcançar seu duplo objetivo. Na década de 1990 soluções análogas começaram a ser utilizada em intervenções desse tipo em todo o mundo. No Brasil é possível citar a reforma de Paulo Mendes da Rocha e equipe na Pinacoteca do Estado de São Paulo (figura 05), outra intervenção de excelência realizada na mesma época. A escolha do material interferiu também na maneira como o projeto de Scheps foi executado: a sistematização



Figura 04 — Bloco de programa especial, pousado no chão, que recebia a Sala de Máquinas.

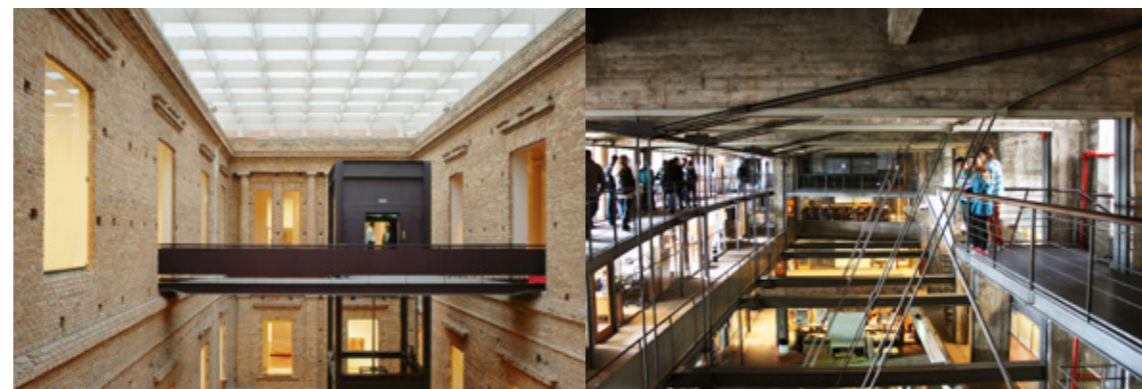


Figura 05 — Estrutura metálica na reforma da Pinacoteca por Paulo Mendes da Rocha

Figura 06 — Vista da Sala de Máquinas após reforma: plataformas perimetrais.



Figura 07 — Projeto original de Julio Vilamajó, com adaptações no relevo, patamares e praças nunca executados.

estrutural possibilitou que a obra fosse realizada em três etapas, podendo cada uma delas ser colocada em uso de forma independente.

O partido, portanto, contava com a distribuição das salas em plataformas perimetrais, circuláveis por galerias que são ligadas por passarelas (figura 05). O limite das galerias laterais seria dado pelo entepiso existente, construído em alvenaria de blocos cerâmicos e o acesso entre uma plataforma e outra se daria por meio de escadas, também metálicas, posicionadas na extremidade oeste do conjunto. Lajes pré-moldadas compõem as superfícies horizontais onde se distribui o programa de salas e gabinetes.

Analisando essa bem sucedida intervenção, onde o novo projeto proporcionou a unidade entre partes de épocas distintas, cada uma datada de sua época, é impossível discordar de Comas quando afirma que “a reforma qualifica a forma. A reciclagem requalifica a função em dimensão simbólica, operacional, espacial e técnica”⁷. Gustavo Scheps realiza uma intervenção profunda, mas de diálogo sutil e assim deixa clara sua autoria e sua época, enobrecendo, com sua arquitetura, as formas de Julio Vilamajó.

A intervenção de Scheps, apesar do bem sucedido diálogo com a pré-existência, não se manifesta no exterior do edifício, tampouco era este seu objetivo. O edifício da Faculdade de Engenharia segue incompleto até hoje, já que as alterações de relevo e construção de praças de escala menor dentro do parque, previstas no projeto original de Julio Vilamajó, nunca foram construídas (figura 07). Todavia, o edifício acabou adaptando-se de maneira orgânica dentro do Parque Rodó.

1.2 OUTROS EXEMPLOS UNIVERSITÁRIOS

O estudo da Casa de Máquinas e de toda a Faculdade de Engenharia da UDELAR despertou o interesse pela investigação de exemplos análogos, que pudessem ser ilustrativos ao tema das reformas contemporâneas em edifícios

5 ICOMOS. Carta de Veneza. Veneza, 1964.

6 PELLEGRINI, Ana Carolina. Quando o Projeto é Patrimônio: a modernidade póstuma em questão. Tese de Doutorado em Teoria, História e Crítica, PROPAP-UFRRS. Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Dias Comas. Porto Alegre, 2011. p.243

7 COMAS, Carlos Eduardo Dias. 2011. Ruminações Recentes: Reforma/Reciclagem/Restauo. Summa+ (v. III). p.56

com uso universitário. Paralelamente a isso, foram pesquisados edifícios e espaços urbanos que sofreram grandes transformações para que pudessem receber novos usos e assim serem mantidos ativos dentro das cidades, tanto à luz de estudos de caso quanto em fundamentação teórica.

A partir desse enfoque, foram pesquisadas intervenções em edificações de cunho universitário e localizadas na América Latina. Tão logo iniciada a busca, foram encontrados alguns *campi* universitários localizados em Santiago, no Chile. Em diversos deles foi possível observar a cultura da reforma de edifícios com caráter histórico e sedimentados na paisagem urbana para abrigar as atividades universitárias, como nas instalações da Pontifícia Universidad Católica (PUC) e no *campus* urbano da Universidad Diego Portales (UDP).

No *campus* Oriente, da PUC, na região da Providência, por exemplo, um edifício inaugurado em 1926 para abrigar o convento da Congregação de Monjas do Sagrado Coração foi adquirido pela universidade em 1971 e até hoje abriga a Faculdade de Artes, Música, Teatro e o Instituto de Estética. O edifício de estilo neo-românico (figura 08) recebeu incremento de área no ano de 2015 (figura 09), com projeto de Fernando Perez Oyarzun e Jose Quintanilla Chala. Na ocasião foi construído um edifício de escritórios administrativos e gabinetes para professores. A expansão dialoga com o edifício antigo através de estratégias como equivalência de alturas e larguras de pórticos, além da composição cromática. O projeto também implicou o redesenho no pátio central, acrescentando diferentes níveis que podem ter usos diversos. O edifício anexo, juntamente com a nova praça promoveram uma atmosfera renovada no *campus*.

Localizada no bairro universitário de Santiago, a Universidad Diego Portales passou por grande expansão de seus institutos a partir de 2002, e optou por manter-se no mesmo sítio, mesmo necessitando multiplicar sua área. A solução para esse incremento de superfície foi intervir em edifícios e espaços públicos deteriorados, localizados em seu entorno imediato. Responsável pelo plano de infraestrutura, o arquiteto Mathias Klotz, acompanhado por uma equipe de professores da instituição, organizou as diretrizes de intervenção nas diversas escalas e, no que tange aos edifícios de interesse patrimonial, optou por manter o gabarito do bairro (figura 10), reformar edifícios históricos e complementá-los com

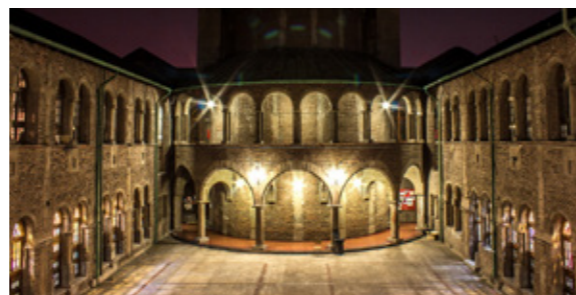


Figura 08 — Campus Oriente, antigo convento



Figura 09 — Anexo contemporâneo em edifício que abrigava o convento.



Figura 10 — Intervenção de Mathias Klotz em edifício da Escola de Ciências Políticas da UDP: discricção e manutenção do gabarito do bairro.



Figura 11 — Campus Lo Contador atualmente, fundado a partir da casa colonial.

partes novas. O resultado foi um conjunto muito rico arquitetonicamente, onde a transformação da arquitetura e de seu entorno foi responsável pela preservação dos edifícios existentes.

Por fim, foi encontrado o *campus* Lo Contador (figura 11), que ocupa a área de uma estância datada do século XVIII, na antiga zona rural de Santiago, hoje bairro Pedro de Valdivia Norte, região da Providência. A fazenda possuía como sede uma grande casa colonial, que, em meados do século XX foi adquirida pela PUC e ocupada pelas faculdades de Arquitetura e Urbanismo, e de Artes (que ali permaneceu até o momento de sua mudança para o *campus* Oriente). Desde que as faculdades estabeleceram-se na casa, seus terrenos adjacentes, seu quarteirão e toda a região onde ela está inserida vêm passando por constante transformação, o que, para mim, foi o mais instigante da pesquisa. Os quase 60 anos que separam a aquisição da casa pela universidade e os dias de hoje não foram suficientes para sedimentar o sítio, o que fornece a ele camadas distintas de tempo construídas por importantes arquitetos chilenos de diversas épocas. O *campus*, outrora compreendido na casa colonial ainda existente, é hoje um palimpsesto⁸ de onde surgem reformas, novos edifícios, planos diretores, expansões e, sobretudo, uma atmosfera arquitetonicamente rica. As arquiteturas existentes são, em parte, sobrepostas ou parcialmente apagadas por novas intervenções, mas nunca desaparecem por completo, tal qual os antigos pergaminhos. Segundo Rogério Castro Oliveira:

O emprego do palimpsesto envolve uma técnica e um propósito: o de encobrir velhas marcas sem, porém, eliminá-las por completo. A recuperação da escrita no pergaminho cuidadosamente raspado de modo a aceitar a superposição de outro texto é sempre possível, embora difícil e exigindo procedimentos específicos de acordo

8 Sandra Jatahy Pesavento descreve a origem da palavra e seu significado: “Palavra grega surgida no século V a.c., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto.” Segundo a autora, os palimpsestos tornaram-se frequentes devido à escassez de pergaminhos nos séculos de VII a IX. Dada a utilização recorrente de um mesmo pergaminho, a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres precedentes. Estes, que ficaram parcialmente visíveis, são passíveis de recuperação.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 26.

com a composição dos materiais utilizados, revelada pela análise (tarefa do engenheiro), mostrando uma profundidade histórica marcada por descontinuidades de uso portadoras, elas mesmas, de significado. A colagem de superfície acrescenta-se, assim, uma terceira dimensão, mais temporal do que espacial.⁹

Assim como no pergaminho, no *Campus Lo Contador* as marcas das edificações passadas não foram apagadas nem destruídas por completo e servem como diretriz para que o ciclo seja continuado. Sendo assim, cada novo edifício, cada nova intervenção, tem a obrigação de dialogar com o já existente. Na história do *campus* estudado, verifica-se a seleção dos itens a serem preservados, esses mantidos por razões justificadas, e substituí-se velhas marcas por novos edifícios. Estes, por sua vez, trazem significados renovados não só em seu limite espacial, mas refletindo em mudanças também em seu bairro, trazendo novas percepções aos seus usuários diretos e indiretos. No *Campus Lo Contador*, assim como nos outros *campi* chilenos, segundo Fuentes Hernandez:

também respondeu às necessidades de participação social no espaço público, um tema chave que o urbanismo do pós-geurra denominou “o coração da cidade.”¹⁰

Através da pesquisa da historiografia do *campus* foi possível avaliar a importância das estratégias de transformação da arquitetura para a preservação do patrimônio edificado, o crescimento do complexo universitário e a evolução de seu bairro. Toda esta conjuntura expressa a maneira como as operações extemporâneas, que conforme afirma Ana Carolina Pellegrini, “são caracterizadas pela coexistência de projetos ou construções realizados em tempos distintos”¹¹, tornaram-se protagonistas do processo de construção da memória através de um sítio que permanece em transformação. Segundo Pellegrini e Haffner:

9 OLIVEIRA, Rogério Castro. Palimpsestos: sulcos ecléticos em campo moderno. Revista Arqtexto. Porto Alegre, n.15, p. 6-15, 2009. (p15)

10 FUENTES HERNANDEZ, Pablo. Campus universitarios en Chile: nuevas formas análogas a la ciudad tradicional. Atenea (Concepc.), Concepción, 2007. p 117 (tradução nossa).

11 PELLEGRINI, Ana Carolina. O patrimônio projetado. In: IV Enanparq, 2016. Porto Alegre. p. 6

A realização póstuma e extemporânea implica o reconhecimento da dissociação e da relativa independência entre o projeto e a obra, bem como a discussão de duas importantes questões: a possibilidade de reprodução a partir do registro gráfico, e a manipulação do tempo e de seus efeitos.¹²

Sobre a manipulação do tempo e seus efeitos, as autoras colocam que a materialização de arquiteturas fora de seu tempo possuem a intenção de proteger o projeto, ao contrário das visões tradicionais em que o edifício original é o principal documento e ele próprio deve ser conservado à sua originalidade. O que se verá nos próximos capítulos, no entanto, será a utilização das arquiteturas extemporâneas de forma a fazê-las atuar em conjunto com seus exemplares originais com o objetivo de construir sua memória.

12 PELLEGRINI, Ana Carolina; HAFFNER Evelyn Hernández. Arquitetura extemporânea: Quatro Liberdades de Louis Kahn. In: 7 Projetar: Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática, 2015. Natal. p. 3

Capítulo 2

PROJETAR NO CONSTRUÍDO: A TRANSFORMAÇÃO
COMO CAMINHO PARA A PRESERVAÇÃO2.1 ESTADO DA QUESTÃO

Reforma, expansão, anexo, requalificação, re-arquitetura¹⁰ e outros termos referentes à operação de intervenção em arquitetura existente através de novos projetos tornaram-se paulatinamente frequentes no vocabulário dos arquitetos, tanto no âmbito da academia quanto no do ofício. Analisar e discutir arquiteturas que, de forma extemporânea, não só ampliam ou abrigam novo uso, mas também alteram a identidade dos edifícios junto dos quais foram construídas tem se tornado cada vez mais urgente. O entrelaçamento da arquitetura contemporânea com a herança histórica de edifícios antigos normalmente apraz até o usuário mais ordinário, seja por carregar uma espécie de atmosfera enriquecida pela memória ou por demonstrar um contraste de tecnologias e aproveitamento de espaços existentes. Observa-se também uma preocupação por parte

¹⁰ Termo - e grafia - cunhado por José Artur D'Aló Frota, definido como as ações de projeto desenvolvidas como mecanismo de intervenção, que podem, e devem, ser ao mesmo tempo restauradoras e reabilitadoras do lugar contemporâneo. Segundo o autor, "estratégias típicas do ofício arquitetônico onde a recuperação histórica é parte do problema, nunca seu objetivo final".

FROTA, José Artur D'Aló. Re-Arquiteturas. Revista Arqtexto. Porto Alegre, n.5, p. 110-141, 2004.

dos profissionais de serem filiados a alguma doutrina que garanta a legitimidade de seu trabalho de intervenção, que evite erros ou minimize críticas, dada a quantidade de teorias de restauro. Conforme afirmou, em 1998, Antoni González Moreno-Navarro:

A restauração de objetos materiais iniciou a desenhar-se como disciplina há alguns séculos em consequência do novo afã protetor do patrimônio histórico. Desde então tem sido usual entre aqueles que se dedicam ou pretendem dedicar-se a essa atividade crer na necessidade de formular ou assumir como própria alguma teoria – ou de se atribuir a uma escola já consolidada – que possa fornecer algumas normas que chancelem suas intervenções sem riscos de erro.¹¹

Esta preocupação com a filiação a alguma ideia já consolidada é compreensível dentro do espectro do restauro tradicional, definido pela conservação ou restabelecimento de um estado ideal de uma edificação. As primeiras teorias da conservação e restauro, das quais derivam grande parte das atuais discussões sobre o tema, foram protagonizadas, em meados do século XIX, pelos contemporâneos Eugène Emmanuel Viollet-Le-Duc e John Ruskin. O primeiro inaugurou o que ficou definido como Restauro Estilístico, defendendo não só a conservação do monumento, mas também seu restabelecimento (figuras 12 e 13), a ponto de chegar a um “estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento”¹². Contrário às atividades de Viollet-Le-Duc, John Ruskin sustentou a intocabilidade do monumento, que este deveria apenas ser conservado ou entregue às consequências da deterioração, tal como um ciclo de vida (figura 14): “É impossível, tão impossível



Figura 12 — Catedral de Notre Dame, em Paris: construção original.

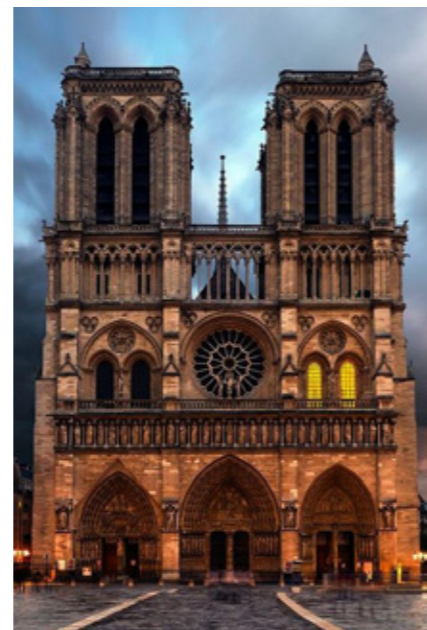


Figura 13 — Catedral de Notre Dame, em Paris: restauro de Viollet-Le-Duc, que entre outras ações adicionou o pináculo central.

11 MORENO-NAVARRO, Antoni González. LA RESTAURACIÓN OBJECTIVA (método SCCM de restauración monumental): memora SPAL 1993-1998. Diputación de Barcelona. Barcelona, 1999. p8. (tradução nossa)

12 Viollet-Le-Duc, Eugène Emanuel. RESTAURAÇÃO. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013. p29.

quanto ressuscitar os mortos, restaurar qualquer coisa que já tenha sido grandiosa ou bela em arquitetura.”¹³

A dicotomia das teorias da restauração foi ganhando notoriedade, cada qual com seus seguidores. Na medida em que este campo do conhecimento foi se consolidando, passou a tecer novas urdiduras que conduziram a um natural equilíbrio entre as duas linhas ideológicas. Na Itália, Camillo Boito, ainda no século XIX, foi o primeiro equalizador das ideias de Viollet-Le-Duc e John Ruskin, principais rivais da teoria do restauro. Boito, por seu primeiro princípio, refutou o Restauro Estilístico de Viollet-Le-Duc e defendeu a imagem da ruína de Ruskin como essencial na preservação das fases do monumento histórico. Como meio de preservar, qualquer intervenção, seja reparo ou anexo, deveria ser documentada *a la* Viollet-Le-Duc e executada com materiais diversos dos empregados no monumento original, de modo que não se produzisse falsos históricos.

A prática da reforma baseada no contraste de materiais e técnicas construtivas foi também defendida pelos escritos de Cesare Brandi, que, a partir dos anos 1960, tornou-se influenciador de algumas cartas patrimoniais, como a de Veneza, com suas reflexões sobre a prática de restauro em monumentos históricos. Em uma abordagem um tanto ruskiana à mesma medida que fiel a algumas das ideias de Viollet-Le-Duc, Brandi lançou as diretrizes do conhecido Restauro Crítico em sua Teoria da Restauração. Neste contexto, primeiro defende o reconhecimento do objeto como obra de arte e a partir dessa consciência, sustenta a preservação de sua essência, mantendo a pátina característica da passagem do tempo e evitando falsos históricos:

Uma exigência fundamental da restauração é respeitar e salvaguardar a autenticidade dos elementos constitutivos da obra. Esse princípio deve sempre guiar e condicionar as

13 RUSKIN, John. A LÂMPADA DA MEMÓRIA. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015. p79.

*escolhas operacionais.*¹⁴

Segundo Brandi, qualquer intervenção deve ser realizada, portanto, como um ato crítico que objetiva sobretudo manter essa essência, não ceifá-la nem ocultá-la. São dele os três princípios básicos da intervenção em monumentos históricos: distinguibilidade, reversibilidade e a mínima intervenção. O teórico italiano, todavia, em sua ânsia por unificar o restauro de obras de arte - incluindo a arquitetura - defendia a forma em primeiro lugar e secundarizava a reestruturação da funcionalidade dos edifícios, o que pode ser prejudicial e insustentável no âmbito da preservação da arquitetura.

Ainda na Itália, porém mais recentemente, o arquiteto e historiador Giovanni Carbonara discorre, em seu livro *Architettura d'oggi e Restauro: un confronto antico-nuovo*¹⁵, que a garantia de qualidade na intervenção contemporânea em monumentos históricos vem da capacidade do arquiteto para ouvir e interpretar o local onde irá intervir. A sensibilidade em lidar com as características subjetivas presentes no edifício existente e em seu sítio consolidado é, na opinião do autor, elemento chave no processo de escolha da linguagem arquitetônica mais adequada para cada situação. O arquiteto, portanto, deve ser capaz de reinterpretar e transformar a forma existente em novos elementos que marquem seu tempo e que de alguma maneira demonstrem continuidade às tradições locais. Para isso, não deve almejar a ruptura revolucionária com o antigo, nem uma arquitetura globalizada. Tampouco acredita na forma regressiva e falsificadora que imita ou reconstrói o existente em época distinta. Assim, o autor apresenta uma visão crítico-conservadora da intervenção em preexistências, caracterizada pela relação respeitosa e viva com a memória e reinterpretando características estilísticas presentes no existente, mesmo que apresentando-as em linguagem contemporânea. Carbonara, na apresentação da Teoria da Restauração de Brandi, quando da sua segunda edição, afirma estar convencido de que a linha mais adequada à defesa do patrimônio cultural seja mesmo a crítico-brandiana, mas alerta que é preciso ir além dela e analisar o caso de forma específica e

14 BRANDI, Cesare. TEORIA DA RESTAURAÇÃO. Ateliê Editorial, Cotia, 2004. p.244.

15 CARBONARA, Giovanni. ARCHITETTURA DOGGI E RESTAURO - UN CONFRONTO ANTICO-NUOVO. ATET Scienze Tecniche, Turim, 2011.

objetiva:

*(...) a ampliação que ocorreu do conceito de bem cultural fez emergir, na sua nova dimensão quantitativa, a necessidade de uma tutela difusa e de um empenho específico na defesa da documentação histórico-testemunhal como tal.*¹⁶

Sabe-se que reutilizar edifícios existentes não é uma prática inovadora e se tem registros de adequações operacionais pelo menos desde a conversão dos templos pagãos em igrejas. O Panteão de Roma, por exemplo, nasceu como templo pagão na era do Imperador Adriano, em 126 a.c. No século VII foi transformado em igreja, por decisão do papa Bonifácio IV. Desde o Renascimento, é usado como túmulo de personagens ilustres da história romana (figura 16).



Figura 15 — Galeria Uffizi, importante museu italiano.



Figura 16 — Panteão de Roma, templo pagão construído na era do imperador Adriano em 126 a.c. e transformado em igreja católica dedicada a Santa Maria Ad Martyres pelo papa Bonifácio IV, no século VII. Desde o Renascimento usado como túmulo de personas ilustres da história romana. Uma das estruturas mais bem preservadas de Roma, quicá por suas trocas operacionais ao longo da história.

Outro exemplo de reutilização para fins distintos dos originais é a Galeria Uffizi, em Florença (figura 15). Fundada em meados de 1560, com projeto original de Giorgio Vasari, acomodava o que se entende hoje como escritórios dos poderes judiciários de Florença. Poucos anos após sua inauguração, Francisco I de Médici decidiu utilizar um de seus pavimentos como galeria de arte. Após alguns reformas, este uso acabou tornando-se o principal da galeria, que até hoje é um importante museu da cidade.

Com o final da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de reconstruir cidades de forma rápida, ainda que com capital restrito,

16 CARBONARA, Giovanni. in: BRANDI, Cesare. TEORIA DA RESTAURAÇÃO. Ateliê Editorial, Cotia, 2004. p17

as principais cidades da Europa lançaram mão desta prática que, de certa forma, fortaleceu os anseios sentimentais da população, sedenta por manter um tanto de sua história, mesmo que reconstituída.



Figura 17 — Castelvecchio reformado através do projeto de Carlo Scarpa.

Exemplo dessa prática é a reconstituição do Museu Cívico Castelvecchio, em Verona (figura 17), projetada e coordenada pelo arquiteto Carlo Scarpa a partir de 1957. Segundo Francisco de Gracia:

Um paradigma da reconstrução/restauração rigorosa por uma parte e desinibida por outra, conseguindo-se uma brilhante síntese onde ficam aglutinadas modernidade e antiguidade, é, sem sombra de dúvida, a intervenção de Carlo Scarpa no Castelvecchio de Verona.¹⁷

A cidade de Verona estava estrategicamente posicionada e abrigava diversos ministérios da República Italiana, por isso sofreu com os bombardeios durante os combates da Segunda Grande Guerra. Na época, o atual museu abrigava a Fortaleza Castelvecchio, instituição de defesa construída entre 1354 e 1356. A reforma, cujo projeto é considerado uma das obras primas de seu autor, data de 1957 e leva em consideração as teorias de restauro mais vanguardistas da época, nas quais elementos modernos contrastam com os originais, que foram reconstituídos

17 DE GRACIA, Francisco. CONSTRUIR EN LO CONSTRUÍDO - LA ARQUITECTURA COMO MODIFICACIÓN. Nerea, Barcelona, 1992. p.191 (tradução nossa)

minimamente para garantir sua integridade estrutural. Os princípios da distinguibilidade, da reversibilidade e da mínima intervenção são evidentes nesse projeto, mesmo antes de Brandi cunhar sua Teoria da Restauração.

De forma diversa, mas inserido no mesmo contexto, procedeu-se a reconstrução do centro histórico de Varsóvia, quando cerca de 90% de sua área foi destruída pelos bombardeios nazistas (figura 18). Neste caso, após calorosas discussões, as reconstruções foram realizadas *com'era, dov'era*¹⁸ (figura 19). Interpretou-se, na época, que a população estava sentindo não só a lacuna gerada pela falta física de seus edifícios mas também sentia-se fragilizada por perder seus principais símbolos, a base de sua cidade. Em casos como esse é possível identificar uma certa flexibilização das rigorosas regras que vigoram para a ação de restauro, como a manutenção da pátina do tempo e a refutação a falsos históricos. A dimensão moral e o sentimentalismo acabam ganhando força quando da extinção de monumentos, ainda mais sob circunstâncias trágicas. A reconstrução daquela área, portanto, tornou-se “uma tarefa nacional, reflexo da vontade de superação do drama por parte do povo polaco”¹⁹ e tornou-se exemplo para outros casos semelhantes. Isso recebeu grande projeção simbólica, já que os cidadãos participaram de maneira ativa da reconstrução de sua cidade, tanto fornecendo testemunhos dos edifícios destruídos quanto defendendo essa reconstrução como símbolo de independência, liberdade



Figura 18 — Varsóvia destruída durante a Segunda Guerra Mundial.

Figura 19 — Centro Histórico de Varsóvia reconstruído com'era dov'era.

18 A expressão *com'era, dov'era*, que pode ser traduzida para “como era, onde estava”, foi cunhada no contexto da reconstrução do campanário de San Marco em Veneza, após seu desmoronamento em 1902. A opção por recompor de forma idêntica à original foi decidida pelo conselho comunal em caráter de urgência na própria noite de seu desabamento. Segundo Cunha, 2016, “essa postura contrariava as noções de restauração de seu tempo, que já condenavam a criação de falsos históricos como substitutos de verdadeiras obras de arte e de história”. A expressão passou a ser usada também para caracterizar as reconstruções que se sucederam ao segundo pós-guerra europeu. CUNHA, Claudia dos Reis e. Intervenções em edifícios religiosos de valor histórico-cultural: critérios e metodologias. Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade. São Paulo, nº 17, p. 22-45, 2016. (p.24)

19 MARTÍNEZ FERNÁNDEZ, 2007, p. 72 apud ANDRADE, 2013, p 69. ANDRADE, Nivaldo Pereira de. “Novas” questões na teoria da restauração do patrimônio urbano: identidades culturais, função social e participação dos usuários.

e sobretudo paz.

A literatura recente apresenta, ainda no contexto italiano, o ponto de vista trazido por Paolo Marconi, que, a partir dos anos 1980, passou a criticar o pensamento conservador difundido por Brandi. Segundo ele, as intervenções em edificações devem ser interpretadas de forma distinta às em obras de arte, por sua escala e amplo reflexo no local e contexto cultural nos quais se inserem. Marconi, ao contrário de Brandi e Carbonara, não refuta a re-priminção (ação de reconstrução *com'era dov'era* de parcelas do edifício ou mesmo de sua totalidade como forma de manter sua integridade física ou sua memória). Além disso, sustenta tanto a reestruturação funcional quanto a troca operacional na ocupação de obras restauradas e refuta a criação de um patrimônio inútil para a sociedade.

Fora do contexto italiano, o espanhol Antoni Moreno-Navarro²⁰ endossa essa visão através da Restauração Objetiva, apresentando como primeira ação a compreensão e valorização do monumento para, depois, evoluir com a intervenção. Por sua vez, a intervenção nos edifícios deve ser simultaneamente técnica, científica, criativa e social, com o objetivo de beneficiar sobretudo seus usuários. Essa modalidade de reforma, portanto, deve ser de caráter multidisciplinar, unindo interesses da iniciativa pública, privada, arquitetos e demais técnicos envolvidos.

Alois Riegl²¹, ainda no início do século XX, definiu alguns valores no culto aos monumentos. Caracterizou os valores de memória como de antiguidade (valor do monumento está na presença da pátina do tempo e este está fadado à ruína), histórico (valor está na conservação, no restauro do monumento) e de comemoração (a manutenção do monumento na memória de sua sociedade, mantendo sua integridade e uso). Ainda, caracterizou os valores de atualidade, o utilitário (permanência do monumento em operação, mesmo que substituindo o seu uso) e o de arte (a simbologia estética do monumento dentro de uma cidade).

Eis que a partir da segunda metade do século XX os valores caracterizados por Riegl foram gradualmente ganhando prestígio.

20 MORENO-NAVARRO, Antoni Gonzáles. LA RESTAURACIÓN OBJECTIVA (método SCCM de restauración monumental): memora SPAL 1993-1998. Diputación de Barcelona. Barcelona, 1999. p9, tradução nossa.

21 RIEGL, Alois. O CULTO MODERNO DOS MONUMENTOS - A SUA ESSÊNCIA E A SUA ORIGEM. Perspectiva. São Paulo, 2014.

Diversas razões, como a valorização econômica, a localização privilegiada dentro da cidade ou ainda a almejada sensação de pertencimento a uma cultura, levaram as ações de tutela do patrimônio arquitetônico para além do tombamento. Uma espécie de misto entre o valor de comemoração e o utilitário, possibilitada através das reformas e expansões sobre áreas construídas, chegou ao cotidiano, fixando-se como um ato pertinente para as sociedades contemporâneas. A partir da década de 1960, iniciou-se um processo conhecido como “inflação patrimonial”. O termo, cunhado por Françoise Choay, refere-se ao valor econômico do patrimônio histórico. Na prática, consiste na preservação indiscriminada do antigo pelo fato de sê-lo e a transformação desses elementos em fonte de renda, nos chamados “produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos”²², principalmente através do turismo de massas. Tal fenômeno, segundo a autora, acaba sobrecarregando as cidades com edifícios de altos custos de manutenção, que abrigam usos muitas vezes inadequados aos dias de hoje e paralisando outros projetos de organização do espaço urbano. O que se tem percebido nas décadas recentes é que o tombamento por si só também não é garantia de bom projeto:

*Ao fim e ao cabo, assim como não é verdadeiro afirmar que toda vez que as regras impostas pelo tombamento são desrespeitadas o resultado é desastroso, também seria falso alegar que seguir recomendações restritivas sempre garante a qualidade da obra. Talvez um novo encaminhamento a ser dado ao assunto permita que as partes interessadas tanto em preservar quanto em projetar percebam nas arquiteturas extemporâneas novas possibilidades de relação com os instrumentos de tombamento, que impliquem, inclusive, a inversão temporal de sua aplicação.*²³

Mais do que manter a herança histórica representada pela materialidade, observa-se a necessidade de promover novos usos através da transformação de edifícios e sítios existentes visando ao

22 CHOAY, Françoise. A ALEGORIA DO PATRIMÔNIO. Editora UNESP. São Paulo, 2006, 4 edição. p211.

23 PELLEGRINI, Ana Carolina. O patrimônio projetado. In: IV Enanparq, 2016. Porto Alegre. p6

futuro e não apenas ao passado. As transformações na forma e no uso muitas vezes tornam-se responsáveis pelo equilíbrio econômico na manutenção das edificações de outrora. As novas funções e anexos acabam formando, junto com os exemplares preexistentes, uma combinação que atrai a simpatia de diversas camadas da população. Também se percebe atualmente um crescente interesse na renovação de uso em conjunto com a manutenção da pátina do tempo nos conjuntos antigos em substituição ao restauro à imagem original.

A obra arquitetônica, por ser uma arte eminentemente utilitária, necessita ser continuamente usada para sobreviver. As ruínas, em sua maioria, são testemunhos de edifícios que ficaram ociosos. A readaptação é uma das soluções para preservar a obra de arquitetura de valor cultural, mas ela deve atender à vocação específica da tipologia arquitetônica a que pertence o monumento.²⁴

Frente a este contexto, o autor espanhol Francisco de Gracia discorre, já nos anos 1990, sobre o desafio de conferir nova forma a um lugar que já possui uma organização preestabelecida, ação que inevitavelmente altera o espírito do lugar. Segundo o autor, a rica literatura teórica de nosso século não elaborou nada contundente sobre a maneira prática de se estabelecer a dialética entre a nova arquitetura e a cidade construída e estranha quando a temática da inserção da nova arquitetura no tecido urbano constituído é tomada de empirismo e sensibilidade espontânea. Também critica, assim como Choay, a supervalorização do valor de antiguidade enunciado Riegl:

“Toda preservação do patrimônio edificado tem de se apoiar em ações positivas, admitindo-se que a velha arquitetura – também a velha cidade – há de se submeter a uma verificação ativa onde deverão ser determinados os limites da ação conservativa e da ação modificadora, evitando-se a hipertrofia de que Alois Riegl definiu como o valor de anitgüidade, quem, referindo-se ao monu-

24 CORREIA LIMA, Cyro. A importância do uso na preservação da obra de arquitetura. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA - UFRJ. Rio de Janeiro, 2006. p 53

mento histórico-artístico, afirmou, já em 1903, que o “culto ao valor de antiguidade atua contra a conservação do monumento”.²⁵

Também é perceptível que a aplicação das teorias de restauro, desenvolvidas e discutidas com relação a bens que foram inventariados ou tombados segundo regras restritivas, herdadas desde a Revolução Francesa²⁶, acaba sendo utilizada em dias atuais para nivelar qualquer intervenção em edifícios e centros urbanos existentes. Uma das causas dessa ocorrência pode ser atribuída à lacuna existente na literatura do assunto, que normalmente é destinada à discussão acerca do restauro de monumentos tombados. O pensamento contemporâneo leva a crer que as intervenções precisam ser flexíveis, utilitárias e sobretudo críticas, já que os edifícios históricos precisam ser adaptados à cidade contemporânea de forma subsistente. Marcelo Ferraz endossa a visão de José Artur D’Aló Frota afirmando a “necessidade de uma evolução na dialética das relações entre a cidade e as novas intervenções”²⁷. Em seu livro *Arquitetura Conversável*, o autor escreve sobre reformas que transformam a edificação original e passam a incluí-la de forma ativa nas novas dinâmicas da sociedade:

Uma pergunta básica, porém, deve preceder essa discussão: restaurar e preservar para quê? Ora, só nos interessa o passado de pedra, barro e cal, madeira, ferro e tinta – o passado “construído” – se pudermos torná-lo vivo, útil, atual, necessário na contemporaneidade para além de sua função documental. E mais, se ele servir de espelho, de referência a um futuro por construir.²⁸

É urgente o desenvolvimento de teorias que possam ser aplicadas à prática transformadora da arquitetura existente como meio de

25 DE GRACIA, Francisco. CONSTRUIR EN LO CONSTRUIDO - LA ARQUITECTURA COMO MODIFICACIÓN. Nerea, Barcelona, 1992. p.24 (tradução nossa)

26 CHOAY, Françoise. A ALEGORIA DO PATRIMÔNIO. Editora UNESP. São Paulo, 2006, 4 edição. p98..

27 FROTA, José Artur D’Aló. Revista Arqtexto, no 5. Departamento de Arquitetura – PROPARG – UFRGS, Porto Alegre, 2004.

28 FERRAZ, Marcelo Carvalho. ARQUITETURA CONVERSÁVEL. Casa do Azougue. Rio de Janeiro, 2011. p 158.

manutenção dos exemplares antigos na sociedade contemporânea. Assim não será mais necessário empregar os métodos de restauro tradicional em intervenções que não possuem esse caráter.

Na terceira parte do seu livro *Construir no Construído - a arquitetura como modificação*, Francisco De Gracia estabelece meios de caracterizar as arquiteturas extemporâneas através de níveis de atuação e estabelece os padrões de atuação para finalmente discutir as atitudes a serem tomadas frente a cada contexto. Em virtude de sua preocupação com a dimensão prática da preservação do patrimônio e por assumir que muitos bens históricos precisam passar por processos transformadores para poder continuar existindo, este autor foi eleito como referência teórica para analisar o estudo de caso a ser abordado neste trabalho, o *campus* Lo Contador, em Santiago.

As próximas páginas, portanto, irão se dedicar à interpretação desses níveis de intervenção apresentados por De Gracia.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO: A AÇÃO MODIFICADORA DE FRANCISCO DE GRACIA

*A cidade é um patrimônio do passado a ser transferido para o futuro e, sim, é possível ser melhorada pelo presente.*²⁹

Francisco de Gracia, em *Construir no Construído - a arquitetura como modificação*, sustenta que uma intervenção bem sucedida em uma forma existente precisa partir de uma análise complexa. Segundo ele, a literatura não é competente quando discorre apenas de maneira teórica, não auxiliando o projetista em termos práticos. A literatura tradicional a respeito do patrimônio edificado geralmente se refere à atividade de restauro, que é uma operação de outra natureza, com outra finalidade. Entretanto, as intervenções contemporâneas em edifícios antigos não raramente fazem uso das teorias de restauro para chancelar seus procedimentos. Essa postura poderá ser flexibilizada se a literatura discorrer de forma diferente com as intervenções em sítios não tombados, o que tende inclusive a fomentar intervenções mais competentes.

29 DE GRACIA, Francisco. *CONSTRUIR EN LO CONSTRUIDO - LA ARQUITECTURA COMO MODIFICACIÓN*. Nerea, Barcelona, 1992. p.179. (tradução nossa)

De Gracia diz que as vanguardas anti-historicistas e modernistas do início do século XX colocaram o patrimônio cultural em risco através do que ele chama de “messianismo profético e regenerador”³⁰, deixando as novas gerações de arquitetos com dúvidas sobre se é mais prudente embalsamar as obras do passado ou revisita-las de forma crítica, tornando-as parte do cotidiano das sociedades. Embora defenda a segunda opção, critica as crescentes ações de alteração da forma antiga sem propósito crítico:

*“Uma consequência dessa incontinência tem sido a inclinação dos arquitetos a modificar os lugares em vez de melhorá-los, sem reparar que a melhora nem sempre acompanha a modificação.”*³¹

Em sua análise metodológica, o autor sugere a adoção um critério racional como condição fundamental ao projeto. Segundo ele, esta é uma das formas de garantir sua qualidade, uma vez que alterar um edifício pressupõe também alterar seu *genius loci*³² e o resultado dessa modificação pode não ser tangível. O rigor técnico apresenta-se, portanto, como uma espécie de garantia de qualidade, pelo menos formal.

Na terceira parte do livro, Francisco de Gracia discute a própria ação modificadora e a divide em três etapas: **os níveis de intervenção, os padrões de atuação e as atitudes frente ao contexto**. O objetivo dessa metodologia analítica é, através de exemplos, comprovar que existem alguns padrões que se repetem e que podem abranger novos projetos, formando uma teoria geral da modificação, que não deve ser confundida como uma doutrina ou um tratado, já que objetiva auxiliar o projetista por meio de exemplos práticos.

30 Ibid., p 20. (tradução nossa)

31 Ibid., p 20. (tradução nossa)

32 Christian Norberg-Schulz adapta o antigo conceito romano de *genius loci* ao campo da arquitetura quando descreve que o termo significa a expressão conjunta das características naturais e construídas, incluindo, entre outros, as ambientais, socioculturais, arquitetônicas e de hábitos que caracterizam um lugar e o diferenciam de outro. NORBERG-SCHULZ, Christian. *GENIUS LOCI, TOWARDS A PHENOMENOLOGY OF ARCHITECTURE*. . Ed. Rizzoli, New York, 1980.

A — OS NÍVEIS DE INTERVENÇÃO

Nesta primeira etapa as intervenções são agrupadas de acordo com a escala de sua abrangência. Para interferir de forma consciente na dinâmica da cidade é necessário que o arquiteto possa reconhecer os limites de sua atuação, a área a ser afetada pela intervenção, mesmo que esteja restrita ao próprio limite do edifício. Portanto, os três níveis sugeridos pelo autor são: a modificação circunscrita, a modificação do *locus* e o padrão de conformação urbana. A adoção de um ou outro nível denotará a dimensão crítica e transformadora da intervenção. Esses níveis serão discutidos de maneira mais aprofundada ao longo deste trabalho.

B — OS PADRÕES DE ATUAÇÃO

Nesta etapa o autor parte do princípio de que não são apenas a sucessão temporal e as ações improvisadas que estabelecem as modificações dentro da cidade. E que cada edifício é um elemento importante dentro do contexto urbano. Então, à medida em que é possível discutir e elencar níveis de alteração, é possível também conduzir um processo evolutivo dentro de uma metodologia planejada. Os padrões de atuação são, portanto, esquemas técnicos de contextualização de uma intervenção dentro de sua rede de conexão imediata. Isso não significa que toda intervenção precise se adequar em sua totalidade a um só padrão, e sim que há uma forma de reconhecer padrões existentes e bem sucedidos e utilizá-los como referência.

No livro o autor elenca cinco padrões: conformação do tecido urbano; oclusão do espaço urbano; continuidade de imagem; recriação de formas tipológicas; colisão de estruturas formais.

C — AS ATITUDES FRENTE AO CONTEXTO

A partir da definição do padrão de atuação, Francisco de Gracia admite uma ampliação de possibilidades de atitude frente ao contexto pré-estabelecido. Antigamente, segundo ele, eram três as atitudes principais:

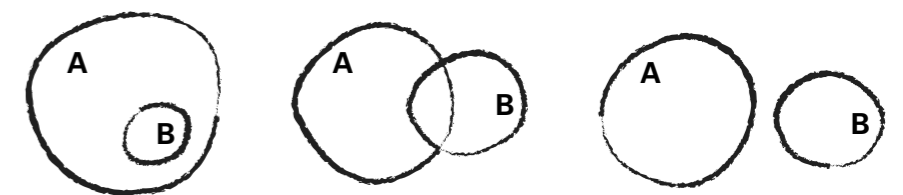
1. a ruptura descontextualizada da arquitetura moderna com os edifícios históricos;
2. a proposição de uma arquitetura que se manifestava historicista, mesmo que anacrônica, que trazia significados nostálgicos, através de mimetismos e até falsos históricos;

3. a produção de uma arquitetura que, com maestria de desenho, chegaria a superar a suposta impossibilidade de integração sem renunciar sua condição extemporânea. Essa arquitetura poderia até aludir a outras, mas não de forma reprodutiva.

A partir da última atitude abriu-se caminho para uma relação dialética com o contexto e, por consequência, para a ampliação dessa divisão, à medida em que se adicionam matizes. Assim apareceram derivações projetuais que permitem ampliar o espectro de atitudes e obter uma riqueza de relações a partir da sobreposição de significados. Entre outras, arquiteturas descontextualizadas, contrastantes, folclóricas, historicistas, reinterpretadas.

Ainda, segundo De Gracia, desde o Movimento Moderno, o ato de intervir em arquiteturas existentes se faz de duas maneiras: ou se atua cirurgicamente em uma ou duas edificações ou se promove sua conservação como “cistos arqueológicos”. O que o autor propõe é que, através da padronização de algumas estratégias de intervenção, seja possível atuar de forma consciente e certa, aumentando a chance de garantir o diálogo entre a arquitetura antiga, a atual e a futura, vinculadas ou não umas às outras. A consciência das diferentes naturezas dos procedimentos de intervenção deve ser eficiente no que diz respeito tanto a salvaguardar o patrimônio quanto a modificá-lo e fazê-lo exercer seu papel na evolução da cidade.

Figura 20 — Relações de inclusão, intersecção e exclusão



OS NÍVEIS DE INTERVENÇÃO

Ao refletir sobre maneira de estabelecer a dialética entre a nova arquitetura e a cidade construída, De Gracia acaba seguindo as bases do Restauro Crítico de Brandi e enuncia alguns princípios fundamentais que estabelecem relações entre uma forma existente, limitada, e uma nova contribuição formal. Segundo ele, as intervenções em edificações existentes respondem primeiramente, a um dos três princípios: inclusão, intersecção ou exclusão (Figura 20).

Conforme se vê acima, a relação de **inclusão** é caracterizada pela completa absorção da intervenção (B) pela edificação original (A); na relação de **intersecção** o elemento novo (B) atua como modificador dos limites do elemento existente (A); no caso da **exclusão** os elementos, existente e novo, são completamente separados.

Na reforma do Castelvecchio de Carlo Scarpa, citada anteriormente, a nova arquitetura atua como subsidiária da forma existente. Embora as parcelas do castelo que sofreram intervenção ou reconstrução sejam perceptíveis, denotando o viés crítico e evitando falsos históricos, a totalidade do complexo formado pelo castelo (Figura 21) e a ponte (Figura 22) - essa reconstruída *com'era dov'era* com material original após a Segunda Guerra - não passou por alterações significativas, tampouco expansão de área. A linguagem pré-existente segue exercendo papel predominante, mesmo havendo completa modificação de uso dos espaços, que passaram a receber exposições de arte.

*O caso das “operações inclusivas” supõe uma atitude de desenho segundo a qual, respeitando-se em termos gerais a presença externa do edifício, o esforço modificador se concentra no interior.*³³

De Gracia é preciso quando afirma que não só as trocas de uso e complementos formais, mas até mesmo os incrementos de área podem ser caracterizados como operações inclusivas. A reforma de Gustavo Scheps na antiga Casa da Máquinas da Faculdade de Engenharia da Udelar (figura 23) apresenta-se como mais um exemplo dessa relação, uma vez que multiplica a área da casa de máquinas sem alterar o envoltório original, denotando o contraste entre estrutura pré-existente e intervenção:

*Certas intervenções se caracterizam por ocupar espaços abertos internos ao próprio edifício ou conjunto sobre o que se trabalha, espaços de caracterização tipológica em geral, sejam pátios, corredores ou outros espaços abertos. Esses espaços são utilizados muitas vezes para ampliação do próprio edifício histórico, mantendo-se a imagem externa, podendo ser consideradas também operações endógenas.*³⁴



Figura 21 — Castelvecchio reformado.



Figura 22 — Ponte Scaligero, no complexo de Castelvecchio.



Figura 23 — Reforma na Sala de Máquinas da Faculdade de Engenharia - UDELAR.



Figura 24 — Teatro Sagunto: Novo material, na expansão da área, remontando à estrutura original que não mais existia.



Figura 25 — estrutura existente foi reabilitada.

O segundo princípio, a intersecção, ocorre quando a nova forma atua como modificadora dos limites da forma existente. Ambos os elementos compartilham uma porção de si mesmos e ao mesmo tempo possuem um conjunto de pontos em comum. São os casos onde há expansão de área e também reabilitação de elementos existentes. Como exemplo é possível citar a intervenção Teatro Romano Sagunto, em Valência, onde Giorgio Grassi projetou a reabilitação de alguns elementos (figura 25) e expandiu sua área (figura 24), reconstituindo a volumetria que a ruína não contemplava mais.

O último princípio fundamentado por De Gracia é o da **exclusão**, quando não há elementos em comum entre forma antiga e forma nova. São dois conjuntos separados. Nesse caso, para constituir uma forma arquitetônica integrada, é necessário um elemento de ligação. Essa é a relação mais simples que pode acontecer entre dois elementos, um existente e outro novo, já que o diálogo ocorre à distância. Na figura 26 percebe-se esse tipo de relação

Figura 26 — Edifício Acadêmico Faculdade de Artes: exemplo da relação de exclusão, que o edifício novo não se funde com o existente senão por meio de conectores externos.

Figura 27 — Continuidade dada pelo tijolo, porém sem falso histórico.



33 Ibid., p.199. (tradução nossa)

34 Ibid., p. 209. (tradução nossa)

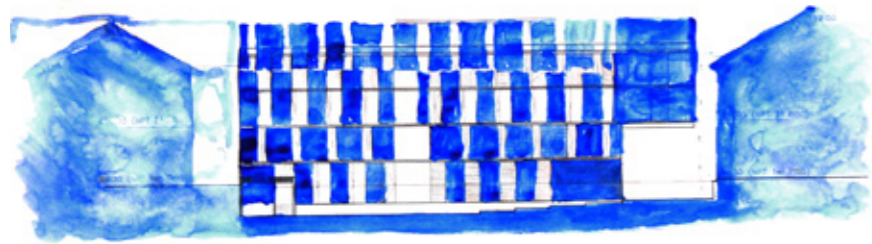
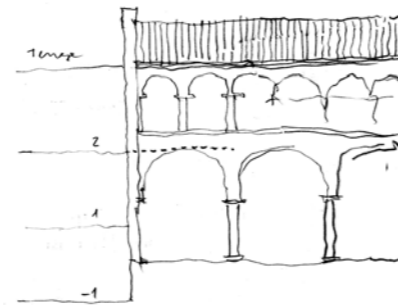


Figura 28 — No desenho fica clara a intenção de continuidade dada pelo uso do tijolo aparente, mesmo material e tonalidade do edifício existente.

Figura 29 — Busca por alinhamentos correspondentes no Edifício Acadêmico do Campus Oriente.



no Edifício Acadêmico da Faculdade de Artes, no já citado *campus Oriente*. Nesse caso o novo edifício não encosta a arquitetura preexistente e é projetado como um complemento significativo de área, que inclusive passa a fundamentar uma praça central. Para a atividade de projeto, Francisco de Gracia elenca três recursos que julga adequados na hora de atuar de forma exclusiva nas formas já constituídas:

- a) busca de correspondências métricas, geométricas e de proporção com intenção de conseguir a congruência gestáltica;
- b) reiteração de recursos figurativos ou estilísticos para favorecer a continuidade da imagem;
- c) homologação das eleições formais mediante ao recurso do parentesco tipológico.³⁵

A adoção de um ou outro recurso graduará a dimensão crítica e transformadora da intervenção. No caso do *campus Oriente* o uso dos tijolos aparentes é apresentado como um recurso estilístico que favorece a continuidade da imagem (figura 27). Nos croquis dos autores é possível interpretar tanto essa intenção (figura 28) quanto a busca por correspondências geométricas, no alinhamento dos pavimentos (figura 29) e na equivalência da altura do edifício novo com os do edifício antigo.

Essas relações formais entre a arquitetura existente e a nova levam a princípios mais aprofundados, os **níveis de intervenção**. Segundo De Gracia, o nível inicial da modificação é marcado pelas operações simples de restauro ou reabilitação. No outro extremo estão as intervenções que se tornam impossíveis apenas no âmbito do projeto de arquitetura e que, para serem executadas, exigem também desenho urbano. Dessa forma, é possível dividir os níveis de intervenção em três categorias:

35 Ibid., p.188 (tradução nossa)

1 — A MODIFICAÇÃO CIRCUNSCRITA

Neste grau de intervenção, o edifício existente é considerado uma realidade individual. Qualquer operação é balizada pelo limite volumétrico da arquitetura existente. Diz respeito à remodelação interna, restauro ou ampliação moderada, com repercussão mínima em seu entorno, como, novamente, o caso da Sala de Máquinas da Faculdade de Engenharia. Considera-se aqui, também, os casos de reconstrução mimética de edifícios destruídos ou parcialmente degenerados, como a citada reconstrução dos edifícios do centro histórico de Varsóvia logo após a Segunda Guerra. Essas ações afetam a durabilidade do edifício, assim como a sua materialidade e adicionam novos ares ao significado do edifício perante seus usuários.

Esse tipo de intervenção será bem sucedido se de alguma forma dialogar com o edifício anterior, obedecendo a uma hierarquia.

2 — A MODIFICAÇÃO DO LOCUS

Locus, ou simplesmente lugar, pode ser definido, de acordo com Christian Norberg-Schulz como “a concreta manifestação do habitar humano”³⁶. O valor do *locus*, segundo Aldo Rossi, diz respeito à “relação singular mas universal que existe entre certa situação local e as construções que se encontram naquele local”³⁷.

No grau de intervenção que modifica o *locus*, as intervenções repercutem sobre uma estrutura aparentemente consolidada, alterando o seu *genius loci*. O que se verifica é uma operação com escala maior que a anterior, refletindo e estabelecendo novas relações tanto formais quanto de uso com seus vizinhos. Consideram-se aqui as intervenções que podem não ter alcance urbanístico por estarem vinculadas a um certo limite de escala, mas que de alguma forma alteram o espírito do entorno imediato da edificação existente. São casos como ampliações de dimensão considerável, novos corpos autônomos conectados a existentes e novos volumes que servem de união para outros mais antigos. Em geral, são edifícios novos que ocupam espaços intersticiais e contribuem com sua transformação. Os novos elementos “são formas dentro de um campo perceptivo, previamente limitado e significativo, que representa o caráter de

36 NORBERG-SCHULZ, Christian. GENIUS LOCI, TOWARDS A PHENOMENOLOGY OF ARCHITECTURE. . Ed. Rizzoli, New York, 1980. p.6. (tradução nossa)

37 ROSSI, Aldo. A ARQUITETURA DA CIDADE. Martins Fontes, São Paulo, 1998. p. 147

*locus*³⁸. Nesse tipo de modificação, segundo o autor, é imprescindível que se tenha juízo crítico para “desemaranhar as sutis e muitas vezes ocultas relações entre lugar e nova incorporação, reconhecendo a estrutura do contexto”³⁹.

3 — PADRÃO DE CONFORMAÇÃO URBANA

São operações que afetam diretamente o caráter morfológico de parte de um território. Um grau de intervenção que sugere um modo particular de construir a cidade. Independentemente da escala e grau de extensão, são práticas modificadoras que visam a consolidar tanto os cheios quanto os vazios. É possível identificar esse padrão como um regenerador de áreas com indefinições formais dentro de um bairro ou cidade, ou em locais onde a ordem existente não merece ser considerada dominante. Os casos dessa categoria são imediatamente sequenciais aos casos da categoria anterior, a modificação do *locus*, já que uma das consequências da nova conformação urbana é justamente a modificação da essência do lugar. Normalmente as remodelações de bairros e reestruturações de áreas degradadas encaixam-se nessa categoria. Francisco de Gracia apresenta como exemplo extremo dessa categoria o Plan Voisin de Paris (figura 30), onde Le Corbusier propõe a mudança de caráter do bairro histórico tanto através da arquitetura quanto do planejamento urbano, estabelecendo total ruptura com o contexto histórico e ignorando mudanças graduais. Esse padrão pode também ser expressado através das reconstruções do pós-guerra que não optaram, como Varsóvia, pela reconstrução *com'era dov'era*. Ainda como exemplos é possível citar as diversas restituições de Berlim após os bombardeios da Segunda Guerra, como a Potsdamer Platz, devastada em 1945 (figura 31) e reconstruída a partir de 1989, após a queda do Muro de Berlim (figura 32).



Figura 30 — Plan Voisin, reestruturação urbana, definindo os setores diferentes divididos por grandes eixos viários.



Figura 31 — Potsdamer Platz no final da Segunda Guerra.



Figura 32 — Potsdamer Platz reconstruída. Processo iniciado após a queda do Muro de Berlim.

O primeiro nível de intervenção, a modificação circunscrita, assemelha-se com a relação de inclusão citada no início do capítulo. As duas reformas já apresentadas (Castelvecchio e Sala de Máquinas da Faculdade de Engenharia da UDELAR) também podem ser inseridas nesse nível.

A partir dos próximos capítulos, será realizada uma apresentação do *campus* Lo Contador, da Pontifícia Universidade Católica do Chile, e categorização das diversas intervenções, reformas e anexos que fazem parte de sua história, bem como a relação do *campus* com a evolução urbana do bairro onde está inserido. Posteriormente, serão elencadas as modificações mais relevantes e feita a análise de sua relação com os níveis de intervenção listados por Francisco de Gracia.

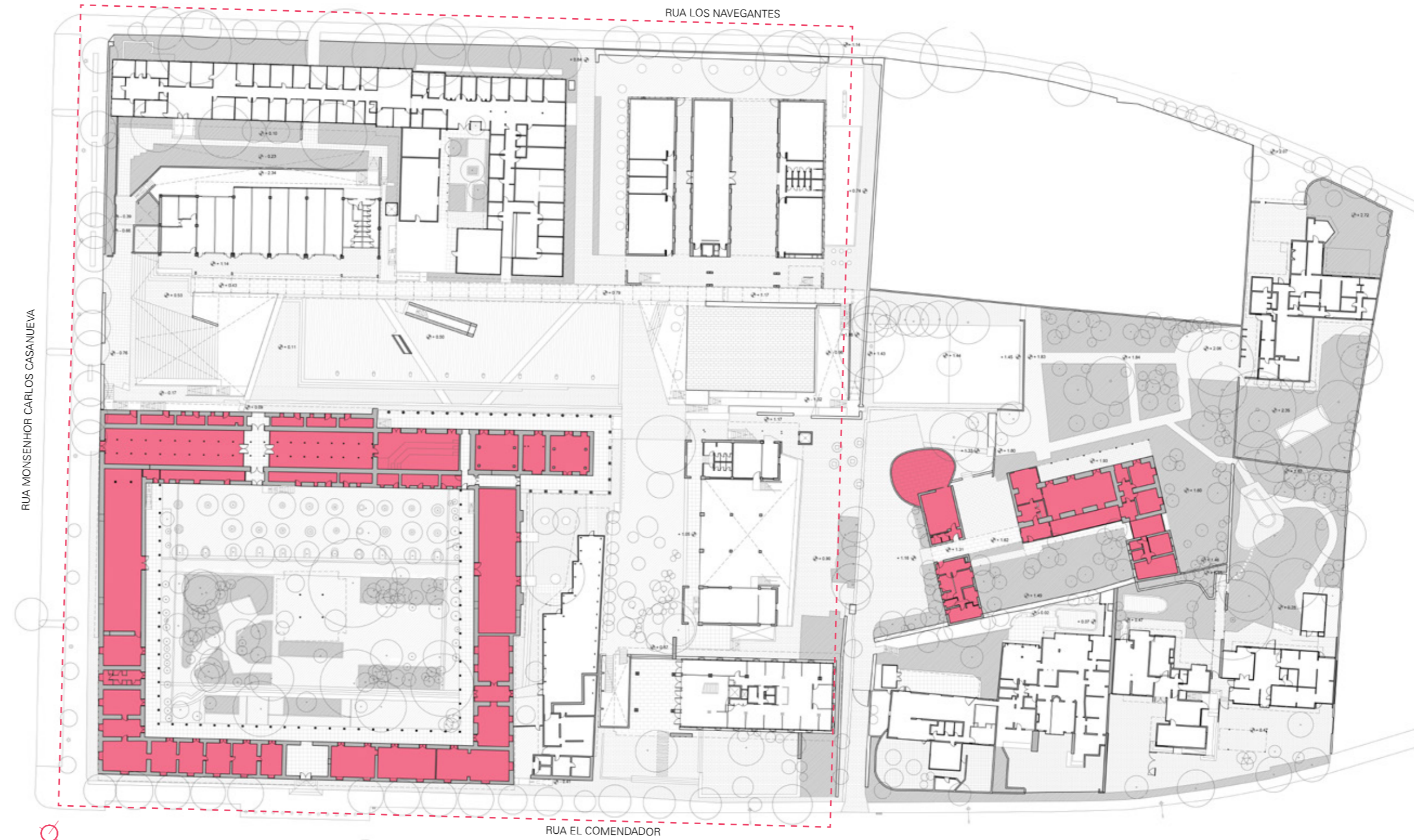
38 DE GRACIA, Francisco. CONSTRUIR EN LO CONSTRUÍDO - LA ARQUITECTURA COMO MODIFICACIÓN. Nerea, Barcelona, 1992. p.215. (tradução nossa)

39 Ibid., p.230 (tradução nossa)



Figura 33 — Implantação do *campus* Lo Contador: A Casona (em destaque), que possui esse apelido desde sua grande expansão, quando foi transformada em casa de retiros, é a peça fundamental do *campus*. Na área tracejada, o terreno

original adquirido pela PUC em 1959. A casa de Sergio Larrain, também destacada, embora fizesse parte do conjunto inicial da fazenda como casa de serviço, não fez parte da primeira fase do Campus Lo Contador.



O *campus* Lo Contador é o menor dos quatro *campi* universitários da Pontifícia Universidade Católica do Chile, abrigando atualmente 8% da comunidade acadêmica da instituição, distribuída nos cursos de Arquitetura, Desenho e Estudos Urbanos. A área onde hoje se instala o *campus* foi adquirida pela universidade em 1958 e recebeu as instalações do curso de Arquitetura e Urbanismo em 1959, após ter passado por algumas adaptações, preservando sua maior e mais importante preexistência: uma casa colonial datada da década de 1740, que abrigara funções distintas ao longo de sua existência. O responsável pela compra e adaptação da Casona, como ficou conhecida a Casa de Lo Contador, foi o, então, decano da faculdade de arquitetura, Sergio Larraín García-Moreno (1905-1999). Precursor da Arquitetura Moderna no Chile, Larraín é considerado um dos expoentes da arquitetura chilena, tendo viajado à Europa, conhecido Le Corbusier, Walter Gropius e Mies van der Rohe, e entrado em contato com o método da Bauhaus. Projetou durante grande parte de sua vida profissional em parceria com Jorge Arteaga e Emilio Duhart. Sergio também foi entusiasta da arqueologia e foi responsável pela fundação do Museu de Arte Precolombino de Santiago, no ano de 1981, doando ao acervo sua coleção pessoal

de objetos arqueológicos.

O terreno que recebe esta parcela da Universidade Católica era uma antiga fazenda localizada na região norte de Santiago. O que, na época, ainda era zona rural transformou-se no atual bairro Pedro de Valdivia Norte (figuras 34, 35 e 36). A Casona traça a identidade do *campus* que cresceu simultaneamente transformando e preservando essa e outras edificações adquiridas posteriormente. O local, que reflete um pouco da história da evolução urbana de Santiago, apresenta também a variedade da arquitetura do país ao longo dos anos, e, sobretudo, transpira um forte *genius loci*, provando através de um espaço plenamente adaptado ao uso e ao cotidiano contemporâneos que a utilização de edifícios históricos confere ao espaço uma atmosfera tanto cultural quanto arquitetonicamente mais rica. Hoje a Casona é considerada patrimônio nacional e a legislação de proteção que incide sobre ela impede novas construções nos 22,5 metros adjacentes à sua fachada norte, isto é, a que mira o centro do terreno que abriga o *campus*. Todavia, não determina regras sobre adaptações internas ou trocas de uso, inclusive porque a própria história de preservação da casa é alicerçada na constante transformação das atividades por ela abrigadas ao longo de sua existência.

Frente à breve contextualização, este capítulo pretende apresentar, através de sua história, a importância das transformações da Casona para sua preservação como patrimônio edificado e para o desenvolvimento do *campus* universitário.



Figura 34 — Implantação da casa antes do início do processo de urbanização do bairro.

Figura 35 — Foto aérea da região da fazenda em 1943, ainda zona rural.

Figura 36 — Foto aérea da região da fazenda em 1954, em início de processo de urbanização.

Figura 37 — A Casona atualmente.



3.1 — DESENVOLVIMENTO CONJUNTO

Esta grande casa inserida no que outrora foi uma fazenda (figura 37) é um resquício da Santiago pequena e rural do século XVIII. A formação da chácara é o resultado de um longo processo evolutivo, que dependeu de diversos fatores, como os interesses de seus proprietários, os usos destinados à terra e a própria força de crescimento da cidade. Tais fatores podem ter alterado as formas atingidas pela casa ao longo de seu desenvolvimento. A casa é um símbolo do desenvolvimento desta região de Santiago, uma vez que cresceu junto com a cidade.

Durante os séculos XVII e XVIII, as terras entre o Morro São Cristóbal e o Rio Mapocho, na zona norte de Santiago, eram totalmente subdivididas (figura 38). A fazenda onde se insere a casa foi o resultado da unificação de diversos desses terrenos, em meados do século XVIII, por Francisco de Avaria, que havia adquirido vários lotes da família do posseiro original, Rodrigo de Araya. Avaria, na unificação dos lotes, coincidiu os limites da fazenda com características geográficas, como a base da Cordilheira dos Andes e o Rio Mapocho, adaptando a divisão territorial à natureza e prevendo o crescimento da cidade em consonância com sua geografia (figura 39). Na fazenda, construiu uma casa, herdada por sua sobrinha órfã Mercedes Contador. A implantação da casa foi definida de acordo com as linhas agrícolas do terreno, irrigadas não só pelo Rio Mapocho, como também pelos canais El Carmen e Santo Domingo (figura 40). A divisão territorial idealizada por Avaria foi mantida posteriormente como uma espécie de plano diretor para o desenvolvimento do tecido urbano da região. Apesar de a fazenda estar relativamente próxima ao centro de Santiago, estabeleceu-se como uma chácara suburbana, uma propriedade rural que se dedicava ao cultivo de pomares de oliveiras, nogueiras e parreiras (figura 41). Na

época da fundação da chácara, Santiago possuía 40 mil habitantes e a região apresentava difícil conexão com o centro da cidade. Foi somente com a construção da ponte Cal y Canto, entre os anos de 1767 e 1782, que a cidade passou a crescer em sentido norte, na direção do Morro, facilitando a relação da Fazenda Contador com o centro.

A construção da casa remonta à década de 1740. Inicialmente uma quinta, a casa colonial, de partido arquitetônico inspirado

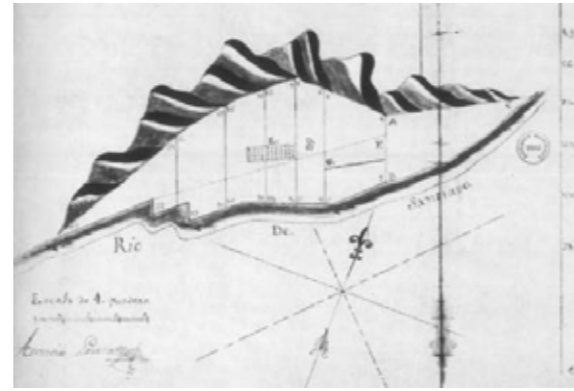


Figura 38 — Plano de divisão territorial entre o Morro San Cristóbal e o rio Mapocho.

Figura 39 — Lo Contador e o Morro San Cristóbal vistos desde o rio Mapocho.

Figura 40 — A Casona no centro da fazenda, cujas glebas produtivas eram irrigadas pelo rio Mapocho e outros dois canais (El Carmen e Santo Domingo). No alto é percebido o Morro San Cristóbal exercendo o limite norte da Chácara Contador.

Figura 41 — Antigo mapa datado de 1901, contendo o zoneamento da fazenda na época. Ao norte, zona de cultivo de nogueiras; na parcela central, oliveiras



nas grandes casas de campo europeias, apresentava a tradicional solução de um bloco único de dois pavimentos com corredores nas duas fachadas principais, sendo o térreo abrigo para as áreas de serviço e o pavimento superior destinado às alas social e íntima da família, com acesso independente por uma escada externa. Logo que sua construção foi finalizada, foram adicionados, no térreo, dois lagares⁴⁰. A cozinha, como em diversas outras casas da época, era localizada como um anexo independente, ao norte. A estruturação do casarão dava-se por meio de dois grandes muros longitudinais de adobe conectados entre si por peças do mesmo material fundamentando a forma da planta inferior. Segundo Sandra Iturriaga e Wren Strabuchi⁴¹, esses muros foram determinantes no crescimento da área, atuando como guias tanto na manutenção da forma da casa ao longo do tempo quanto como limitadores da implantação dos edifícios construídos posteriormente. A estrutura do piso superior e telhado apresentava-se em madeira, com cobertura em telhas de barro (figura 42).

É bem verdade que a casa não foi, ao tempo de sua construção, uma grande inovação arquitetônica, tampouco tornou-se



Figura 42 — Corte transversal da casa mostrando os grandes muros de adobe, as estruturas internas de madeira e as telhas de barro.

especialmente notável com o passar do tempo. Apesar de uma solução arquitetônica tradicional, a edificação apresenta técnica construtiva que, segundo Oyarzun “representa o saber construtivo local”⁴² de maneira madura, sendo esse um dos motivos de sua atual preservação. Moreno-Navarro afirma também que:

*Em ocasiões, sem dúvida, os incentivos que nos induzem a conservar determinados objetos construídos estão relacionados com os sentimentos de admiração, nostalgia, temor ou esperança que a comunidade depositou neles.*⁴³

A casa Lo Contador tornou-se, através de seu crescimento e manutenção ao longo dos anos, um exemplar relevante da construção colonial chilena, acompanhado também as mudanças do sítio. O crescimento de Santiago complementou o desenvolvimento da casa, já que esta sofreu adaptações de acordo com as mudanças urbanas. Uma delas é a alteração da fachada principal (primeiramente oeste e posteriormente, sul) a partir do crescimento da cidade para o leste. Por sua vez, a casa contribuiu para a cidade, tornando-se base para a legislação que passou a ordenar as construções da região.

3.2 — ADAPTAÇÃO OPERACIONAL

A sede da Chácara Contador permaneceu com sua configuração inicial até meados de 1840. Passou pela primeira alteração formal significativa devido à mudança de uso. Por desejo de Mercedes Contador, tornou-se um local voltado à realização de retiros espirituais (ver plantas, p. 61). Nesse período, a edificação passou por relevante expansão a fim de abrigar uma capela, um refeitório e dormitórios para alojamentos. Essa alteração foi crucial para consolidar a casa com pátio interno que se conhece hoje: a capela e o refeitório foram concebidos como corpos independentes, perpendiculares ao edifício inicial. Junto ao refeitório, uma nova cozinha. Paralelamente ao volume inicial, foi construído um volume para quartos. Os sanitários, construídos para servir aos novos aposen-

42 OYARZUN, Fernando Pérez. Lo Contador: casa, barrio, ciudad. In: ARQ (Santiago), Santiago, n. 65, 2007. p 14.

43 MORENO-NAVARRO, Antoni González. LA RESTAURACIÓN OBJETIVA (Método SCCM de restauración monumental). Disputación de Barcelona. Barcelona, 1999. p 11 (tradução nossa)

40 Oficina com os aparelhos para espremer frutos (uva, azeitona), reduzindo-os a líquido.

41 ITURRIAGA, Sandra; STRABUCCHI, Wren. Intervenciones y persistencias: dos trazas en lo Contador. In: ARQ (Santiago), Santiago, n. 68, 2008. p. 34.

tos, tornaram-se o elo de ligação entre o volume dos hóspedes e a capela. A forma quadrada final só se configurou na década da 1860, com a construção de mais alojamentos (ver plantas, p. 61). Foi após esse período de expansão que ficou conhecida como Casona.

Entretanto, após alguns anos, os retiros espirituais tornaram-se pouco frequentes, o que deixou a Casona vulnerável a deteriorações e saques. Durante a Guerra do Pacífico⁴⁴, a casa chegou a ser utilizada como hospital, mas sem sofrer reformas. Assim permaneceu até os falecimentos tanto de Mercedes quanto de seu herdeiro, Diego Martínez Contador, que tratou de promover pequenas manutenções estruturais e retirar as obrigações religiosas do casarão, retomando o seu uso rural. Após a morte de Diego, no ano de 1900, a casa foi habitada pelo herdeiro Luíz Martínez até 1955, ano de seu falecimento.

Quando a PUC comprou a Casona, em 1958, foi encontrado um projeto de reforma datado de 1915 e assinado por Ramón Fehrman Martínez, um dos primeiros arquitetos graduados no Chile. Segundo Oyarzun⁴⁵, é possível que se tratava de um parente da família. O projeto (figura 43) já dá indícios de algumas das características atuais do edifício: previa a construção de uma torre a noroeste da casa e a remodelação das fachadas sul e oeste, unificando-as com a construção de sacadas e o nivelamento das janelas, além de inserção de alguns elementos estilísticos provenientes do barroco espanhol. Também previa a abertura de uma porta externa na capela e um muro de tijolos na parcela oeste (figura 44), substituindo o existente. Pouco desse projeto foi construído e, ainda assim, com grandes modificações. A última, antes da casa receber atividades universitárias, foi a remodelação da fachada sul, relacionando-a com as novas características urbanas do bairro e seus acessos (figura 45). É prudente ressaltar que a casa colonial não apresentava, segundo Strabucchi e Iturriaga, “o que hoje se denominaria uma fachada”⁴⁶. A pura manifestação dos limites da

44 Conflito ocorrido entre 1879 e 1883 entre Chile e as forças conjuntas de Bolívia e Peru, por desavenças no controle de parte da área do Deserto de Atacama, rico em recursos minerais. O Chile acabou vencendo a guerra e anexando oficialmente a região ao seu território.

45 OYARZUN, Fernando Pérez. Lo Contador: casa, barrio, ciudad. Providencia, Chile. ARQ (Santiago), Santiago, n° 65, p. 11-19, 2007. p.15

46 ITURRIAGA, Sandra; STRABUCCHI, Wren. LO CONTADOR - CASAS, JARDINES Y CAMPUS. Ediciones UC. Santiago, 2012. p71 (tradução nossa)

Figura 44 — Muro de tijolos na borda oeste, remanescente do projeto de reforma de 1915.

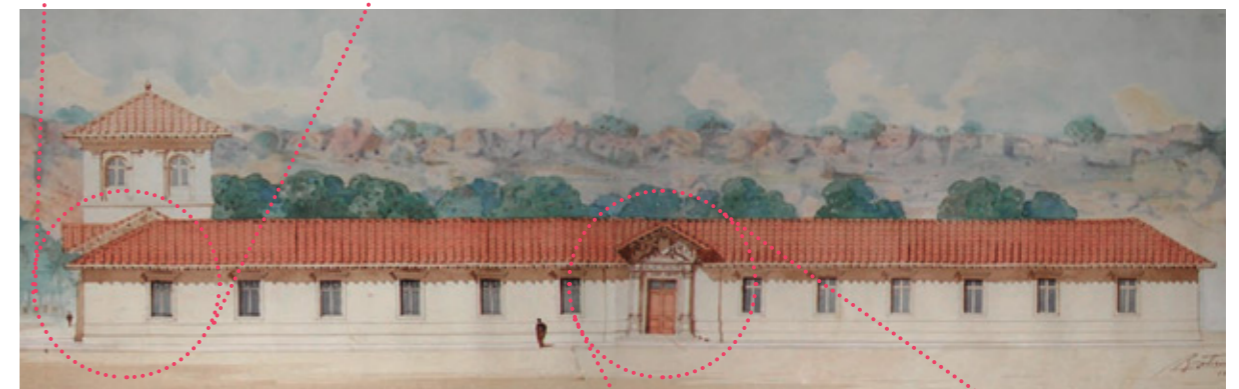


Figura 43 — Projeto de Ramón F. Martínez para reforma da casona. Na imagem, a fachada sul mostrando a torre a noroeste e a nova entrada.



Figura 45 — Fachada sul remodelada com a entrada que se tornou principal nos primeiros anos de uso universitário. Essa entrada dialoga com o crescimento da cidade na direção norte, a partir da construção das pontes sobre o Rio Mapocho.

casa exercia o papel. Até a chegada na casa pelos pedestres passa a ser a partir da Providência, através de uma ponte. Abandonam-se as fachadas norte e oeste e a fachada sul passa a ser adotada como principal, com novas janelas e entrada, coincidindo com o plano de expansão a leste de Santiago do início do século XX.

O crescimento urbano da cidade de Santiago refletiu-se no uso e desenvolvimento agrário da fazenda, prejudicando as atividades rurais da casa, principalmente no campo logístico e de irrigação. Com a construção da ponte veicular em frente à rua Pedro de Valdivia Norte, o bairro passou a ser urbanizado em maior velocidade. O bairro Pedro de Valdivia Norte desenvolveu-se como o primeiro bairro de acordo com o modelo de cidade-jardim de Santiago, e sua completa urbanização se deu por etapas que podem ser definidas entre os anos de 1956 e 1968. O loteamento seguiu respondendo às características geográficas do sítio. Além disso, a decisão de manter a integridade do terreno onde estavam inseridas as preexistências da Chácara Lo Contador, a Casona e uma casa de apoio, auxiliou a guiar o planejamento.

Foi então que o decano da Faculdade de Arquitetura da Universidad Católica de Chile, Sergio Larraín García Moreno, passou a insistir pela aquisição do terreno e das casas, sugerindo a implantação de um novo *campus* no local, já que a universidade estava em busca de um terreno para expandir seus institutos. O novo *campus* acabou sendo implantado no bairro San Joaquín, que possuía localização menos privilegiada dentro da cidade, mas oferecia o dobro de área disponível. Entretanto, com a insistência de Larraín, a PUC resolveu comprar o sítio para instalar especificamente a Faculdade de Arquitetura. O próprio decano adquiriu a casa de administração da antiga fazenda, ao lado da Casona, para sua moradia. Essa aquisição, embora não sendo parte do terreno do *campus*, foi crucial para frustrar o plano da prefeitura de Santiago de abrir uma rua entre a casa principal e os demais lotes previstos para o quarteirão, preservando toda a área da chácara, hoje *Campus Contador*, coesa (figuras 46 e 47).

É possível verificar que, ao longo da história, a Casona passou por diversas intervenções e até trocou o seu uso principal, antes que qualquer discussão teórica sobre o assunto tivesse sido posta em marcha. Tudo indica, aliás, que a casa tenha se mantido em funcionamento e em bom estado de conservação durante todo esse período em virtude da conservação de suas estruturas e da renovação de seus usos.



Figura 46 — Primeira alternativa para divisão territorial prevista em 1958 com dois eixos iguais cortando o terreno do futuro campus.

Figura 47 — Segunda alternativa para divisão territorial prevista em 1958 com um boulevard oeste-leste e outro eixo norte-sul. Ambas foram suprimidas com a compra da casa remanescente da chácara por Sergio Larraín.

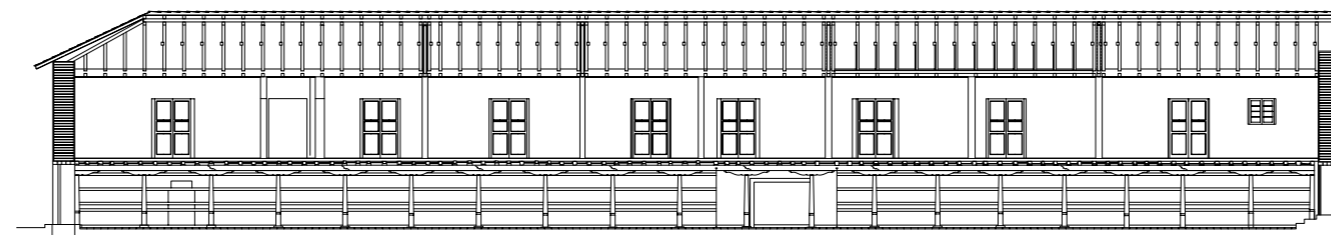


Figura 48 — Seção da Casona

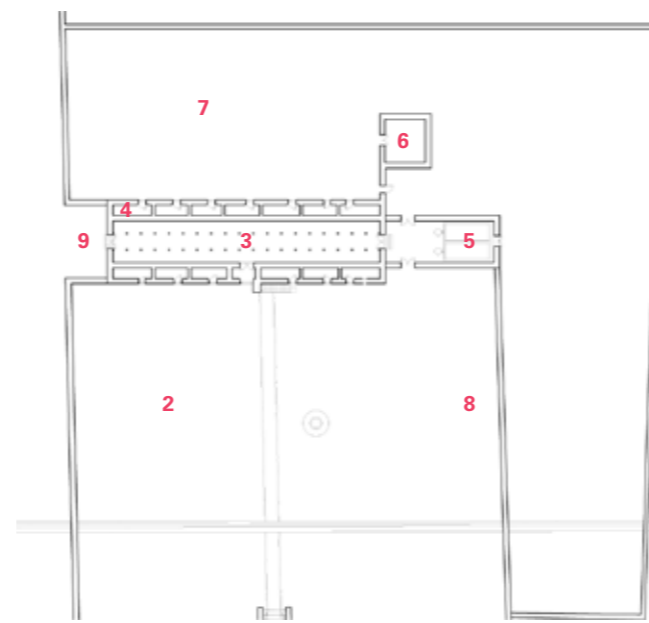


Figura 49 — Casona em 1799

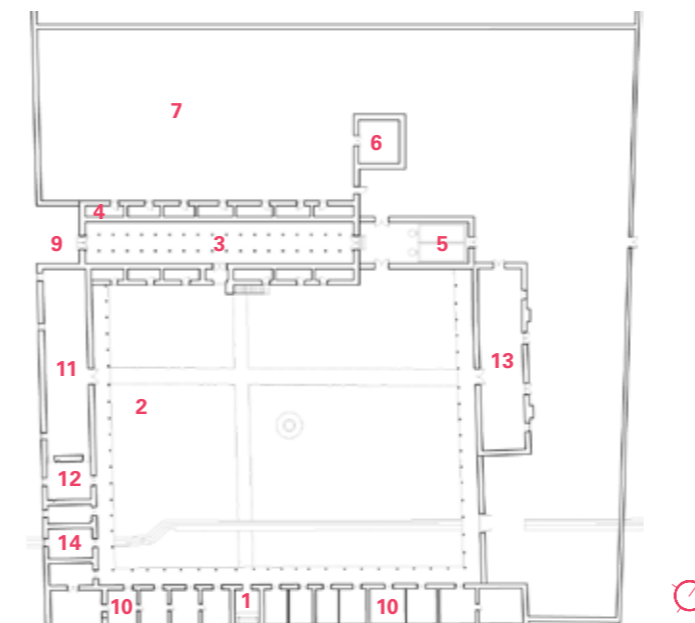


Figura 50 — Casona em 1840

- | | |
|------------------------------|---|
| 1. Saguão de acesso | 18. Escritório |
| 2. Pátio principal | 19. Sala de música |
| 3. Adegas | 20. Bilhar |
| 4. Aposentos de criados | 21. Dormitório para mulheres |
| 5. Vinícola | 22. Sala de jantar - crianças |
| 6. Cozinha | 23. Sala de jantar |
| 7. Jardim | 24. Louçaria |
| 8. Pátio de Fundos | 25. Despensa |
| 9. Beco lateral | 26. Cozinha |
| 10. Aposentos dos exercentes | 27. Vinícolas, armazenamento de ferramentas, frutas e pasto |
| 11. Capela | 28. Peças de serviço |
| 12. Sacristia | 29. Galinheiro |
| 13. Refeitório | 30. Garagem |
| 14. Sanitários | |
| 15. Fosso | |
| 16. Dormitório | |
| 17. Telefone | |

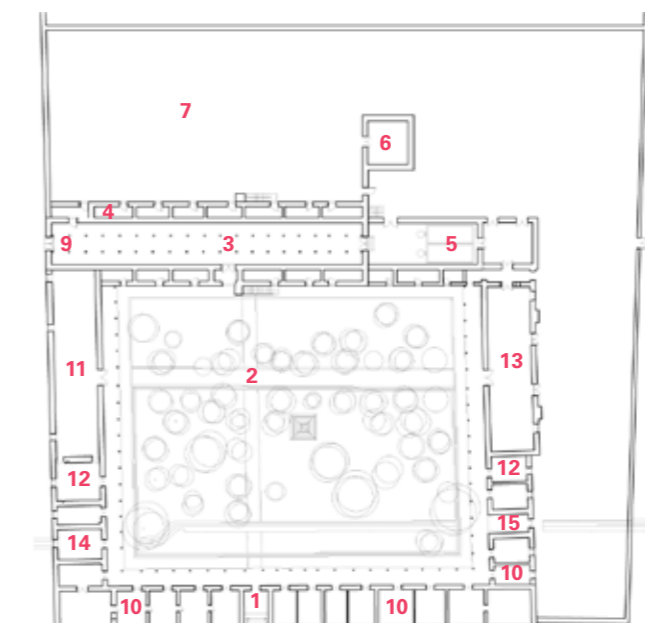


Figura 51 — Casona em 1866

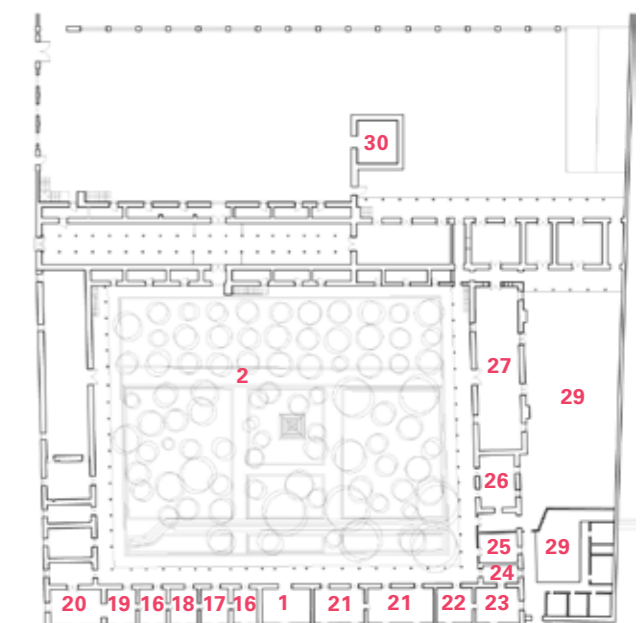


Figura 52 — Casona em 1920

Figuras 48 — Seção da Casa
 Nas seções da época da fundação da casa percebe-se sua técnica construtiva, onde grandes muros são responsáveis pela estruturação da casa e os pisos e telhados eram feitos de madeira. A cobertura, também estruturada em madeira, era composta por telhas de barro.

Figura 49 — Planta original da Casona
 Bloco único de dois pavimentos com corredores nas duas fachadas principais, sendo o térreo abrigo para as áreas de serviço (3), lagares (5) e quartos de criados (4) e o pavimento superior destinados às alas sociais e íntimas. Cozinha (6) como anexo independente e acesso principal através da fachada oeste (9), mas já se verifica um caminho que atravessa o pátio (2), ensaiando um acesso direto ao segundo pavimento.

Figura 50 — De fazenda a casa de retiros
 Primeira readequação operacional, a fim de transformar a casa em

uma casa de retiros. Uma capela (11) e um refeitório (13) foram concebidos como corpos independentes perpendiculares ao bloco principal e, fechando a forma quadrada, novos quartos paralelos ao volume inicial. Sanitários (14) são o elo de ligação entre o volume dos quartos e a capela. Acesso principal segue sendo pelo oeste mas oficializa-se um secundário pela fachada sul (1).

Figura 51 — Ampliação da casa de retiros
 Alguns anos após a primeira grande expansão de área foi necessário construir mais quartos. A opção foi fechar a forma quadrada por completo, através deste novo anexo de alojamentos (10).

Figura 52 — O retorno às atividades agrícolas
 A partir de 1900 o herdeiro da casa, Diego Martínez Contador tratou de libertá-la das atividades religiosas e retomar totalmente o uso agrícola. Nessa reforma solidifica-se o acesso principal pela fachada sul, em resposta ao desenvolvimento urbano do bairro Providência.



55

57



58



59



60



53



54



56

Figura 53 — Jardim interno da Casona.

Figura 54 — Jardim interno da Casona.

Figura 55 — Fazenda Lo Contador na época do uso rural.

Figura 56 — Vista atual a partir da varanda da Casona.

Figura 57 — Vista atual das janelas do segundo pavimento da Casona.

Figura 58 — A Casona como cenário das atividades universitárias.

Figura 59 — A Casona após sua última expansão.

Figura 60 — Detalhes da pavimentação do campus atual.

Capítulo 4

O AVANÇO TRANSFORMADOR

Figura 61 — Assessoramento na galeria.

4.1 FUNDAÇÃO DO CAMPUS LO CONTADOR

Com a aquisição da Casona pela PUC, em 1958, e a insistência de Sergio Larraín em ocupá-la com as instalações da escola, deu-se início a uma nova era da Chácara Contador. Embora não tenha sido feita nenhuma alteração estrutural na casa, seu uso foi totalmente renovado, o que veio ao encontro das transformações ocorridas no bairro a partir dos processos de urbanização. Segundo Francisco de Gracia, “alterar os lugares existentes só se justifica se os fazemos mais adequados para a vida do homem”⁴⁶. A adequação, nesse caso, é a inserção de atividades contemporâneas e necessárias, já que não mais cabia ali o uso exclusivamente rural.

Mesmo sem grandes reformas ou adaptações substanciais, a Faculdade de Arquitetura ocupou a Casona já no ano de 1959. Os cômodos passaram a ser utilizados como salas de aula e ateliês (figura 62), e a direção foi instalada no corpo sul, bloco que abrigava o acesso principal da casa. As varandas passaram a abrigar exposição de trabalhos e atividades de assessoramento e avaliação das disciplinas de projeto arquitetônico, tradição mantida até os dias

46 GRACIA, Francisco de. CONSTRUIR EN LO CONSTRUÍDO - LA ARQUITECTURA COMO MODIFICACIÓN. Nerea. Madri, 1992. p. 178 (tradução nossa).

de hoje (figuras 61 e 63). Uma lanchonete foi instalada na antiga cocheira, posterior garagem de carros, e ali permaneceu até 1992, ano em que foi demolida para a construção da nova biblioteca, conforme será visto posteriormente. O refeitório familiar, neste primeiro momento, tornou-se biblioteca.

O ano de 1962 foi marcado pela primeira densificação no terreno: foram construídos vários pavilhões metálicos pré-fabricados⁴⁷ ao redor da Casona, para abrigar as escolas de Arte e Desenho (figura 64). Essa expansão foi o primeiro passo na gradual transformação da Chácara Contador em *campus* universitário e o embrião da grande transformação que o sítio vem sofrendo até os dias atuais.

A implantação das novas construções foi responsável pela criação da primeira noção de centralidade da chácara, uma vez que os novos prédios estabeleceram conexão visual com o edifício preexistente através da fachada norte da casa. Os pavilhões foram executados a partir do projeto de diplomação de Horacio Borghersi, no ano de 1955 (o arquiteto viria a ser decano da faculdade entre 1967 e 1969) e contavam com a premissa de serem provisórios. Entretanto, além de permanecerem por mais tempo do que o previsto, alguns pavilhões estão em uso até hoje. A replicação sucessiva desses pavilhões em torno de pequenos pátios foi motivada pelas crescentes necessidades de área e compuseram, junto com a casona, a estrutura do *campus* até o ano de 1991, quando os primeiros edifícios de maior escala iniciaram a ser construídos (figura 65).

A consolidação dessa configuração formal sedimentou-se em 1974, quando a Casona passou a ser considerada patrimônio histórico nacional. A consideração da casa como patrimônio, segundo Vásquez:

(...)dá ao campus uma enorme responsabilidade com a qualidade desta construção, a qual, ainda que extremamente simples, impõe padrões no âmbito arquitetônico e espacial



Figura 62 — A antiga capela servindo como abrigo para um ateliê de projeto.



Figura 63 — Exposição de trabalhos na varanda da Casona.

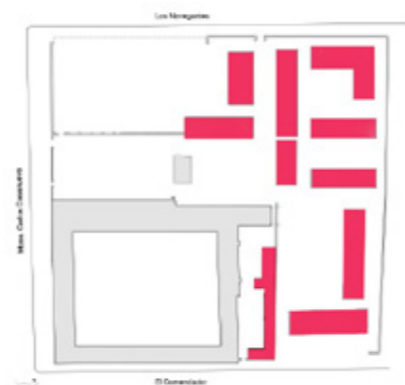


Figura 64 — Implantação dos novos pavilhões de 1962 e da biblioteca de 1971.



Figura 65 — Implantação da sequência de novos pavilhões, até 1991.

47 Estruturas pré-moldadas executadas, primeiramente, a título de teste, graças a uma doação da indústria de estruturas pré-fabricadas CIMET. .

*difíceis de incorporar em novas edificações.*⁴⁸

A partir desse momento, a PUC assume a preservação da Casona como uma obrigação da universidade para com a história de Santiago. Por isso, adota como principais diretrizes de preservação da sua memória não apenas a manutenção da Casa Contador, mas também uma estratégia em conjunto com o crescimento do sítio e a constante transformação do seu espaço. Mais do que se dedicar às recomendações teóricas e procedimentos de restauro, a universidade concluiu que só conseguiria manter o patrimônio edificado se o fizesse com a renovação de seu entorno, tanto no sentido da materialidade das construções quanto no tocante aos usos a elas destinados. Tratou de valorizar também o patrimônio imaterial da Casona, a sua memória, e utilizá-la como diretriz geral de intervenção. Muito se discute sobre a transformação do conjunto edificado e a adição de novas partes como uma forma de preservação da memória do local. Segundo Pellegini:

*Diferentemente do restauro, que visa a restabelecer algum estado autêntico ou ideal (nem sempre possível de ser determinado com clareza), a modalidade de intervenção da qual se trata aqui tem mais jeito de reforma, o que implica nova forma, outra cara, a qual redunde de plasticidade, espacialidade e/ou materialidade renovadas.*⁴⁹

O que se faz na Casona é manter o envoltório e, na medida do possível, a materialidade original, para receber as atividades de ensino dentro da antiga casa colonial. Marcelo Ferraz escreve sobre intervenções que não só preservam a edificação original mas também incluem-na nas novas dinâmicas da sociedade:

Incorporar o patrimônio histórico à normalidade da vida contemporânea é outro grande desafio de uma política de preservação. Pois, para além dos

48 VÁSQUEZ, et. al. Proyecto Campus Lo Contador - Anexo 1: Planes y Proyectos de Campus Lo Contador. Santiago, 2015. p.7 (tradução nossa).

49 PELLEGRINI, Ana Carolina. O patrimônio projetado. In: IV Enanparq, 2016. Porto Alegre. p. 5

*edifícios, monumentos e sítios históricos tombados, o patrimônio é parte do próprio metabolismo da sociedade, em seus projetos e sonhos – bem sucedidos ou malogrados – de construir uma civilização pautada pela convivência entre os homens.*⁵⁰

Uma vez tomada a decisão de incorporar o crescimento da universidade como meio para preservar a Casona, foi necessário refletir sobre a maneira como esse crescimento se daria. Conforme a implantação dos pavilhões de Horacio Borghersi (figura 65), as primeiras reflexões sobre a expansão de área construída faziam referência a um crescimento em “L” ao redor da casa a partir da fachada sul até o extremo norte do terreno, aproveitando a área livre e a possibilidade de densificação na divisa com a Rua Navegantes, inclusive em nível de subsolo. Essas discussões, naquele momento ainda informais, culminaram, em 1990, com a construção do Edifício Escola da Faculdade de Arquitetura na borda norte do terreno, a partir do projeto de Renato Parada e Alfred Junemann (figuras 66 e 67). O edifício, construído com três pavimentos e a utilização do subsolo, colabora com a futura formação de uma praça central no terreno. Passou por reforma, no ano de 2004, assinada por Alejandro Aravena (figura 68).

4.2 PRIMEIROS PLANOS REGULADORES

Essas discussões informais, das quais resultaram os edifícios citados, foram documentadas em 1988, com um esboço de plano regulador para *campus*, apresentado pelo professor José Gomez e seu ex-aluno Antonio Lama. Como se percebe na figura 69, a implantação previa a forma em “L” sugerida e reposicionava algumas das estruturas pré-fabricadas para evidenciar a formação de um pátio central, também em “L”, onde se localizariam os serviços gerais do *campus*. O plano de José Gomez não foi posto em prática, porém foi revisado e transformado no primeiro plano oficial de expansão do *campus* Lo Contador, a partir de uma projeção de crescimento das faculdades de Arquitetura e Belas Artes. A revisão ficou a cargo do professor



Figura 66 — Edifício Escola Faculdade de Arquitetura



Figura 67 — Edifício Escola Faculdade de Arquitetura visto a partir da galeria da Casona, visualizando também pátio central entre as duas edificações.



Figura 68 — Edifício Escola Faculdade de Arquitetura após reforma, em 2004.

50 FERRAZ, Marcelo Carvalho. ARQUITETURA CONVERSÁVEL. Casa do Azogue. Rio de Janeiro, 2011. p.159

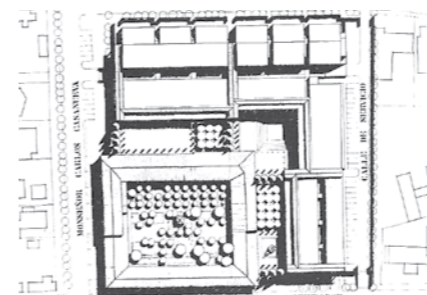


Figura 69 — Esboços de 1988 para regulação do campus, um grande edifício em “L” com vazio central, de autoria de Antonio Lama e José Lopez.

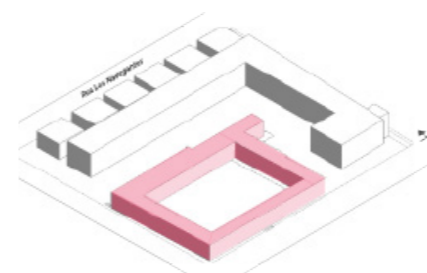


Figura 70 — Formalização dos primeiros esboços por Pedro Bannen, ainda em 1988, com volumes mais baixos na borda norte, divisa com a Rua Navegantes.

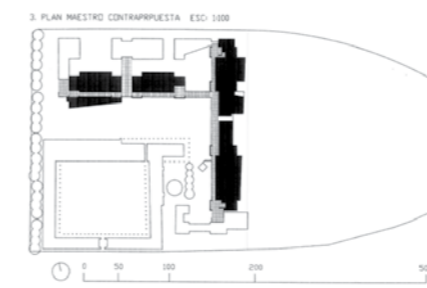


Figura 71 — Diretrizes em 1989, de Pilar García, dividindo o grande “L” edificado para melhorar o fluxo; escala do campus seria mantida com o uso do subsolo para densificação de área.



Figura 72 — Edifício de laboratórios visto a partir do centro do campus.

Pedro Bannen, no âmbito da Direção de Projetos e Investigação da Faculdade de Arquitetura. Discutiu-se em via oficial o patrimônio histórico, inserindo no programa de necessidades a previsão de um crescimento harmônico com a Casona. Segundo Vásquez “entre outras coisas, o *Proyecto Campus Lo Contador* deve resolver a compatibilidade desta herança com os desafios de crescimento que enfrentam a Faculdade e as suas unidades”⁵¹.

O plano diretor de Pedro Bannen evidenciava a forma em “L” discutida anteriormente, desta vez com a previsão de um edifício contínuo de três pavimentos paralelo às alas norte e leste da casa colonial, abrangendo também os edifícios já construídos. Seriam adicionados volumes quadrados de dois pavimentos dispostos em sequência no alinhamento com a Rua Navegantes (figura 70). A necessidade de estacionamento veicular seria contemplada aproveitando o desnível a leste, em uma barra contínua.

O plano de Bannen despertou uma nova discussão entre os professores da faculdade e, no ano seguinte, foi apresentada uma contraproposta a essas ideias. A nova implantação foi desenvolvida pelos professores Pilar Garcia, Wren Strabucchi e José Ugarte. O plano apresentou a consolidação do subsolo como um nível útil para o *campus*, prevendo assim maior otimização da construção e a garantia da manutenção da escala do vazio central como o vínculo principal de todas as construções dentro do Contador. A forma contínua da edificação prevista por Bannen seria dividida, a fim de facilitar os fluxos dentro do terreno. Todavia, os extremos do “L” seriam mantidos. (figura 71).

Essa proposta tornou-se o primeiro plano diretor aprovado tanto pela Reitoria da Universidade quanto pela administração municipal de Santiago. A partir dela foi construído o Edifício de Laboratórios, projeto de Pilar Garcia e José Ugarte, em 1990 (figura 72), que nasceu originalmente para abrigar a Faculdade de Artes. Nesse período o curso de Artes foi transferido para o *campus* Oriente, junto com as Faculdades de Música e Teatro. O Edifício de Laboratórios reformado em 2016, por Cecilia Puga, Martín Hurtado e Patricio Mardone.

51 VÁSQUEZ, et. al. Proyecto Campus Lo Contador - Anexo 1: Planes y Proyectos de Campus Lo Contador. Santiago, 2015. p.4 (tradução nossa).

4.3 EXPANSÃO TERRITORIAL

Observando o crescimento dos cursos de graduação, pós-graduação e grupos de pesquisa, a PUC foi obrigada a iniciar a previsão de uma escala maior de expansão, que transcendia a possibilidade construtiva do terreno da Casona. A partir de 1994, passou a adquirir, gradativamente, grande parte das propriedades que compunham os terrenos adjacentes a leste da fazenda, em um total de seis casas. Dessa forma, seria possível fazer a expansão de seus institutos mantendo a já experimentada ação de inserir novos usos em edificações existentes. Assim, a forma em “L” discutida e oficializada no plano diretor passou a ser contestada, já que bloqueava a conexão com os terrenos na borda leste. As novas casas foram preservadas, reformadas e adaptadas. O resultado da manutenção do conjunto de residências foi, além da preservação da domesticidade dos pátios, o estabelecimento de “um padrão entre uma ordem determinada e uma randômica (...), onde as casas tornam-se pavilhões em um grande jardim”⁵².

No *campus*, foi sedimentada uma camada de espaços abertos, um grande pátio comum a todos os prédios. A preservação desses jardins passou a caracterizar o *campus* não só como um conjunto de prédios institucionais, mas como um grande parque permeado por edifícios de diversas épocas e escalas que recebem diferentes funções.

No mesmo ano de 1994, o decano Fernando Pérez, lançou o concurso para construção do chamado Centro de Informação e Documentação Sergio Larraín García-Moreno, cujo programa de necessidades contemplava a nova biblioteca, auditório, laboratórios de computação, cantina, livraria e sanitários. Concomitantemente com o concurso, foram discutidas as novas estratégias de implantação do *campus*, agora com escala ampliada, novos limites espaciais e novos potenciais construtivos, atualizados de acordo com a normativa municipal alterada. Fernando Pérez, junto com o diretor da Faculdade de Arquitetura José Rosas, elaborou as novas concepções, ordenadas por três princípios (figuras 74 e 75):

1. Executar a expansão de área mantendo uma escala compatível com o bairro, isto é: densificar dentro do quarteirão e manter as bordas



Figura 73 — Mapa das ruas do quarteirão.

52 ITURRIAGA, Sandra; STRABUCCHI, Wren. LO CONTADOR - CASAS, JARDINES Y CAMPUS. Ediciones UC. Santiago, 2012. p31 (tradução nossa)

com o caráter de bairro jardim;

2. Agregar um novo eixo de circulação leste-oeste, através de um novo acesso pela Rua Carlos Casanueva, mantendo assim os dois eixos - norte-sul e leste-oeste;
3. Integrar os pátios dispersos entre todas as edificações do sítio através de uma grande praça central.

Figura 74 — Diretrizes para o campus coordenadas por Jose Rosas, inserindo novo acesso a oeste.

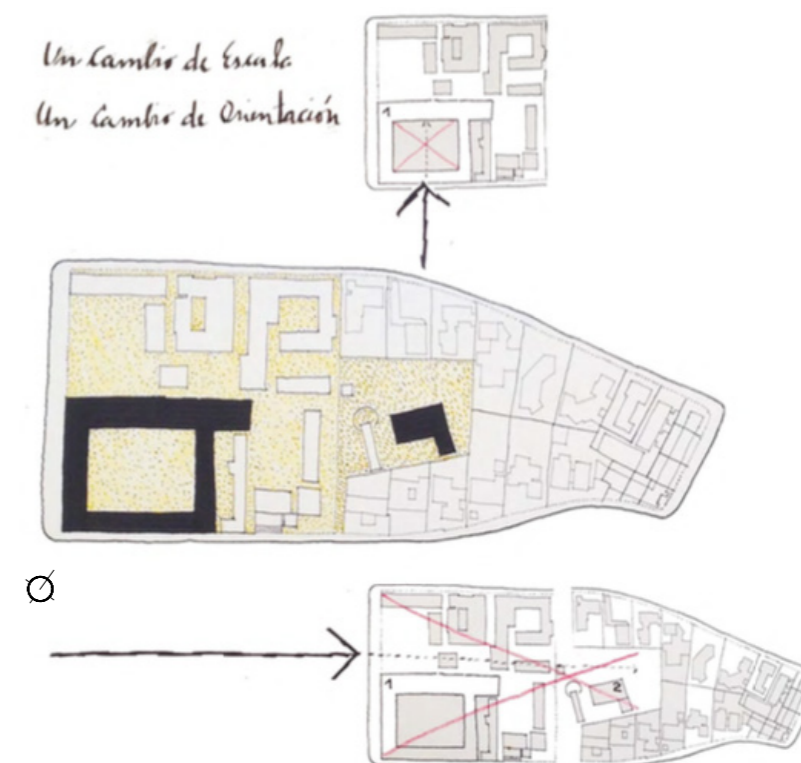
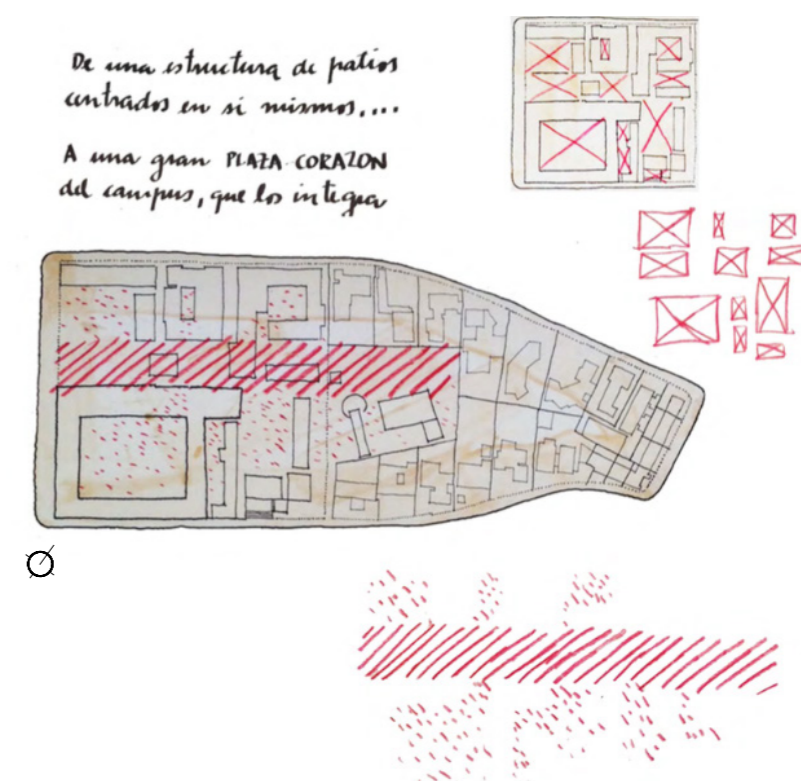


Figura 75 — Diretrizes de Jose Rosas, apresentando grande pátio central que se conecta com as outras áreas abertas de menor escala.



Uma nova alteração da normativa municipal trouxe, em 2007, a possibilidade de incremento de área e número de pavimentos para alguns dos lotes do Contador, incluindo o lote da Casona. O plano diretor do *campus* foi então alterado, conforme percebe-se na [figura 76](#). Na ocasião inseriu-se também a previsão do novo edifício da Escola de Desenho, que já havia sido sugerido pela direção do *campus*. Nessa alteração foram previstos edifícios isolados com altura decrescente, sendo mais altos na divisa com a Rua Los Navegantes e mais baixos no interior do pátio, com a justificativa de se adequar às novas configurações do bairro Pedro de Valdivia Norte.

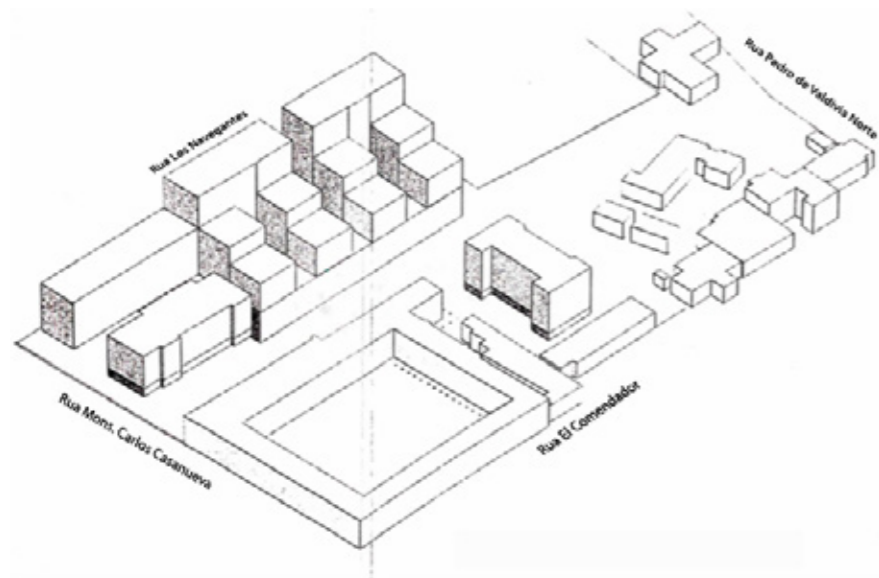


Figura 76 — Alterações, em 2007 (maior densificação).



Figura 77 — Implantação do *campus* indicando os edifícios novos e os que passaram por reformas a partir da década de 1990, até 2010. Durante esses anos ocorreu uma significativa expansão territorial, através da aquisição dos terrenos onde se implantam as casas unifamiliares que foram reformadas.

Embora de área restrita, pertencem a amplos terrenos que formaram um grande jardim interligado. A partir dessa aquisição as instalações universitárias passaram a ocupar cerca de 70% do quarteirão formado pelas ruas El Comendador, Monsenhor Carlos Casañueva, Pedro de Valdivia Norte e Los Navegantes.



Destaque 1 — Centro de Informação e Documentação Sergio Larraín García-Moreno
1994 — 1ª fase
2006 — 2ª fase

Destaque 2 — Edifício de Laboratórios
1990 — inauguração
2010 — reforma

Destaque 3 — Edifício Escola da Faculdade de Arquitetura,
1992 — inauguração
2004 — reforma

Destaque 4 — Nova Cantina
1997 — inauguração

Destaque 5 — Escola de Desenho e Estudos Urbanos
2010 — inauguração

Destaque 6 — Casa Sergio Larraín García-Moreno
2001 — aquisição

Destaque 7 — Sede Mestrado
1999 — aquisição
2005 — reforma

Destaque 8 — Sede Doutorado
1999 — aquisição
2005 — reforma

Destaque 9 — Sede Serviços Externos
2001 — aquisição

Destaque 10 — Editora
1999 — aquisição

A partir da expansão territorial do *campus* Lo Contador percebe-se o início dos processos que logo tornaram-se constantes: expansões, substituições de uso, demolições, reformas. O palimpsesto começa a ser formado a partir do momento em que a universidade prevê o crescimento de sua área. Algumas diretrizes precisaram ser definidas: quais características deveriam ser mantidas; quais exemplares deveriam ser reformados e o que precisaria ser extinto. O resultado dessas operações não é perceptível de imediato. Conforme veremos a seguir, as ações acontecem de forma contínua ao longo dos anos, transformando paulatinamente a paisagem do local. Sobre a transformação da paisagem, Pesavento descreve:

*O que chamamos de paisagem urbana é sempre uma paisagem social, fruto da ação da cultura sobre a natureza, obra do homem a transformar o meio ambiente. Neste espaço construído, a passagem do tempo altera as formas, seja pela destruição das mais antigas, entendidas como superadas, anacrônicas, não funcionais ou suficientemente desgastadas para serem substituídas, seja pela adaptação e composição com novas formas, onde fachadas modernas ocultam velhas estruturas, seja ainda pela atividade, regeneradora ou destrutiva, de uma preocupação de preservação, que entende tais elementos do espaço construído como patrimônio.*⁵³

⁵³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 27.

Frente a essa paisagem transformada é possível identificar também um novo desafio: equilibrar, mesmo que de maneira heterogênea, todos os tempos, formas e escalas presentes no terreno.

Tal questionamento remonta à legenda de Le Corbusier nos croquis de seu projeto para o Palácio dos Sovietes, em comparação com o Campo Santo, de Pisa, durante sua passagem pela cidade em 1934 (figura 78). Na ocasião, o arquiteto conclui que as mesmas decisões compositivas presidiram a concepção das duas obras: “a unidade no detalhe (unidade à escala humana); o tumulto no conjunto”, isto é, a combinação de volumes diferentes em posições que induzem uma relação entre as partes distintas. No Campo Santo de Pisa (figura 79), o conjunto é composto pela catedral, batistério e campanário inclinado sobre o campo. Já no projeto de Corbusier (figura 80), a composição é formada, dentro da praça, pelas complexas estruturas destinadas ao grande auditório e o pavilhão de convenções.



A sentença citada por Le Corbusier é de autoria do abade francês Marc Antoine Laugier, em seu tratado “Observations sur l’architecture”, de 1765. Em seus escritos, Laugier considera a importância, dentro da constituição racional dos espaços de uma cidade ideal, de algum tipo de imprevisto ou disfunção. A afirmação de que “é preciso regularidade e estranheza, relatos e oposições, acidentes que variam o quadro: uma grande ordem nos detalhes, confusão, barulho, tumulto no todo”⁵⁴, atravessou diferentes gerações de arquitetos e diz respeito a algum grau de perturbação e assimetria na composição das cidades, de uma forma orgânica e muitas vezes imprevista. É possível afirmar que são essas opera-

⁵⁴ LAUGIER, Marc Antoine (1765) Observations sur l’architecture apud. SOUZA, 2014, p. 389.
SOUZA, Diego Beha Inglez de. Tumulto no Conjunto: Habitação, utopia e urbanização nos limites de duas metrópoles contemporâneas - São Paulo / Paris (1960 - 2010). Tese de Doutorado em História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo, FAU-USP

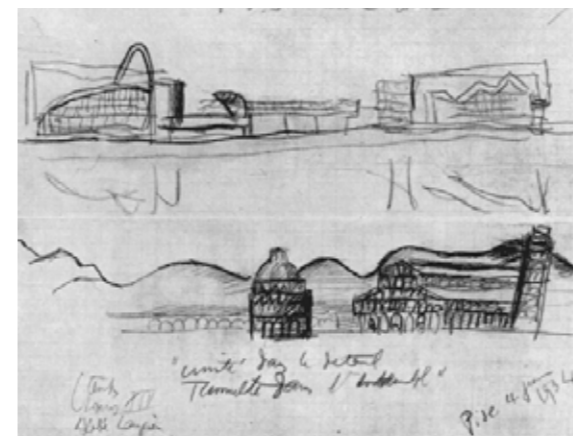


Figura 78 — Croqui de Le Corbusier para o palácio dos Sovietes, com menção ao conjunto arquitetônico de Pisa. “Unidade no detalhe, tumulto no conjunto.”

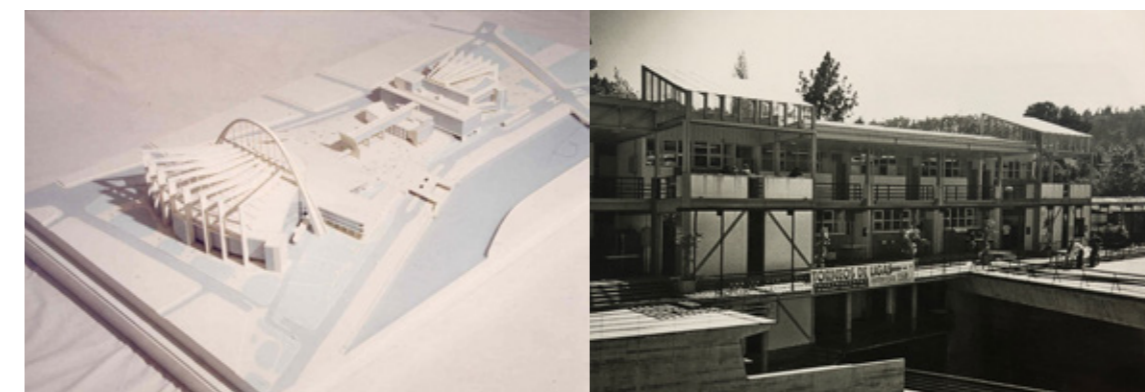


Figura 79 — Campo de Pisa.

Figura 80 — Maquete do projeto para o Palácio dos Sovietes, onde as complexas estruturas são conectadas através das praças.

Figura 81 — Edifício Escola Faculdade de Arquitetura de Renato Parada e Alfredo Junemann, em 1992. Observa-se a utilização do subsolo.

Figura 82 — Edifício após reforma de Aravena, em 2004.

ções espontâneas que ensejam a constante evolução dos lugares e alimentam seu *genius loci*.

No *campus* Lo Contador é possível lembrar de Laugier no que diz respeito à ação do tempo sobre os edifícios distintos e à sua composição sobre a camada de solo que os recebe. Apesar do “tumulto no conjunto”, o *campus* Lo Contador apresenta-se como uma colagem onde convivem diversas épocas em um surpreendente uníssono, que será discutido nas próximas páginas.

5.1 O EDIFÍCIO ESCOLA DA FACULDADE DE ARQUITETURA E O EDIFÍCIO DE LABORATÓRIOS

Estes foram os primeiros edifícios permanentes a serem construídos no *campus*. As expansões anteriores eram de caráter provisório, a partir do projeto dos pavilhões pré-fabricados de Horacio Borghersi.



O Edifício Escola da Faculdade de Arquitetura (figura 81) tem projeto de Renato Parada e Alfredo Jünemann e foi construído entre 1990 e 1992. Este prédio substituiu alguns dos pavilhões e inaugurou uma nova escala no *campus*, tendo sido o primeiro a contar com três pavimentos e subsolo, fazendo uso do desnível em relação à borda norte do terreno da universidade. Seu programa de necessidades foi destinado à construção de salas de aula mais amplas que as da Casona, principalmente para as classes de desenho, além de outros espaços dirigidos ao uso dos estudantes.

Em 2004, ficou a cargo do escritório de Alejandro Aravena o projeto para a reforma (figura 82) que envelopou o edifício, no intuito de simplificar suas linhas e atender a um programa de necessidades renovado. Segundo Aravena “tratou-se de uma remodelação parcial de um edifício que foi construído em outro tempo, com

outros requerimentos e para outros alunos⁵⁵. O cerne do programa continuou o mesmo, porém, com nuances de renovação, uma vez que foram necessárias adaptações para acessibilidade universal e adequação à nova rotina dos alunos, o que passou a mudar o uso dos espaços. As salas, antes amplas, com grandes mesas de desenho, agora possuíam espaços subutilizados já que os estudantes passaram a desenvolver os projetos em seus computadores portáteis. Nesse sentido, a reforma tratou de dividir os grandes ateliês em salas menores e mais numerosas, promovendo utilização mais confortável e segura dos espaços. Para absorver essas mudanças, Aravena renovou a fachada com uma pele simples, porém impactante. Os painéis de zinco foram projetados para promover a unidade plástica do edifício (figura 83). Aravena também afirma ter sido difícil desenvolver a reforma em um *campus* universitário com edificações tão diversas, diante de altas exigências formais de seus usuários. O mais acertado, para o autor do projeto, foi transformar o edifício em uma forma simples, de geometria espartana, que não passasse de um reflexo da paisagem e que convivesse em harmonia com a casa antiga e com o competente projeto do Centro de Documentação e Informação Sergio Larrain García Moreno, àquela altura recém finalizado, sobre o qual se falará nas próximas páginas.

Com desenvolvimento complexo, o concurso para o que viria a ser o Edifício de Laboratórios nasceu com o objetivo de abrigar a Escola de Artes no *campus* Oriente - e não no Lo Contador. A universidade havia decidido transferir a Escola de Artes, que, até 1990, estava instalada em alguns pavilhões ao lado da Casona, no *campus* Lo Contador, para o *campus* Oriente. Para o projeto de sua nova sede, a direção da PUC realizou um concurso, vencido por Juan José Ugarte e Pilar García. Por problemas políticos internos, a mudança de *campus* foi suspensa e os vencedores do concurso conceberam um projeto substituto, que fosse a nova sede da Escola de Artes no *campus* Lo Contador. Eles, então, desenharam um edifício em estrutura metálica contendo subsolo e três pavimentos (figura 84) que abrigou a Escola de Artes até 2004, quando finalmente uniu-se às Escolas de Música e Teatro no *campus* Oriente. A construção deste prédio auxiliou a marcação do eixo central do



Figura 83 — Edifício Escola da Faculdade de Arquitetura após reforma de Aravena, em 2004.

Figura 84 — Edifício de Laboratórios.



Figura 85 — Implantação do campus após a construção do Ed. Escola de Arquitetura e a Escola de Artes/Laboratórios. A praça central começa a se organizar, exceto pela antiga cocheira que logo seria demolida.



Figura 86 — Laboratório de prototipagem após a reforma de 2006.



Figura 87 — Nova cantina, anexada à casona.

campus, já que se alinha com a fachada norte da Casona (figura 85). Em 2006, o edifício passou por uma remodelação interna (figura 86), projetada por Cecilia Puga, Martín Hurtado e Patricio Mardone, e passou a ser chamado de Edifício de Laboratórios. Nele foram instalados os laboratórios de fotografia, prototipagem, iluminação, gráfico e sustentabilidade. A reforma aconteceu simultaneamente à construção da segunda fase do projeto para o Centro de Documentação e Informação Sergio Larrain García Moreno, unificando os subsolos do *campus*.

O edifício para a nova cantina (figura 87), foi projetado e construído entre 1996 e 1997, sob responsabilidade de José Cruz Ovalle. Implantado no lado leste da Casona, tem técnica construtiva simples, em estrutura metálica, e substituiu o pavilhão de adobe no centro do *campus* para possibilitar a construção da nova biblioteca.

5.2 CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO SERGIO LARRAÍN GARCÍA-MORENO

Este edifício (figura 95), responsável por dar uma nova dinâmica ao *campus*, é fruto de um concurso realizado em 1994. A execução do projeto vencedor, de autoria de Teodoro Fernandez, Smiljan Radic e Cecilia Puga, iniciou no ano de 1995 e foi dividida em duas etapas, sendo totalmente concluída apenas em 2006.

O projeto destacou-se por conseguir densificar a área do *campus* mantendo a praça central, já consolidada. Para distribuir de forma adequada o programa de necessidades, os autores optaram por construir subsolos, assim como no Edifício Escola da Faculdade de Arquitetura e o Edifício de Laboratórios. A solução apresentou-se, portanto, com dupla função: a primeira como uma grande esplanada, ligando-se diretamente com o casarão, oficializando-se, de acordo com as novas diretrizes, como maior espaço de convivência do *campus* (figura 91); a segunda como um teto, proteção para os usos colocados sob a terra (figura 97). Os pavimentos subterrâneos permitem acesso aos subsolos dos outros dois edifícios (figura 90), formando um pavimento único abaixo da terra. Os pátios strategi-

55 ARAVENA, Alejandro. Pabellón Escuela de Arquitectura U.C. In: ARQ (Santiago), Santiago, n. 61, 2005. p 85. (tradução nossa).

camente posicionados auxiliam na iluminação dos espaços, ora protegidos com grelhas metálicas, ora totalmente abertos.

A praça construída possui a mesma largura da fachada da Casona e é limitada ao norte por uma pérgola coberta que percorre toda a extensão, de leste a oeste. Além de limitar a área de intervenção do projeto, o interstício entre a Casona e os edifícios localizados ao norte do *campus*, esse elemento também exerce a função de ordenar a relação da praça com as fachadas dos edifícios adjacentes e de estabelecer uma relação de altura com as galerias da Casona. A praça é limitada, a oeste, pelas árvores que marcam o acesso ao complexo e finda, a leste, nos jardins da casa de Sergio Larraín, que ainda não havia sido incorporada ao *campus* na época da construção da primeira etapa.

Abaixo da praça, em nível subsolo, organizam-se a biblioteca e o auditório. A biblioteca, configurada em planta livre e flexível (figura 93), é iluminada por dois pátios, um a leste (figuras 92 e 94) e outro a oeste, junto ao acesso principal. O acesso ao conjunto subterrâneo se dá por uma escadaria em um dos acessos ao complexo universitário, pela rua Carlos Casanueva, extremo oeste do terreno.

A segunda etapa da obra foi iniciada apenas em 2003, quando o *campus* havia sofrido algumas alterações e expandido devido às novas aquisições a oeste. O orçamento para a execução da etapa, por sua vez, foi reduzido, mas a revisão projetual foi competente no sentido de manter a consistência do projeto original, mesmo tendo a necessidade de fazer adaptações. Uma delas, por exemplo, diz respeito à adaptação dos níveis do projeto original, que na segunda etapa precisou se articular com os terrenos recém adquiridos (figura 95).

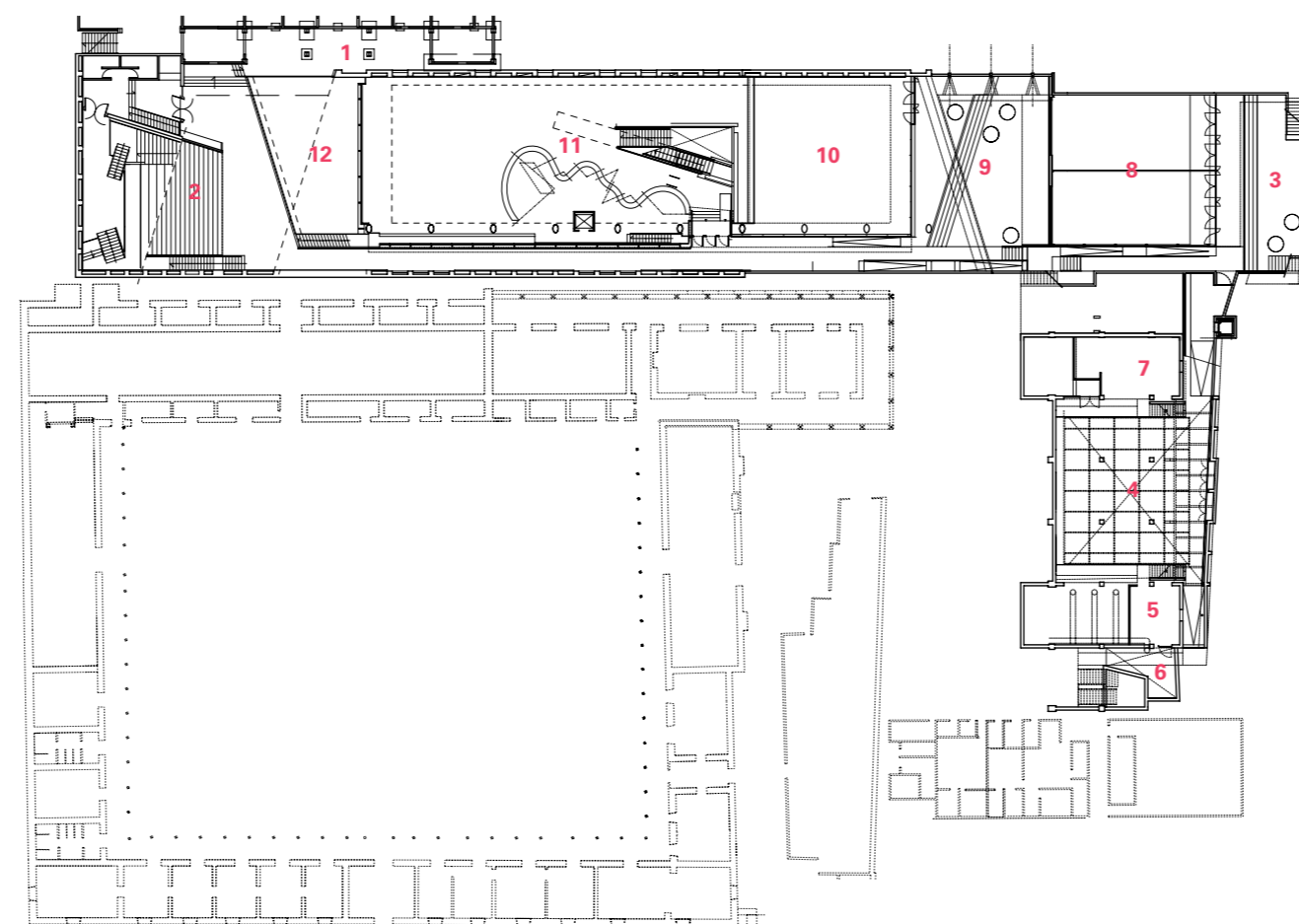


Figura 88 — Planta Subsolo Centro SLGM

Legenda

1. Ateliês e salas de arquitetura
2. Auditório
3. Pátio de acesso aulas 110
4. Laboratório de experimentação de materiais
5. Laboratório de concreto
6. Pátio de concreto
7. Arquivo informativo
8. Aula norte
9. Pátio leste da biblioteca
10. Laboratório de computação
11. Biblioteca
12. Pátio oeste

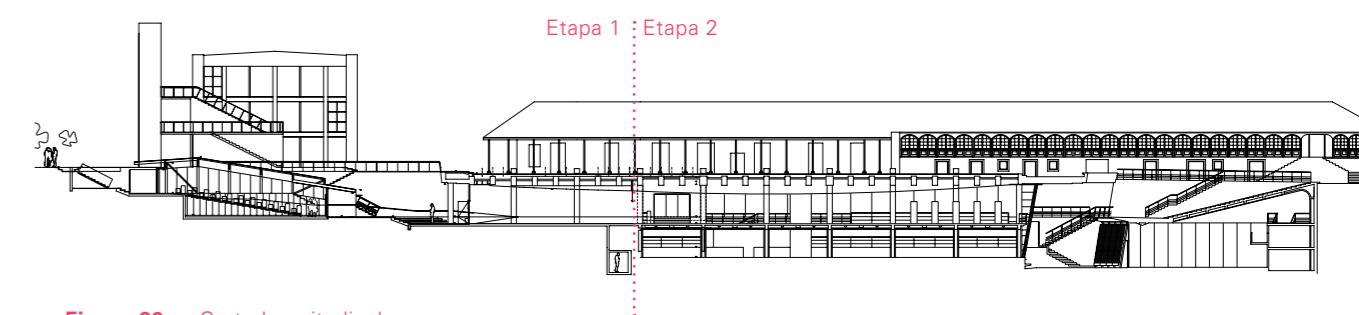


Figura 89 — Corte Longitudinal

Figura 88 — Planta baixa do Centro de Informação e Documentação Sergio Larraín García-Moreno
O projeto destacou-se por aumentar a área do campus utilizando o subsolo, iluminado e acessado através de pátios. O pavimento sob a terra ligou-se com os subsolos já existentes no campus, como o do Edifício de Laboratórios.

Figura 89 — Corte longitudinal do Centro de Informação e Documentação Sergio Larraín García-Moreno
Além de demonstrar a divisão das etapas construtivas, o corte apresenta os desníveis e escadas que permitem o acesso ao subsolo, assim como a relação da Casona com o final da praça que serve como cobertura ao complexo.



90



91



92



93

Figura 90 — Subsolo do Centro de Informação e Documentação SLGM unindo-se ao subsolo do Edifício de Laboratórios.

Figura 91 — Grande esplanada, teto para as funções subterrâneas e palco para a convivência cotidiana.

Figura 92 — Pátio leste visto de cima, podendo ser acessado desde a praça central por uma escada secundária.

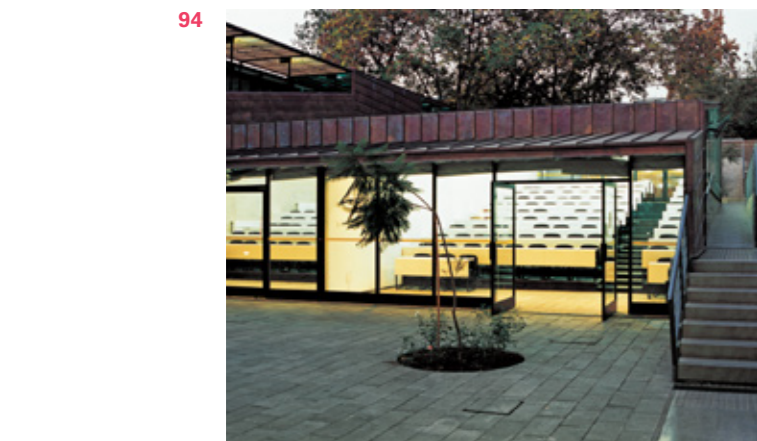
Figura 93 — Interior da biblioteca, com planta livre e iluminada pelos pátios.

Figura 94 — Vista da sala de aula a partir do pátio.

Figura 95 — Escadaria principal de acesso ao Centro de informação e documentação SLGM.

Figura 96 — Adaptação dos níveis para acessar terrenos comprados após a conclusão do projeto.

Figura 97 — Relação da praça com os pavimentos da biblioteca, no subsolo.



94



95



96



97

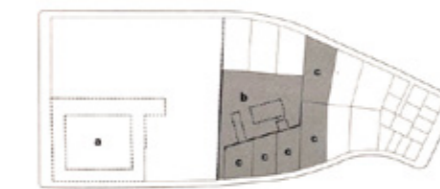


Figura 98 — Loteamento da gleba adquirida por Sergio Larraín.



Figura 99 — Entrada da Casa Sergio Larraín.

5.3 UM PALIMPSESTO SOBRE BASE DE TERRA: O JARDIM COMO ELO DE LIGAÇÃO

Quando da aquisição da Casona pela PUC, o decano Sergio Larraín adquiriu a antiga morada dos caseiros da fazenda para si, de forma que residisse próximo ao cotidiano da universidade. E, mais do que isso: adquiriu vasta gleba no quarteirão da casa colonial e promoveu seu loteamento (figura 98), oferecendo os terrenos a seus filhos ou pessoas vinculadas à universidade. Muito criticado por suas convicções preservacionistas, Larraín, na verdade, exerceu importante papel nas relações da arquitetura contemporânea com o patrimônio local e sua história. A aquisição da casa e dos terrenos fazia parte de seu plano estratégico para evitar grandes construções ou alterações viárias no quarteirão, já que sempre acreditou na sedimentação e crescimento do *campus* Lo Contador. Antes de se instalar na casa, Larraín fez uma reforma em parceria com seu sócio, Jorge Swiburn. Adicionou à antiga casa de adobe dois pequenos pavilhões de tijolos brancos e teto plano, dando ares de casa moderna (figura 99). Os novos muros construídos configuraram um pátio central na casa, inspirado naquele da casa colonial. A casa de Sergio Larraín certamente agregou-se à Casona como geratriz de um complexo tecido em camadas que é o *campus* atualmente. Quando da construção do Centro de Informação e Documentação e da ligação direta e em nível da praça central com o jardim da casa de Sergio Larraín, a PUC, que já percebia a necessidade de mais crescimento, começou a estudar a compra desta e de todas as propriedades pertencentes aos terrenos loteados.

A partir de 1994, portanto, foram adquiridas algumas casas na borda leste do quarteirão a fim de fazer ampliação da área de alguns institutos especiais, estabelecer um diálogo maior com o passeio público e prover o *campus* de mais espaços abertos de encontro e convívio. De forma sequencial, até o ano de 2001, foram adquiridas residências na rua Los Navegantes e El Comendador, incluindo a Casa Sergio Larraín.

Ao todo foram seis casas adquiridas:

1. 1994: Los Navegantes 1963, projetada no ano de 1960 por Hernan Landea, hoje sede da gráfica Ediciones ARQ.

2. 1999: El Comendador 1966, projetada em 1962 por Fernando Montes, atualmente sede da Publicidade Universitária.
3. 1999: El Comendador 1968: Projetada em 1968 por Patricio Balbotin, atual sede do curso de mestrado.
4. 1999: El Comendador 1970, projetada em 1961 por Sergio Larraín García-Moreno, atualmente sede do curso de doutorado.
5. 2000: El Comendador 1954, projetada em 1961 por Jorge Swinburn, atualmente sede do SEREX.
6. 2001: El Comendador 1948, casa de Sergio Larraín, herança da época da construção da casona (era a antiga casa dos caseiros), reformada por ele e seu sócio em 1959.



Figura 100 — Reforma em conjunto das duas casas para receber os cursos de mestrado e doutorado.

Figura 101 — Relação com os espaços abertos das duas casas.

Para se tornarem sede dos cursos de mestrado e doutorado, as duas Casas da rua El Comendador foram reformadas juntas, com projeto de Sandra Iturriga e Wren Strabucchi, em 2005 (figura 100). A primeira, uma casa de madeira pré-fabricada, datada de 1961, e a segunda, uma casa de alvenaria estrutural, de 1968. Para a reforma, o desafio foi transformar a escala de uso das casas, passando do âmbito doméstico às proporções universitária sem alterar a escala da casa e suas relações com os espaços abertos. (figura 101)

A inserção no cotidiano universitário das casas adquiridas e discretamente reformadas para o novo uso promovem “uma descoberta de novas relações de escala entre as partes e como uma sequência de jardins permite entender a unidade de um conjunto complexo e fragmentado”.⁵⁶ Conectando edifícios de escalas variadas, o jardim acaba exercendo importante papel na harmonização

⁵⁶ ITURRIAGA, Sandra; STRABUCCHI, Wren. Doctorado y magister FADEU - PUC. In: ARQ (Santiago), Santiago, n. 68, 2008, p. 40. (tradução nossa)

de um conjunto “tumultuado”, o que permite lembrar a sentença de Laugier.

Através dos fundos das casas, os jardins, interligados, formam uma pequena praça arborizada, com caráter e escala completamente diferentes da grande esplanada central. Além disso, a manutenção dos recuos de ajardinamento tanto das casas adquiridas posteriormente, quanto da Casona e dos outros lotes componentes do *campus*, forma um anel intersticial que interliga a cidade com o *campus*, formando um novo espaço urbano híbrido (público/privado).

Somados, os jardins internos e este interstício dado pelos recuos formam uma camada de espaços abertos, como se fosse um grande parque permeado por edifícios. As pavimentações, descontínuas, cada qual de seu tempo, ajudam a contar uma história de renovação e reforçam a analogia com o palimpsesto. (figura 102).



Figura 102 — Exemplo da descontinuidade das pavimentações, fortalecendo a analogia com o palimpsesto.

5.4 ESCOLA DE DESIGN E INSTITUTO DE ESTUDOS URBANOS

Em 2010 foi encomendado ao arquiteto Sebastian Irarrazaval o projeto para o edifício da Escola de Design e Instituto de Estudos Urbanos, para substituir alguns dos pavilhões pré-fabricados remanescentes.

Uma das principais premissas do edifício da Escola de Desenho foi a necessidade de relação com seu entorno imediato, já que se implanta em uma posição estratégica, dialogando tanto com a praça central quanto com a rua Los Navegantes (a qual, com o projeto, viria a receber o acesso de veículos) (figura 110). O estabelecimento dessas relações, bem como o incremento de área a ser construída, foram os desafios enfrentados pelo arquiteto, que também percebeu que os usuários do Contador identificavam-se com a estrutura de pátio presente na Casona, e isso acabou inspirando o convívio no resto do *campus*. Desta forma, Irarrazaval desenvolveu uma planta em pente, remontando a ideia de organização do programa de necessidades em torno de dois pátios de tamanhos diferentes (figuras 112 e 114), dentro da modulação prevista para o projeto. Na prática, é como se a praça central assumisse uma nova escala e entrasse no edifício, a exemplo do que acontece com os pequenos pátios das casinhas reformadas. O pente é percebido apenas em planta, uma vez que o autor aplicou uma máscara vazada em torno de todos os pavimentos, encerrando-os em uma forma quadrada e discreta. Os blocos externos são dedicados, no térreo, a salas

de aula tradicionais e a um grande ateliê, com pé direito duplo e planta fluida (figura 116). O programa de necessidades apresenta gradações de espaços mais públicos até mais privados, à medida em que sobem os pavimentos. Abaixo do nível da praça, semi-enterrados, dois pavimentos de estacionamento aproveitam o desnível existente no terreno, a exemplo do projeto da nova biblioteca, e, na cobertura, um terraço com vista para a Cordilheira dos Andes (figura 115). Uma faixa localizada na fachada frontal organiza o acesso de pedestres e a circulação vertical do edifício. O autor insere o exemplar de maneira precisa, alinhando-o com o final da pérgola do projeto anterior, evidenciando o trecho final da praça central e o desnível que ocorre a leste (figura 109).

As fachadas em aço corten (figura 113) fornecem a identificação da época do edifício ao mesmo tempo que transparecem o efeito do tempo, uma vez que a plasticidade do material se transforma com o passar dos anos.

Observando a passagem do tempo no *campus* e suas constantes reformas, anexos territoriais e novos edifícios é possível retornar à temática do palimpsesto. Após a demolição de algumas estruturas cujo sentido de seguir existindo havia sido extinto, o *campus* passou a sofrer transformações mais profundas. Apesar de seu *genius loci* ter sido drasticamente afetado em função de todas as ocorrências citadas - e continua, cotidianamente, a ser modificado -, seria um engano afirmar que ele não se adapta à evolução tanto dos usos quanto dos usuários. A construção dos novos edifícios fortaleceu a “unidade no detalhe”, já que tratou de densificar o *campus* ordenando, simultaneamente, o espaço aberto. Nos novos prédios percebe-se escala adequada tanto à escala do indivíduo quanto das funções que o edifício recebe. Há, sim, um certo “tumulto no conjunto”, dado pelas diferentes gerações de projetistas envolvidas no desenvolvimento do *campus* e que são denotadas através da plasticidade e das estratégias projetuais dos edifícios. Todavia, há também um bem sucedido diálogo estabelecido entre todas elas.

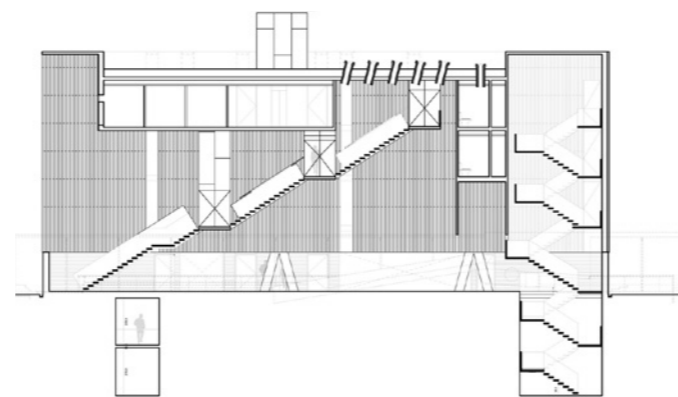


Figura 103 — Corte 1

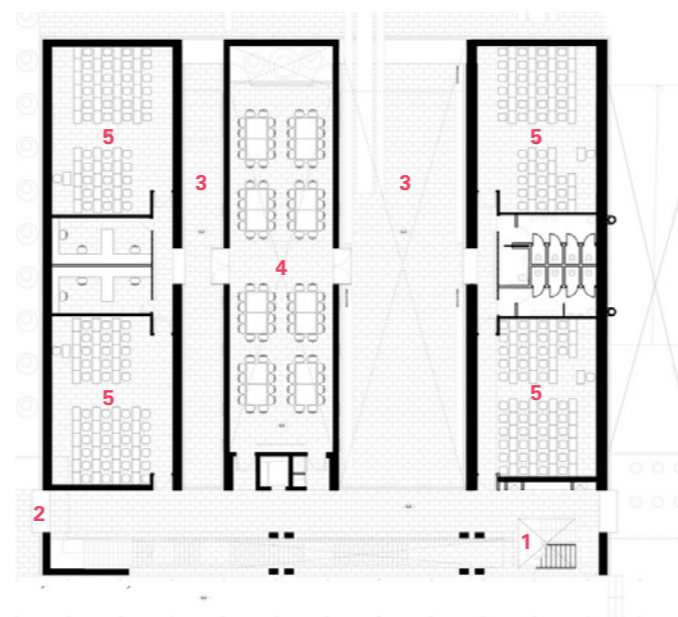


Figura 104 — Planta Baixa

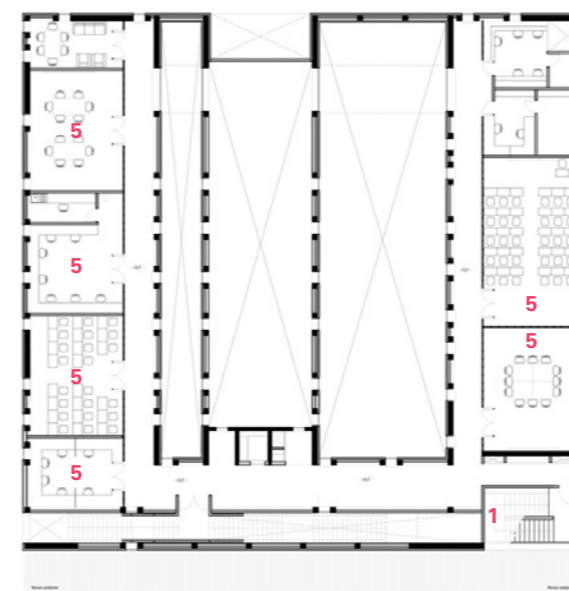


Figura 105 — Planta Segundo Pavimento

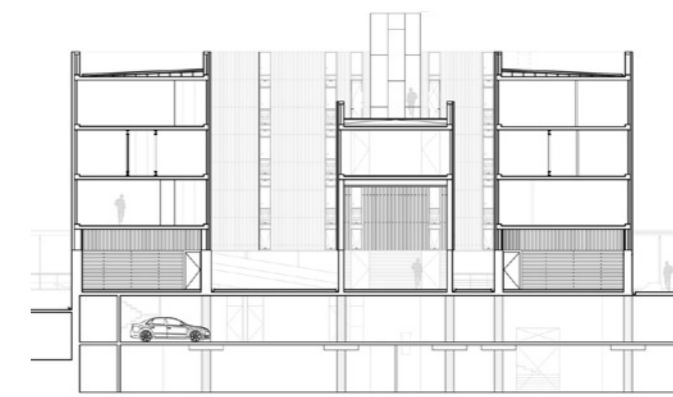


Figura 106 — Corte 2



Figura 107 — Planta Terceiro Pavimento

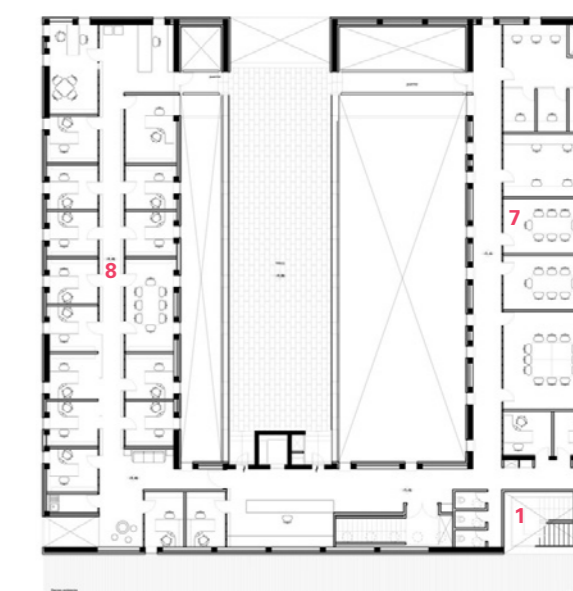


Figura 108 — Planta Quarto Pavimento

Legenda

1. Circulação Vertical
2. Acesso Térreo
3. Pátios Internos
4. Ateliê
5. Salas de Aula
6. Pesquisa
7. Reuniões
8. Gabinetes

Figura 103 — Corte 1

Neste corte percebe-se a organização da escada partir do térreo, bem como a torre de circulação que vai desde o subsolo até o último pavimento. A fachada interna, conforme desenhada, é modularizada em madeira.

Figura 104 — Planta Baixa

No nível do solo, organizam-se as salas de aula, ateliê central e programa de apoio. Alinhada com a praça, a faixa de acesso que organiza também a circulação vertical.

Figura 105 — Planta Segundo Pavimento

A barra central assume o pé direito duplo do ateliê do primeiro pavimento; nas barras laterais organizam-se mais salas de aulas e ateliês menores.

Figura 106 — Corte 2

Neste corte observa-se a o aproveitamento do desnível para estacionamento; também é possível compreender melhor a proporção dos pátios internos e do terraço.

Figura 107 — Planta Terceiro Pavimento

Neste pavimento há mais um ateliê central e, nas barras laterais, programas mais privados como salas de reuniões e grupos de pesquisa.

Figura 108 — Planta Quarto Pavimento

Este pavimento comporta um terraço na barra central e, nas barras laterais, gabinetes para professores, administração e salas de reuniões privadas.



110



109



111

112



114



115



116



113

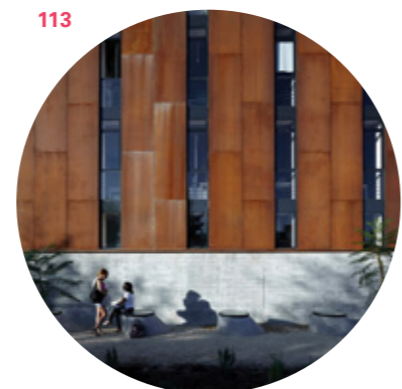


Figura 109 — Edifício alinhado com o final da pérgola e início do desnível.

Figura 110 — Acesso de veículos na Rua Los Navegantes para estacionamento do edifício.

Figura 111 — Acesso principal, à esquerda módulo de circulação.

Figura 112 — Um dos pátios internos.

Figura 113 — Fachada exterior em aço corten.

Figura 114 — Passarela cruzando o pátio.

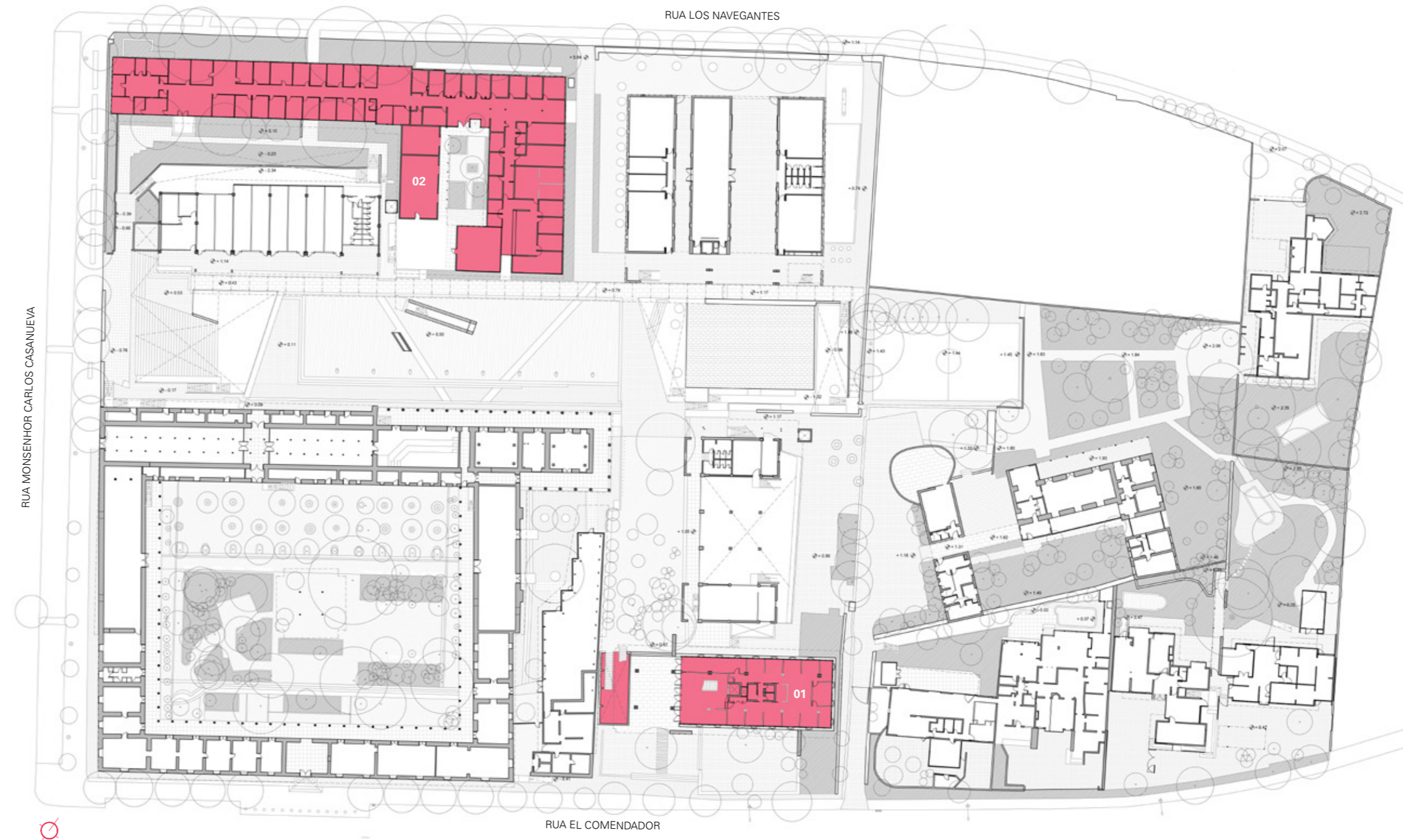
Figura 115 — Terraço com vista para a Cordilheira.

Figura 116 — Ateliê localizado no térreo.



Figura 117 — Em 2010 a direção do *campus* elaborou um grande plano diretor que pretendia preencher todo o quarteirão com as instalações da universidade. A partir desse plano foi construído o Edifício Docente e de Pesquisa da Escola de Arquitetura (01). Em 2015, assumindo que o plano havia falhado, foi desenvolvido um concurso

para estabelecer as diretrizes do sítio existente, fazendo uma nova previsão de acessos, edifícios e organização geral. A partir desse plano, também através de um concurso, foi aprovado o desenvolvimento do novo Edifício Docente e de Pesquisa das Faculdades de Arquitetura, Desenho e Estudos Urbanos.



Destaque 1 — Edifício Docente e de Pesquisa da Escola de Arquitetura.
2016 — inauguração

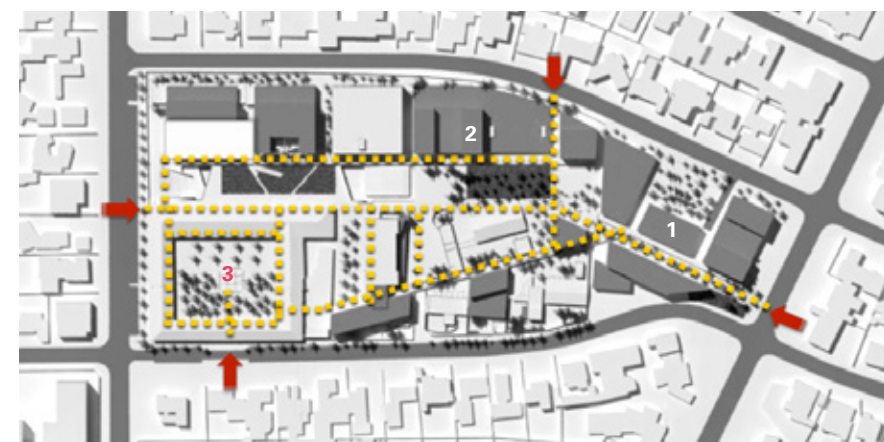
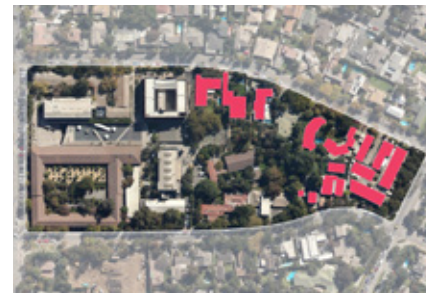
Destaque 2 — Previsão da implantação do Edifício de Ateliês das Faculdades de Arquitetura, Desenho e Estudos Urbanos, a ser demonstrado nas próximas páginas.
2015 — Aprovação do concurso

Figura 118 — Implantação do quarteirão do *campus*, destacando os imóveis que seriam desapropriados.

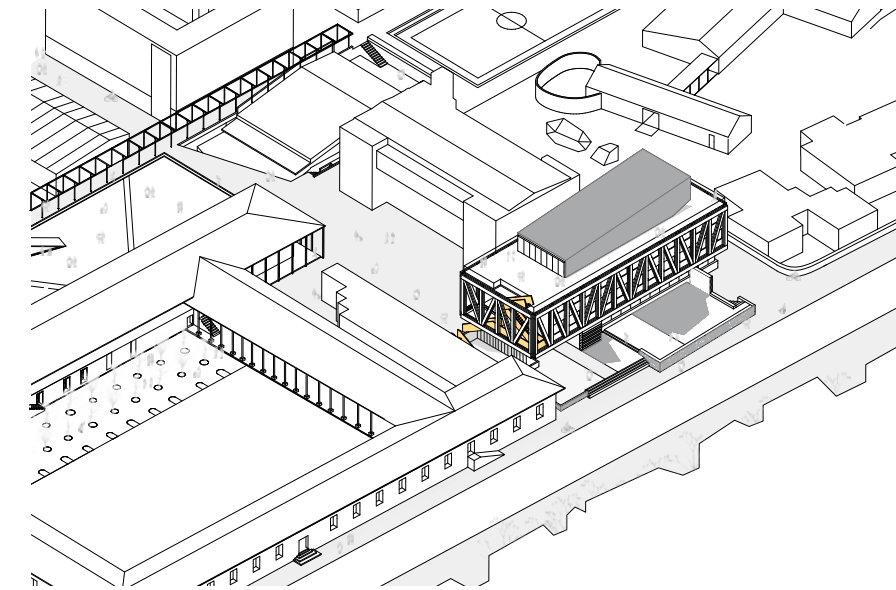
Figura 119 — Plano diretor de 2010, destacando os eixos de acesso por todas as ruas do quarteirão e identificando os novos edifícios e usos.

1. centro de convenções e residência universitária
2. ginásio e praça de alimentação;
3. galerias de exposições

Em meados de 2010, a Direção de Serviços Externos da Faculdade de Arquitetura, almejando um crescimento ainda maior do *campus* Lo Contador, elaborou um plano diretor ambicioso, propondo incluir todo o quarteirão dentro da área universitária. Tal ação compreenderia a totalidade dos terrenos desde a Rua Carlos Casanueva até a Rua Pedro de Valdivia Norte, resultando na desapropriação do restante dos exemplares residenciais existentes no quarteirão (figura 118). A ambição do plano não era apenas referente à aquisição de mais terrenos, mas também à pretensão de agregar à área universitária novos programas, como residências estudantis, espaços de convivência, prática de esportes e centro de convenções. A Casona passaria a abrigar espaços para exposições (figura 119). Além disso, as novas diretrizes propunham novos acessos, que evidenciavam o eixo central e garantiam entradas em todas as orientações do quarteirão. Este esquema consolidaria ainda mais o crescimento a partir do centro, do vazio entre as edificações e dos jardins como elementos fundamentais tanto para a organização do *campus* quanto para a garantia de sua vida social ativa e em contato com o bairro.



Este plano diretor de 2010 vigorou até o ano de 2015, quando a universidade admitiu dificuldades econômicas e políticas para adquirir os lotes residenciais remanescentes no quarteirão. Poucas - porém, significativas - alterações foram procedidas no *campus* a partir desse plano regulatório, entre elas a construção, após um concurso de projetos, do Edifício Docente e de Pesquisa da Escola de Arquitetura.



6.1 EDIFÍCIO DOCENTE E DE PESQUISA DA ESCOLA DE ARQUITETURA

A principal intervenção executada dentro do plano diretor de 2010, citado anteriormente, foi a construção do Edifício Docente e de Pesquisa da Escola de Arquitetura (conhecido como Edifício Escola). A equipe vencedora do concurso de projetos, coordenada pelo professor Gonzalo Claro, posicionou-o em continuação à fachada sul da Casona (Figura 120), de forma levemente distinta do que previa o plano. A decisão possibilitava um acesso mais franco pela Rua El Comendador, evidenciando o eixo de conexão norte-sul, agora completamente consolidado. A justificativa dos jurados para a escolha do vencedor foi embasada na implantação do edifício. Segundo eles, o prédio atuariava uma zona menos desenvolvida dentro do *campus* e manteria um vínculo vivo com a Casona (Figura 121). O projeto também demonstrava estar harmonia com os demais existentes no *campus*, “cujo valor era reconhecido ao longo

Figura 120 — Perspectiva demonstrando o local de implantação do novo edifício, recuado em relação à Casona.

Figura 121 — O recuo do Edifício Escola garante a visibilidade da Casona desde o leste.

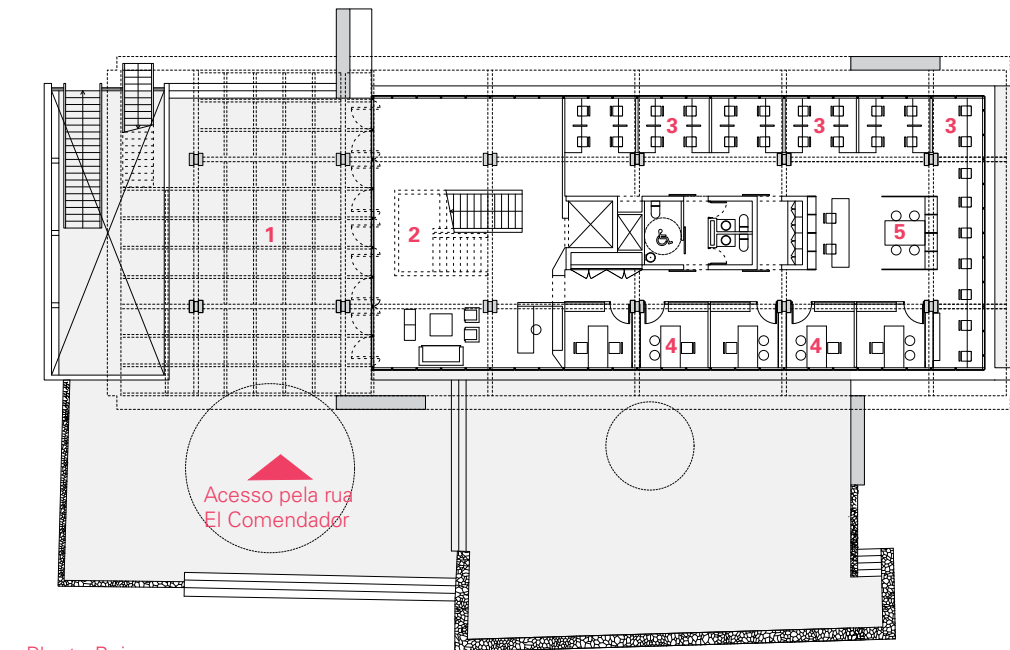


Figura 122 — Planta Baixa

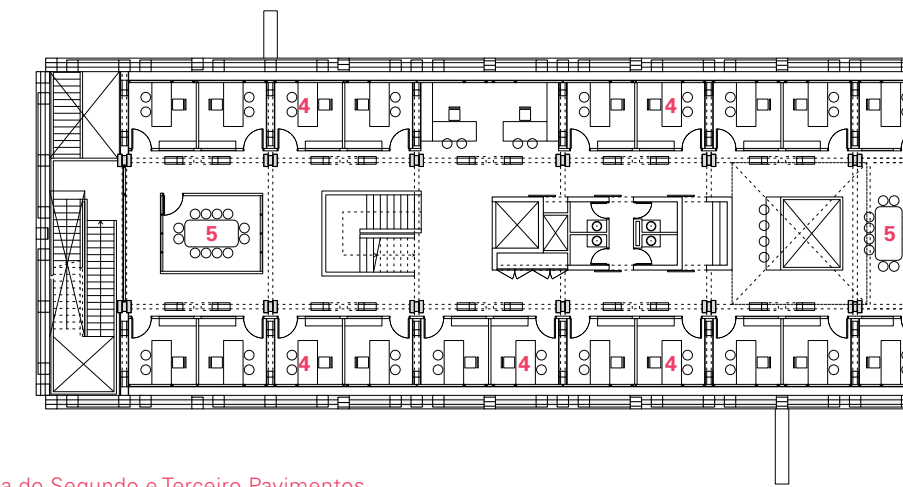


Figura 123 — Planta do Segundo e Terceiro Pavimentos

Legenda

1. Térreo Aberto
2. Saguão de Acesso
3. Ateliê
4. Gabinetes
5. Reuniões
6. Terraço
7. Auditório

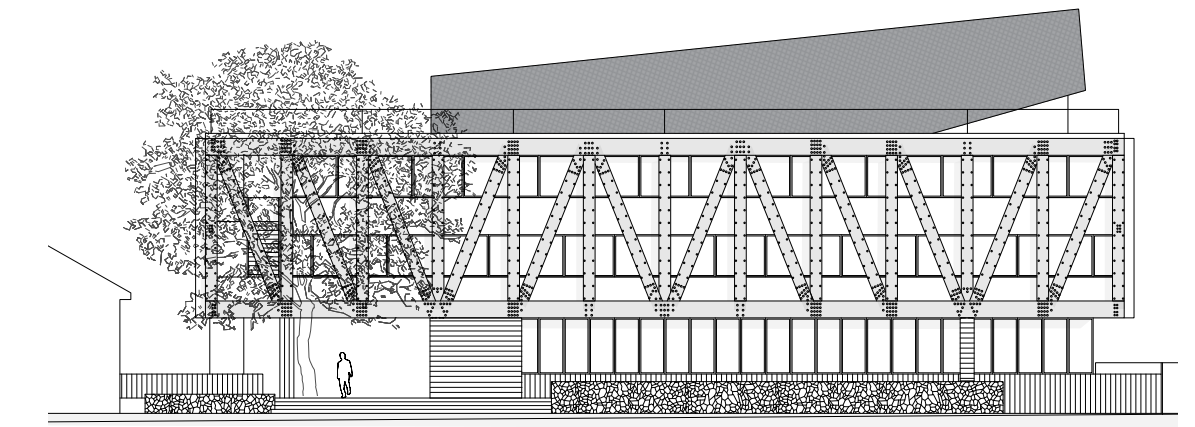


Figura 124 — Elevação

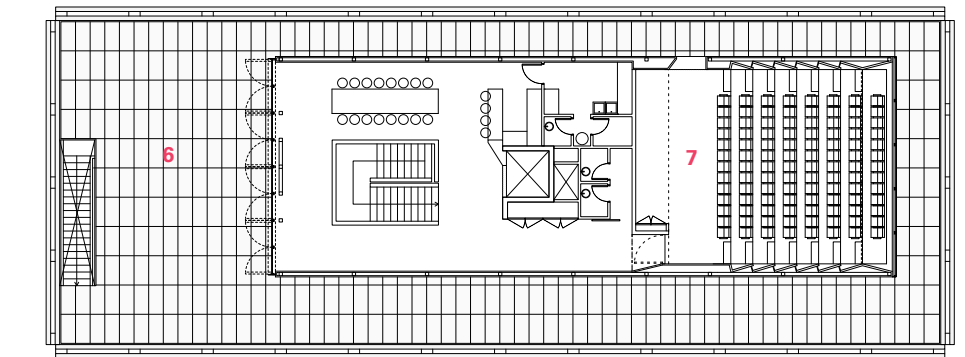


Figura 125 — Planta do Auditório e Terraço

Figura 122 — Planta Baixa

A parcela aberta do térreo é essencial para que ocorra o diálogo entre a rua e o interior do *campus*, enfatizando o eixo norte-sul

Figura 123 — Planta do Segundo e Terceiro Pavimento

Programa privado, composto basicamente por gabinetes e espaços para reuniões.

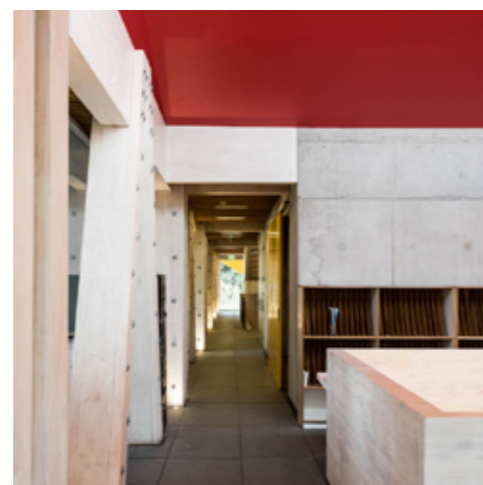
Figura 124 — Elevação

Treliças em madeira são a base estrutural para o segundo e terceiro pavimentos. A altura do edifício alinha-se com a copa das árvores.

Figura 125 — Planta do Auditório e Terraço



126



127



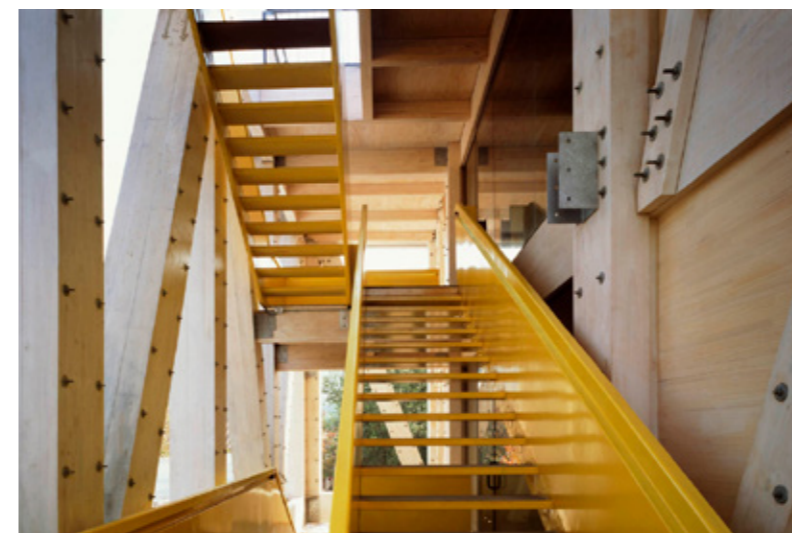
128



129



130



131

Figura 126 — Estrutura aparente de madeira no edifício de Gonzalo Claro.

Figura 127 — Foto do ambiente interno.

Figura 128 — Edifício com a Casona ao fundo.

Figura 129 — Escadaria de acesso ao terraço.

Figura 130 — Escada, no térreo.

Figura 131 — Últimos lances de escada antes do terraço.

dos 250 anos de história vividos pela Casa de Lo Contador⁵⁷.

A construção do edifício iniciou no ano de 2013. Para lidar com o reflexo de mais uma unidade edificada dentro do grande jardim que é o *campus* Lo Contador, os autores mantiveram uma parcela significativa do térreo livre (**figura 132**), como um pátio coberto. Os dois pavimentos superiores abrigam os espaços privados do programa de necessidades e, coroando o edifício, um elemento

Figura 132 — Trecho do térreo considerado um pátio coberto. Ao fundo, portão de correr que permite abertura total do vão quando o campus está em horário de funcionamento.



de ordem pública, o auditório. A estrutura aparente em madeira sobre uma base de concreto dialoga com materiais existentes na Casona e busca preceitos de sustentabilidade desde sua origem, reduzindo o impacto do processo de construção no bairro através de peças pré-moldadas. A aplicação destes materiais disponibilizou aos usuários, estudantes de arquitetura, mais uma técnica construtiva aparente dentro de seu *campus*, tornando-se também fonte de aprendizado. A utilização dos elementos construtivos como meios de aprendizado vai ao encontro de Rafael Moneo quando este coloca:

*A escola de arquitetura, o edifício onde os estudantes são iniciados ao conhecimento da arquitetura, deve conter a primeira lição que eles recebem.*⁵⁸

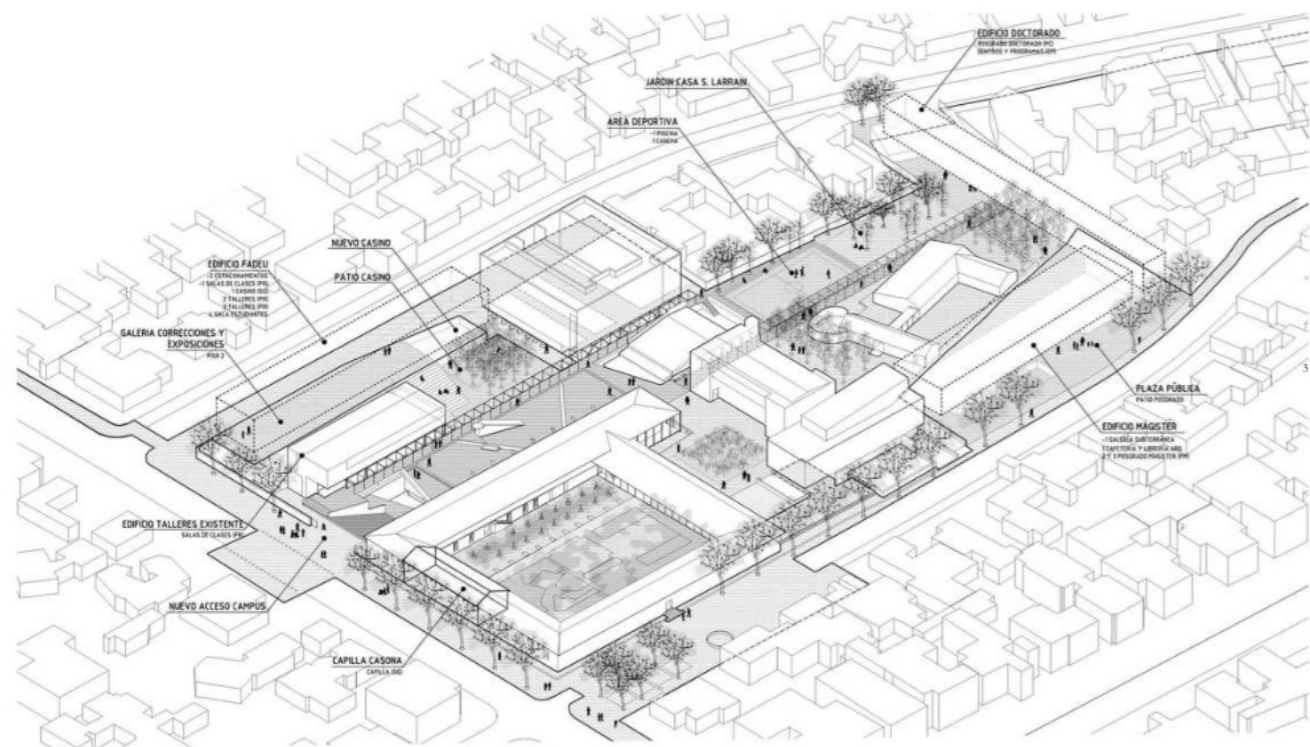
57 VÁSQUEZ, et. al. Proyecto Campus Lo Contador - Anexo 1: Planes y Proyectos de Campus Lo Contador. Santiago, 2015. p.18 (tradução nossa)

58 MONEO, Rafael..In.: Lo Contador - Casas, jardines y campus. Ediciones UC. Santiago, 2012. p. 11 (tradução nossa).

A construção do edifício foi finalizada no ano de 2016 e seu vão livre de 21 metros no térreo configurou um novo saguão de acesso ao *campus*, fazendo com que o edifício assumisse uma vocação pública e uma relação franca e permeável com seu entorno, apesar de seu uso privado.

6.2 O NOVO MASTERPLAN

No ano de 2015 a Faculdade de Arquitetura da PUC, assumindo que não seria possível adquirir o restante dos lotes do quarteirão, realizou um concurso aberto a seus professores e estudantes com o objetivo de desenvolver um novo plano diretor - o *Masterplan* - para o *campus*, a fim de propor uma estratégia integral de crescimento atualizada. O vencedor do certame foi o escritório Beals + Lyon, parceria de Loreto Lyon e Alejandro Beals, ambos professores na PUC.



Segundo os autores⁵⁹, o projeto (figura 133) permite examinar e repensar os elementos críticos na formação de um *campus* universitário, para que este corrobore a formação dos estudantes.

O projeto propõe quatro pontos fundamentais para guiar o plano de desenvolvimento do *campus*:

Figura 133 — Plano diretor de 2010, destacando os eixos de acesso por todas as ruas do quarteirão e identificando os novos edifícios e usos.

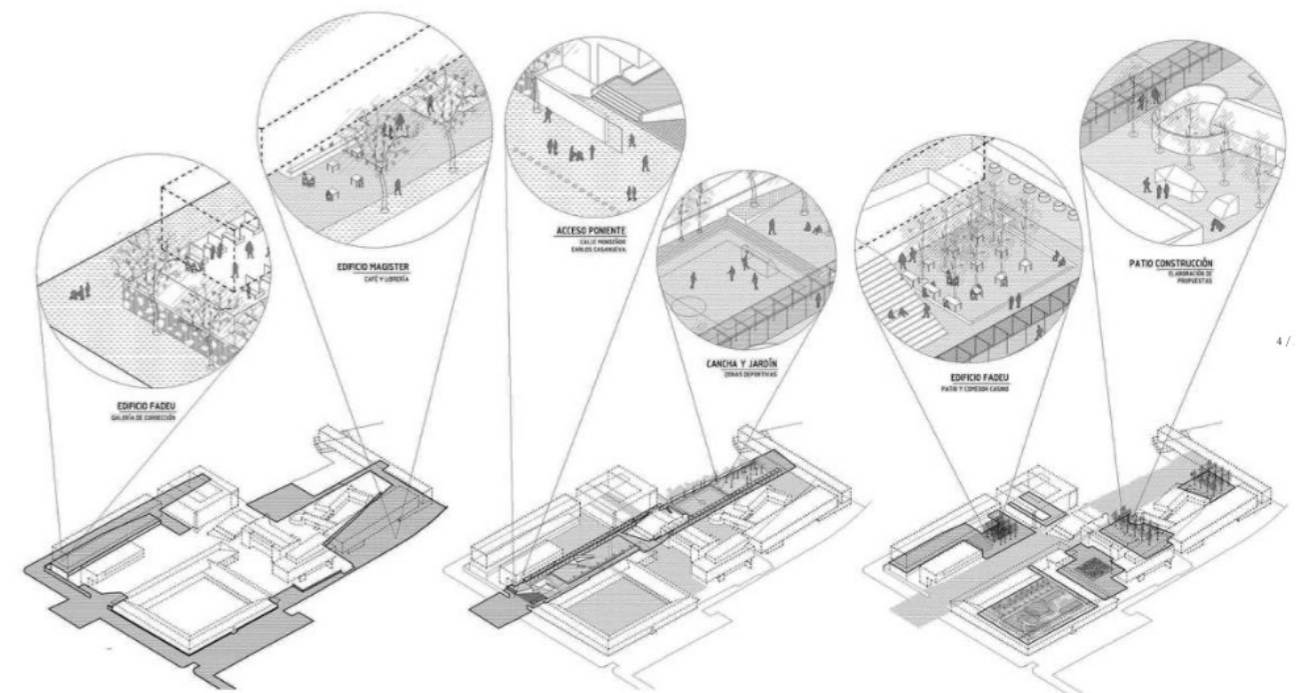


Figura 134 — Principais diretrizes do plano diretor de 2010.

1. Torná-lo mais aberto através um térreo poroso que permita um relacionamento ativo entre o interior do quarteirão e a dinâmica da rua fora de suas bordas. Transformar as bordas fechadas em espaços de transição, gerando vínculos com a comunidade externa. A principal justificativa desse ponto é que o principal laboratório no estudo de arquitetura e urbanismo é a própria cidade. Então, a unificação do espaço de estudo com ela criaria nos estudantes a sensação de pertencimento social.
2. Interpretar o *campus* como um espaço de permanência, onde o trabalho, o estudo e a troca social ocorram em um espaço integrado. Para isso acontecer, faz-se necessário uma grande infraestrutura de apoio, composta de cafeteria, bar, instalações recreativas e esportivas e espaços que sejam capazes de promover o encontro e diálogo espontâneos.
3. Preservar o vazio e os espaços abertos. Potencializar ainda mais as qualidades da praça central e dos jardins com menor escala, focando não apenas nos volumes construídos, mas na relação que

estabelecem com os outros edifícios e, principalmente, com o espaço aberto. Tanto a grande praça quanto os pequenos pátios adjacentes.

4. Promover o desenvolvimento sustentável. O *campus* apresenta significativas limitações estéticas e de escala. Por isso é necessário planejar um desenvolvimento coerente, projetando espaços flexíveis e adaptados.

De imediato, o *Masterplan* inova quando propõe a supressão de algumas construções que fazem parte do cotidiano do *campus* desde

59 BEALS, Alejandro; LYON, Loreto. Lo Contador Masterplan.

o final da década de 1990, como as casas onde hoje funcionam o mestrado, doutorado e gráfica. Em seus lugares, seriam construídos novos edifícios que poderiam proporcionar mais área construída mantendo as alturas já presentes no sítio. Pelas diretrizes do *Masterplan*, as únicas casas a serem mantidas são a Casona e a antiga morada de Sergio Larraín, reformada pelo próprio. Esse exemplar é remanescente da época da construção da Casona, quando servia como casa auxiliar. Os edifícios construídos para as atividades acadêmicas (Edifício Escola, Edifício de Laboratórios, Centro de Informação e Documentação Sergio Larraín García-Moreno, Escola de Desenho e Estudos Urbanos, Edifício Docente e de Pesquisa) também são mantidos. A supressão das casas sem considerável valor histórico ou arquitetônico é mais uma prova da adaptação do local às condições atuais. Através dos novos edifícios ficará evidente a escala do grande vazio central.

O *Masterplan* de 2015 é focado nas atividades cotidianas das faculdades. É uma investigação acerca das novas relações que poderiam ser geradas no interior do *campus* e em suas adjacências caso fossem implementados alguns princípios para intensificação dos usos e conexão com a cidade. O grande questionamento nesse caso não diz respeito à definição de locais onde se deve implantar os novos edifícios, mas à exploração de novas relações de encontro, difusão e intercâmbio nos espaços existentes, prevendo relações semelhantes com os que estão por vir. O plano visa a projetar novos espaços que permitam o uso comunitário, abertos à exposição e ao debate de ideias em torno da cidade. A imagem tradicional de um *campus* fechado e sem relação com o mundo exterior precisava ser alterada e esta foi a principal justificativa deste projeto.

O *Masterplan* também insiste que a possibilidade de aquisição de todos os lotes do quarteirão não deveria ser descartada, defendendo que ela traria um grande avanço para o *campus*. No final da apresentação do projeto os autores lançam novamente o desafio e preveem que até 2030 a Universidade poderá ter adquirido todo o quarteirão e desenvolvido um processo importante de reurbanização do setor leste, até a Rua Pedro de Valdivia Norte (Figura 135). Os autores defendem que a Universidade é uma promotora do espaço público em conexão permanente com a sociedade. O *campus* de amanhã, portanto, deveria seguir sanando as necessidades de uma instituição em constante evolução e fortalecendo uma relação harmônica e sustentável com a cidade.

Figura 135 — *Masterplan* com a previsão para 2030: edifícios e praça de chegada na borda com a Rua Pedro de Valdivia Norte.

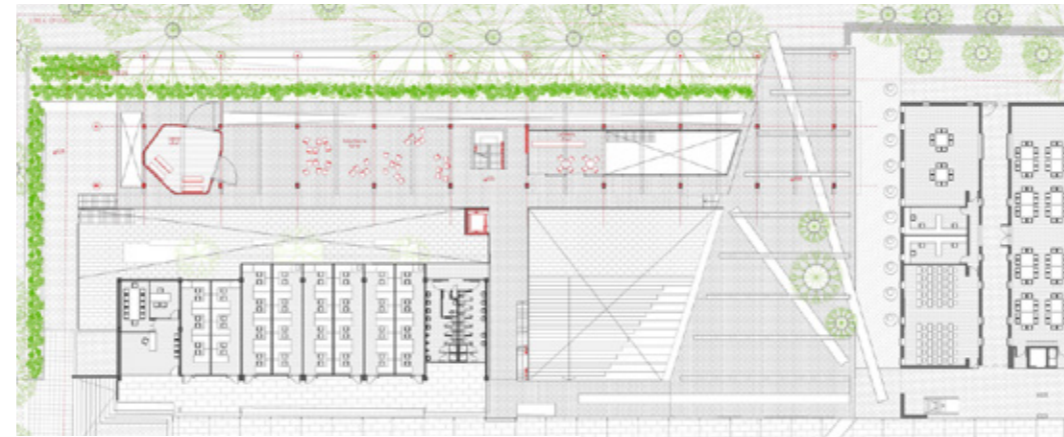
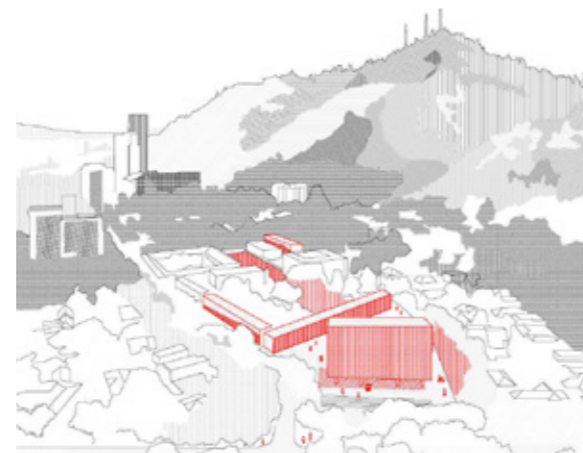


Figura 136 — Planta Baixa



Figura 137 — Planta do Segundo Pavimento

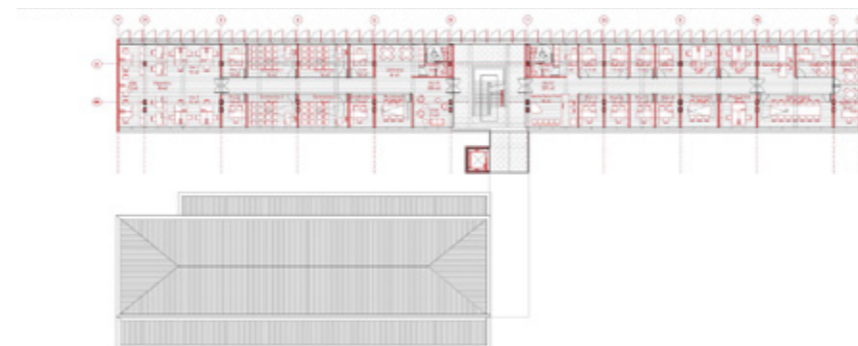


Figura 138 — Planta do Terceiro Pavimento

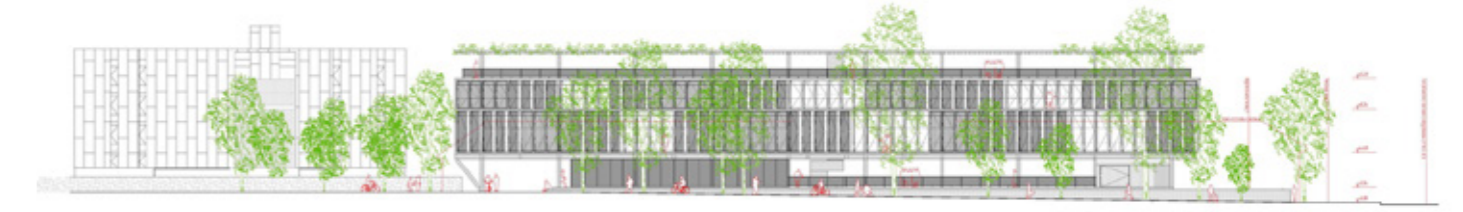


Figura 139 — Elevação

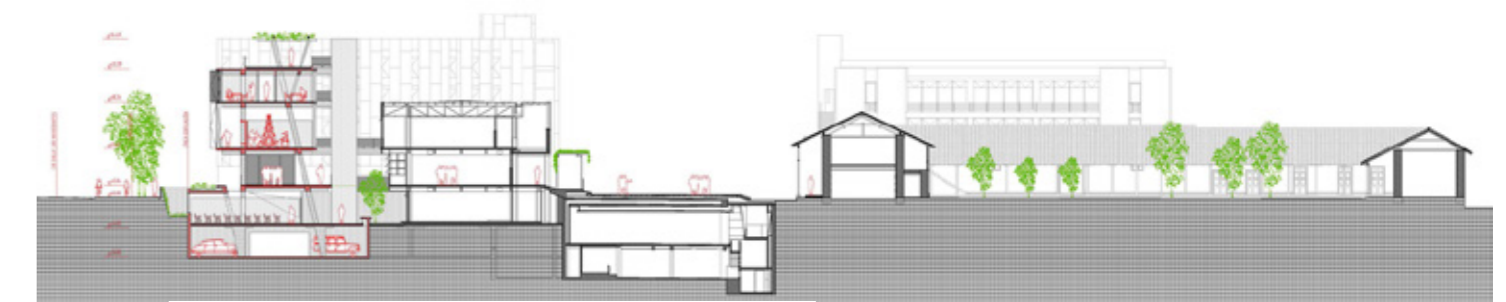


Figura 140 — Corte Transversal



Figura 141 — Corte Longitudinal

Figura 136 — Planta Baixa
Planta baixa demonstrando o acesso pela rua lo Contador e a conexão com o edifício existente da faculdade de arquitetura.

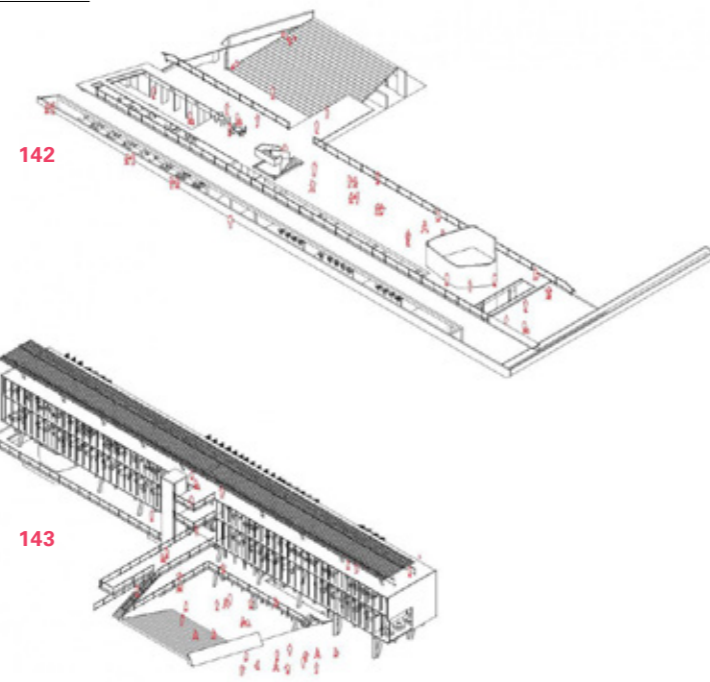
Figura 137 — Planta Segundo Pavimento
Nova barra e conexão com o edifício existente.

Figura 138 — Planta Terceiro Pavimento
O terceiro pavimento equivale ao nível da cobertura do edifício existente

Figura 139 — Elevação
Alinhamento com Escola de Design e Estudos Urbanos.

Figura 140 — Corte Transversal
Subsolos dos edifícios da Faculdade de Arquitetura e Biblioteca conectados.

Figura 141 — Corte Longitudinal
Continuação do estacionamento da Escola de Design e Estudos Urbanos



142

143



144



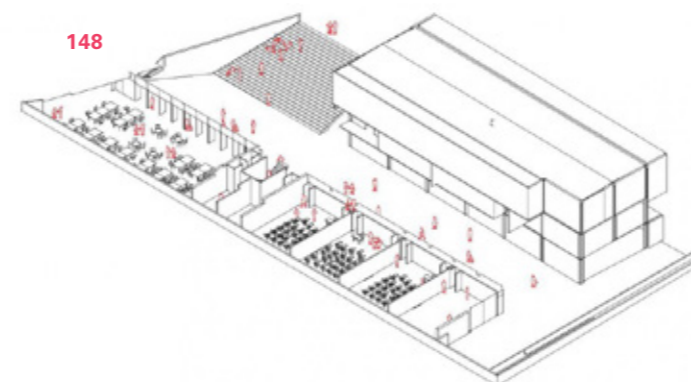
145



146



147



148

Figura 142 — Espaço aberto e coberto localizado no térreo.

Figura 143 — Axonometria dos pavimentos do edifício.

Figura 144 — Perspectiva a partir da rua Los Navegantes.

Figura 145 — Conexão de Subsolos no novo edifício FADEU CMPC.

Figura 146 — Vista interna.

Figura 147 — Detalhe da solução em brises móveis modulados na fachada.

Figura 148 — Axonometria do subsolo

6.3 O CONCURSO PARA O EDIFÍCIO DE ATELIÊS DAS FACULDADES DE ARQUITETURA, DESENHO E ESTUDOS URBANOS (EDIFÍCIO FADEU)

Este foi o primeiro concurso para desenvolvimento de um edifício previsto pelo novo *Masterplan*, aberto para arquitetos e acadêmicos da universidade. No programa do certame estava o novo edifício FADEU - CMPC, para receber mais instalações das Faculdades de Arquitetura, Desenho e Estudos Urbanos. Este edifício foi o primeiro a ser projetado a partir do plano de Beals + Lyon, que, segundo a própria universidade, consolida as diversas áreas de interesse das unidades conforme a seguinte justificativa:

“através de uma ideia de futuro que fortalece e traz sustentabilidade para Lo Contador no bairro e na importância que adquirirá como centro universitário de criação, de conhecimento e de inovação dentro do país”⁶⁰.

A dupla vencedora, Alberto Moletto e Sebastián Paredes propôs uma solução que, de acordo com os autores, promove um constante intercâmbio com a rua, o bairro e a cidade e constrói não só um edifício, mas o ideal de uma instituição. A implantação do projeto, já prevista no *Masterplan*, é a esquina entre a Rua Monseñor Carlos Casanueva e a Rua Los Navegantes, assumindo parte da borda do quarteirão. A ideia da equipe vencedora foi a de alcançar a maior neutralidade possível no diálogo plástico com os outros edifícios do *campus*, principalmente seu vizinho imediato, o Edifício Escola da Faculdade de Arquitetura, com o qual chega a fazer conexão física (Figura 137).

Assumiu-se que a troca de experiências entre o quarteirão e o bairro potencializa os processos educativos. Por isso foi criado um térreo amplo e convidativo através de uma galeria coberta na borda com a rua Los Navegantes (Figuras 136 e 144). O projeto seguiu o limite da modulação do edifício da Escola de Design e Estudos Urbanos nesta rua e, na esquina oeste, o limite do edifício de ateliês da Faculdade de Arquitetura.

Para manter uma relação harmônica com as edificações existentes na rua, predominantemente baixas, os autores optaram por

60 BEALS, Alejandro; LYON, Loreto. Lo Contador Masterplan.

não utilizar todo o limite de altura a norte, valendo-se dele apenas na parcela interna do edifício, através de um terraço. Segundo eles, isso evidencia o vazio central - grande praça que é peça chave dentro do *campus* (Figura 145).

Para atender ao programa de necessidades, composto basicamente por salas de aula, gabinetes e vagas de estacionamento, foram previstos dois subsolos, que também serão conectados com o subsolo já construído do edifício vizinho. O segundo, mais profundo e destinado aos carros, seguiu a mesma modulação da Escola de Design e Estudos Urbanos. No primeiro subsolo, que se conecta com o subsolo do Centro de Informação e Documentação SLGM, começam as primeiras salas do programa.

Capítulo 7

LINHA DO TEMPO CAMPUS LO CONTADOR

Nas próximas páginas será apresentada uma cronologia com os episódios mais importantes do desenvolvimento tanto da Fazenda quanto do *Campus Lo Contador*. São fatos que tiveram relevância na história ou que impuseram novas condições para as transformações subsequentes. Além de organizar e facilitar a compreensão da história da região, a cronologia comprova que, durante o período de desenvolvimento do bairro e de crescimento do *campus*, as mudanças foram responsáveis pela manutenção dos elementos mais importantes ali construídos.

A

1545

As terras entre o Morro San Cristóbal e o Rio Mapocho foram concedidas por Pedro de Valdivia a Rodrigo de Araya, que as subdividiu. Em 1780 Francisco Antonio de Avaria adquiriu diversos desses terrenos para constituir uma chácara para sua sobrinha órfã, Mercedes Contador.

B

1799

A exploração das terras férteis da Chácara Contador começou ainda em 1791, porém foi em 1799 que a grande casa colonial foi construída. Bloco único de dois pavimentos com corredores nas duas fachadas principais, sendo o térreo abrigo para as áreas de serviço e o pavimento superior destinados às alas sociais e íntimas. A cozinha foi posicionada como anexo independente e o acesso principal, através da fachada oeste.

C

1840

Primeira readequação operacional, para transformação em casa de retiros. Uma capela e um refeitório foram concebidos como corpos independentes perpendiculares ao bloco principal e, fechando a forma quadrada, novos quartos paralelos ao volume inicial. Sanitários são o elo de ligação entre o volume dos quartos e a capela. Oficializa-se um acesso secundário pela fachada sul. Em 1866 foi necessário construir mais quartos.

D

1920

A partir de 1900 a casa foi liberta das atividades religiosas e retomou o uso agrícola. Nessa reforma solidificou-se o acesso principal pela fachada sul, em resposta ao desenvolvimento urbano do bairro Providência. Nesse período também foi iniciada a exploração das pedreiras do Morro São Cristóbal, o que colaborou para o posterior declínio da atividade agrícola na região.

E

1939

Construção da Ponte Pedro de Valdivia. Após a venda dos terrenos entre as avenidas Santa María, Pedro de Valdivia Norte e El Cerro, a região passou pela sua primeira fase de urbanização, consolidada pela construção da ponte. Em meados de 1950 a área já estava plenamente constituída.

F

1958

Aquisição da Casona pela PUC, após insistência do então decano da Faculdade de Arquitetura, Sergio Larraín García Moreno. Desenvolvimento da segunda etapa de urbanização da região, entre as avenidas Santa María, Pedro de Valdivia Norte, El Cerro e rua Monsenhor Carlos Casanueva.

G

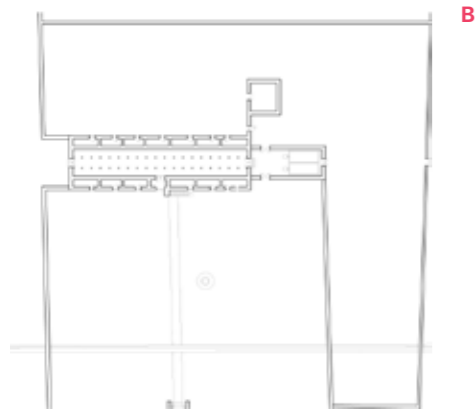
1959

Sem grandes reformas nem adaptações substanciais, a Faculdade de Arquitetura ocupou a Casona. Os quartos passaram a ser utilizados como salas de aula e ateliês e a direção foi instalada no corpo sul, bloco que já abrigava o acesso principal da casa. Uma lanchonete foi instalada na antiga cozinha. As varandas passam a ser usadas como galerias para expor trabalhos dos alunos.

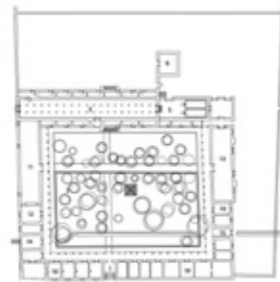
H

1962

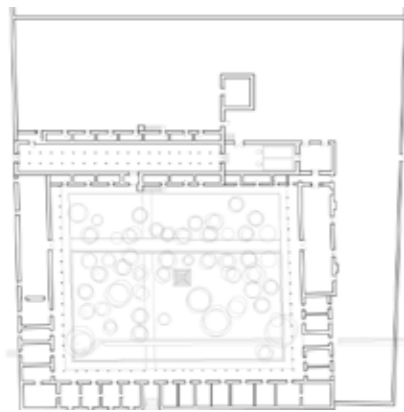
Desenvolvimento da terceira etapa de urbanização em dois setores: a leste, entre as avenidas El Cerro e Los Conquistadores; a oeste, entre as ruas Monsenhor Carlos Casanueva e Emeterio Larraín Bunster e as avenidas El Cerro e Los Conquistadores. A quarta e última etapa de urbanização foi desenvolvida no ano de 1968, entre as avenidas El Cerro e Santa María e rua Emeterio Larraín Bunster.



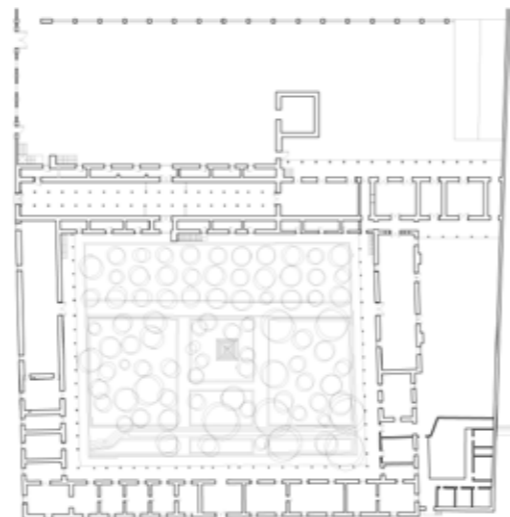
B



C



C



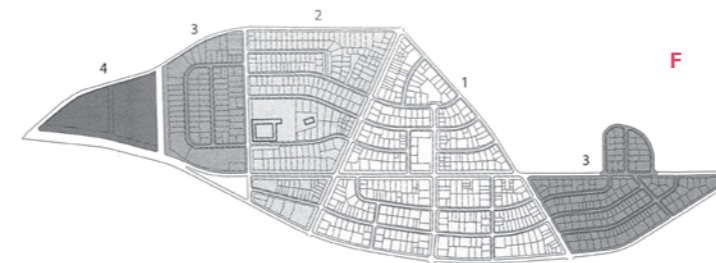
D



G



E



F

Lo Contador as an urban site
Diagram for urbanization by stages

- First urbanization: 1956
- Second urbanization: 1958
- Third urbanization: 1962
- Fourth urbanization: 1968

Lo Contador como predio urbano
Esquema de urbanización por etapas

- Primera urbanización: 1956
- Segunda urbanización: 1958
- Tercera urbanización: 1962
- Cuarta urbanización: 1968

Based on

En base a
Palmer, Montserrat: *La comuna de Providencia y la ciudad jardín*; Ediciones Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, 1984.

I
1962

Em 1962 também aconteceu a primeira densificação do *campus* Lo Contador através da construção de pavilhões pré-fabricados. Os pavilhões foram construídos durante toda a década, até 1974, conforme a necessidade de área crescia. Até 1991 foram as únicas construções no *campus* além da casona. Algumas indústrias de estruturas pré-fabricadas auxiliaram a financiar os projetos.

J
1974

A casona foi declarada Monumento Nacional, através do decreto N. 808 do Ministério de Educação e Municipalidade de Providencia. Como consequência do decreto, além da manutenção da casa, proteção da extensão de 22,5m a frente de suas duas fachadas principais (norte e sul) de construções.

K
1988

Primeiras discussões sobre a previsão de crescimento do *campus*, documentadas com um esboço de plano regulador apresentado por José Gomez e seu ex-aluno Antonio Lama. A formalização do primeiro plano de expansão do *campus* a partir de uma projeção de crescimento das faculdades de Arquitetura e Belas Artes, ocorreu no mesmo ano, desenvolvido pelo professor Pedro Bannen.

L
1989

Em 1989 foi apresentada uma contraproposta ao plano de Brannen. De autoria de Pilar Garcia, Wren Strabucchi e José Ugarte, sugeriu o uso do subsolo prevendo a otimização da construção. A forma contínua da edificação seria dividida, a fim de facilitar os fluxos dentro do terreno. Os externos do "L" seriam mantidos como pontos estratégicos.

M
1990

A construção dos edifícios da Escola de Arquitetura, projeto dos arquitetos Renato Parada e Alfredo Junemann e da Escola de Arte (posterior Edifício de Laboratórios), projeto de Pilar Garcia, Patricia Valenzuela e Juan José Ugarte, inaugurou uma nova altura e densidade ao *campus*, além de serem os pioneiros na utilização do subsolo. Nesse período também foi iniciada a substituição de alguns dos pavilhões pré-fabricados.

N
1994

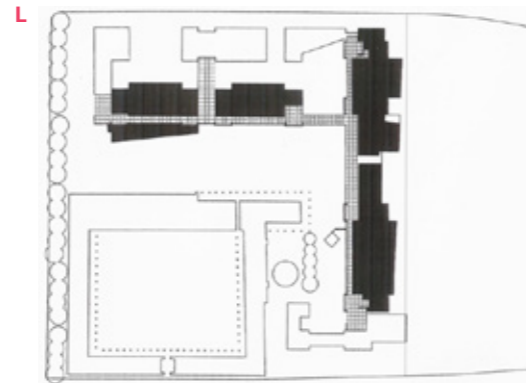
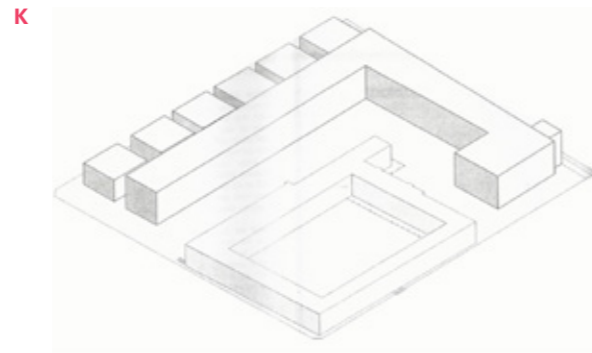
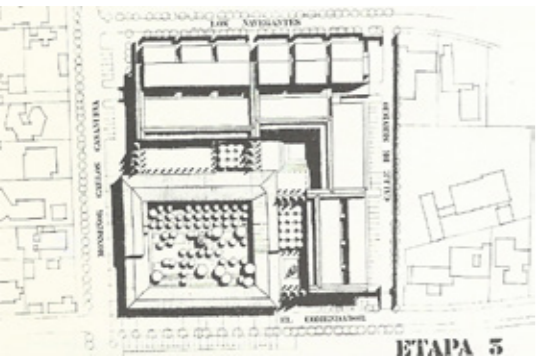
A partir de 1994 e até o ano de 2001 a PUC passou a adquirir gradualmente seis casas com seus respectivos jardins, que foram anexados ao *campus*. Aos poucos as casas foram sendo habilitadas para receber diversas funções da vida universitária e os jardins, unificados, passaram a ser um novo espaço de estar dentro do *campus*.

O
1996

Inauguração da primeira etapa do edifício da nova Biblioteca e Centro de Informação e Documentação Sergio Larrain Garcia-Moreno, projetado por Teodoro Fernandez, Cecilia Puga e Smiljan Radica, vencedores de um concurso. Conectando os subsolos do *campus*, o edifício fundamentou a praça central.

P
1997

Projeto e construção da atual cantina da Faculdade de Arquitetura, Desenho e Estudos Urbanos, projeto de José Cruz Ovalle. Neste momento é feita a remoção do antigo refeitório, que estava instalado desde 1962 em uma construção de adobe adjacente à casona, no eixo central do *campus*.



Q

2004

Reforma do edifício Escola de Arquitetura, por Alejandro Aravena, que além das remodelações internas inseriu a máscara externa, ordenando a forma do edifício.

R

2005

Reforma das casas onde funcionam as sedes dos cursos de mestrado e doutorado. Projeto de Sandra Iturriaga e Wren Strabucchi.

S

2006

Intervenções no Edifício de Laboratórios. A primeira, a cargo de Cecilia Puga e Patricio Mardones, consistiu em remodelar o subsolo para instalar a Sala de Ferramentas e o Laboratório de Protótipos. A segunda, sob projeto de Martín Hurtado, foi a reforma do segundo e terceiro pavimentos.

T

2010

A Direção de Serviços Externos da Faculdade elaborou um plano diretor propondo incorporar todo o quarteirão à área do *campus*, compreendendo todos os terrenos desde a Rua Carlos Casanueva até a Rua Pedro de Valdivia Norte. O plano pretendia não só expandir área, mas também agregar novas funções como residências estudantis e centro de convenções.

U

2010

Construção do edifício da Escola de Design e Estudos Urbanos, projetado por Sebastián Irarrázaval, posicionado no limite leste do projeto da Biblioteca e Centro de Informação e Documentação, na Rua Los Navegantes. Pela primeira vez um edifício incorporou estacionamento no *campus*, localizado em nível subsolo.

V

2013

Construção do Edifício Docente e de Investigação da Escola de Arquitetura. O projeto foi escolhido por meio de um concurso, vencido pela equipe coordenada pelo professor Gonzalo Claro, que posicionou-o como que em continuação à fachada sul da casona, possibilitando um novo acesso pela Rua El Comendador.

W

2015

A Faculdade de Arquitetura da PUC, assumindo que não seria possível adquirir o restante dos lotes do quarteirão, realizou um concurso para desenvolver um novo plano diretor para o *campus*, a fim de propor uma estratégia integral de crescimento atualizada. O vencedor do concurso foi o escritório Beals + Lyon.

X

2015

Ao final do ano de 2015 foi realizado outro concurso, desta vez para o novo edifício da FADEU - CMPC. O vencedor foi o grupo coordenado pelo professor Alberto Moletto, a ser construído nos próximos anos.



Q



S

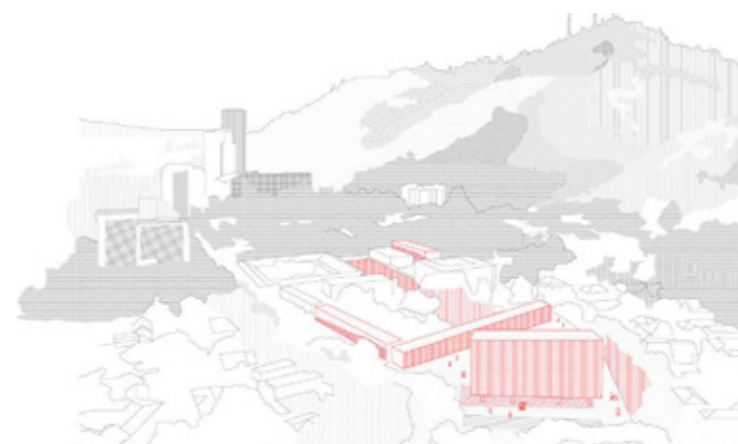


U



R

X



W

V



Capítulo 8

TRÊS NÍVEIS DE INTERVENÇÃO NO
CAMPUS LO CONTADOR

A sobreposição de camadas de tempo é evidente na implantação do *campus* Lo Contador, cujos edifícios ocupam quase um quarteirão inteiro no bairro Pedro de Valdivia Norte, região da Providência. Conforme foi visto, além da Casona, ícone fundamental, compõem o *campus* edificações residenciais adquiridas e transformadas de forma gradativa e edifícios construídos em diversas épocas para receber atividades acadêmicas específicas. Todos se conectam através do grande jardim central que, com o passar dos anos, uniu-se à Casona e acabou contribuindo para a definição do *genius loci* do *campus*.

As regras de implantação de todos esses edifícios foram discutidas e oficializadas em diversos momentos da história do *campus* através de planos ordenadores, sendo o mais recente de 2015. O *Masterplan* que hoje vigora tornou-se responsável por unificar as diretrizes traçadas durante os quase 60 anos de uso universitário, além de prever mudanças significativas visando aos anos que virão. Nos capítulos anteriores foram apresentados os edifícios e intervenções mais representativos dentro da história do *campus*, que geraram maior número mudanças e efeitos em diversas escalas.

A partir de agora, estes edifícios serão discutidos à luz dos

níveis de intervenção apresentados por Francisco de Gracia. Em *Construir no Construído: A Arquitetura como Modificação*, o autor trata das questões advindas da ação de intervir em uma estrutura formal existente quando ela apresenta necessidade de alteração. Ele reflete sobre as maneiras de estabelecer a dialética entre a nova arquitetura e a cidade construída. Seguindo as bases do *Restauro Crítico*, enuncia alguns princípios fundamentais que estabelecem relações entre uma forma existente, limitada, e uma nova contribuição formal. Conforme visto no Capítulo 2 deste trabalho, o autor divide as intervenções em preexistências em três níveis gradativos, sendo o inicial a própria operação de restauro ou readequação e, no extremo oposto, os projetos que, para serem executados, exigem também planejamento urbano.

8.1 A CASONA, AS CASINHAS E A MODIFICAÇÃO CIRCUNSCRITA

Nesse nível, conhecido como **modificação circunscrita**, o edifício existente é considerado uma realidade individual. Qualquer operação é balizada por suas características formais ou volumétricas. Diz respeito à remodelação interna, ao restauro ou à ampliação com repercussão mínima em seu entorno. A Casona da antiga Chácara Contador foi construída em meados da década de 1740. Inspirada nas casas de fazenda europeias, foi estruturada em grandes muros longitudinais que atuaram como guias nas suas expansões. Suas paredes de adobe e telhas de barro, apesar de apresentarem solução aparentemente trivial, representam o saber construtivo local, motivo pelo qual é considerada patrimônio nacional. Durante sua história, passou por diversas expansões e substituições operacionais, conforme foi possível verificar em suas plantas. Na planta original, de 1740, a casa era constituída por um bloco único de dois pavimentos, sendo a cozinha um anexo independente. A primeira readequação operacional da casa foi em sua transformação em casa de retiros, em 1840, quando apresentou expressivo aumento de área e uma nova relação entre os espaços internos, configurando o pátio central, hoje consolidado. Nessa época ganhou o apelido que a caracteriza: Casona.

Com a aquisição do imóvel pela PUC, em 1958, deu-se início a uma nova era da Chácara Contador. Sem reformas substanciais, a Faculdade de Arquitetura ocupou a Casona no ano de 1959 e

inaugurou uma dinâmica completamente diferente nos seus espaços internos, ainda que mantendo sua relação com o entorno intacta. O quartos passaram a ser utilizados como salas de aula e ateliês e a direção foi instalada no corpo sul, bloco que já abrigava o acesso principal da casa. Uma lanchonete foi instalada na antiga cozinha e ali permaneceu até 1992, quando foi demolida.

É certo que a grande expansão de área na Casona, ocorrida a partir de 1840 com a transformação em casa de retiros, alterou a forma como o edifício dialogava com seu entorno, afinal foi configurado um pátio central e nova entrada principal. Entretanto, quando ela recebeu as funções acadêmicas suas alterações foram muito mais sutis. O novo uso universitário da Casona a partir da década de 1950 pode ser considerado, portanto, uma modificação circunscrita, pois não desprezou o caráter da casa, apesar da radical mudança de uso. As características construtivas e plásticas também foram mantidas e permanecem até os dias de hoje.

Seguindo o mesmo exemplo, as casas adquiridas a partir da década de 1990 também podem ser incluídas nesta categoria. A Casa de Sergio Larraín e as sedes dos cursos de mestrado e doutorado passaram por reformas de escala até maior que a Casona, conforme visto nos capítulos anteriores. Embora tenham alterado seu aspecto plástico, não houve expansão de área através de anexos, tampouco demolições. Por isso, é possível afirmar que não exerceram influência em seu entorno imediato, podendo também ser categorizadas como modificações circunscritas.

Essas modificações circunscritas, apesar de não alterarem o entorno, podem ter influenciado reformas mais profundas pois, em conjunto, incentivam diferentes dinâmicas de convívio, principalmente em seus jardins.

8.2 AS NOVAS ARQUITETURAS E A MODIFICAÇÃO DO LOCUS.

Entre as décadas de 1960 e 1990 foram construídos diversos anexos temporários nas parcelas sul, sudeste e noroeste do terreno da chácara, destinados a abrigar mais instalações da universidade (figura 150). A crescente necessidade por expansão de área construída foi a confirmação de que o uso da Casona como envoltório para atividades acadêmicas foi bem sucedido. A implantação dos primeiros anexos ao seu redor fez com que ela mirasse novamen-



Figura 149 — Esquema da implantação destacando os edifícios que apresentam modificação circunscrita.

te ao norte, ensaiando uma espécie de praça no terreno, o que conformou uma nova centralidade, além dos limites da Casona. Estes anexos foram os primeiros responsáveis pela **modificação do locus**, grau de intervenção que é caracterizado por ações de escala maior que a modificação anterior, mas ainda assim de escala limitada. A modificação do *locus* repercute sobre uma estrutura consolidada e estabelece novas relações tanto formais quanto de uso entre edifícios. Segundo De Gracia, na modificação do *locus* é imprescindível que se tenha juízo crítico para “desemaranhar as mais delicadas relações entre lugar e nova incorporação, reconhecendo a estrutura do contexto”.⁶¹

O Edifício Escola da Faculdade de Arquitetura e o Edifício de Laboratórios, por sua vez, inauguraram uma nova referência de altura e expansão de área, através dos subsolos e seus três pavimentos. Tais edifícios trouxeram uma modificação ainda maior, principalmente no fluxo de usuários do *campus*, já que com mais área foi possível aumentar o número de estudantes e funcionários utilizando os espaços (figura 151).

No início dos anos 1990 foi convocado um concurso de projetos para construir um anexo à Casona, que se tornasse o elo de ligação entre ela e as demais edificações do *campus*. O projeto para o Centro de Informação e Documentação Sergio Larraín García-Moreno foi um marco que sedimentou o eixo central leste-oeste e ajudou a guiar a evolução do *campus* a partir daí. A execução desse projeto foi responsável por mais uma modificação do *locus*, uma vez que oficializou a praça central através da retirada de alguns pavilhões e a pavimentação da área, conduzindo-a até o pátio da Casa Sergio Larraín, que acabou sendo adquirida poucos anos mais tarde. Também proporcionou a sedimentação de uma significativa camada de usos sob a terra, unificando, através do incremento de área, os subsolos do Edifício Escola e do Edifício de Laboratórios (figura 151).

Apesar de terem proporcionado crescimento de área, os edifícios seguintes, Escola de Desenho e Estudos Urbanos (2010) e Edifício Docente e de Pesquisa da Faculdade de Arquitetura (2013), exerceram a modificação do *locus* de maneira mais sutil,

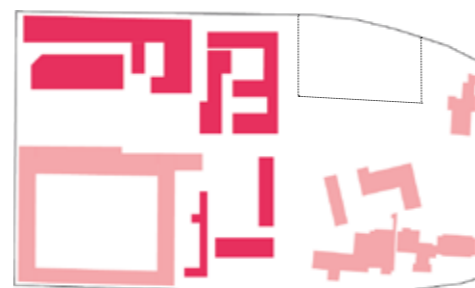


Figura 150 — Implantação destacando, em vermelho, os primeiros anexos, os pavilhões pré-fabricados, que proporcionaram a modificação do *locus*.

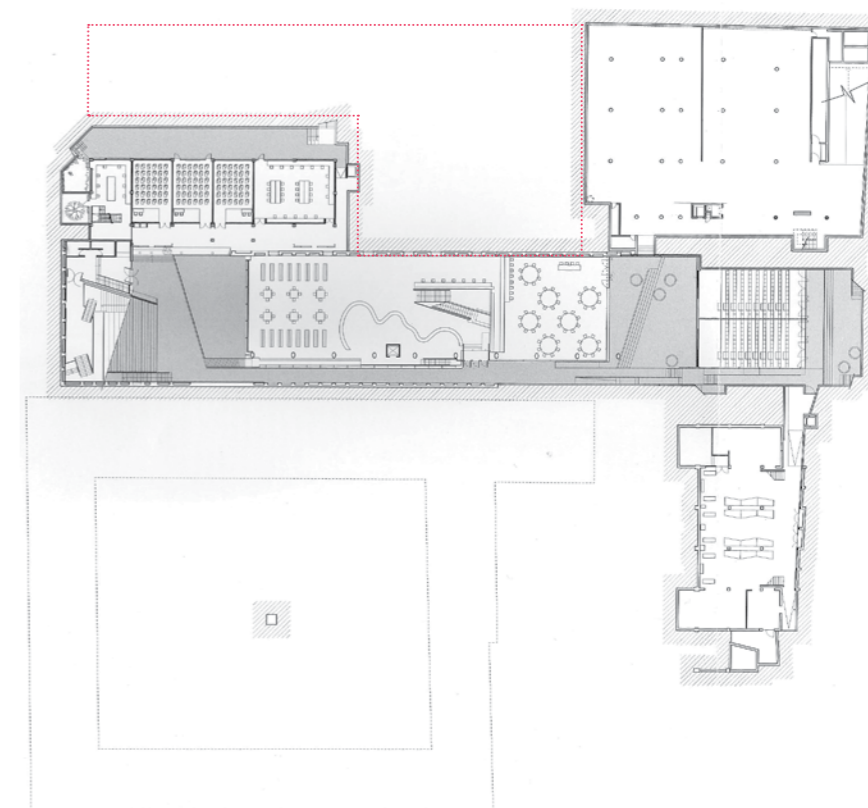


Figura 151 — Implantação destacando os novos edifícios, responsáveis pela nova configuração do *campus*.

61 GRACIA, Francisco de. CONSTRUIR EN LO CONSTRUIDO: LA ARQUITECTURA COMO MODIFICACIÓN. Nerea. Madri, 1992. p. 230 (tradução nossa)

pois não trouxeram inovação de escala. Além disso, tiveram sua construção planejada nos planos reguladores, em espaços intersticiais do *campus*.

Figura 152 — Planta do subsolo, uma camada não percebida na implantação mas com importância na modificação do *locus*. Na área pontilhada, a previsão do subsolo do novo edifício FADEU, totalmente unificado com os existentes.



8.3 A CONSOLIDAÇÃO DO CAMPUS LO CONTADOR E O MODELO DE CONFORMAÇÃO URBANA

O **modelo de conformação urbana** é composto por operações que afetam diretamente o caráter morfológico de uma parcela da cidade. É possível ocorrer esse padrão como um regenerador de áreas com indefinições formais dentro de um bairro ou cidade, ou em locais onde a ordem existente não merece ser considerada dominante. Normalmente as remodelações de bairros e reestruturações de áreas degradadas encaixam-se nessa categoria. Os casos desse grupo são imediatamente sequenciais aos casos da categoria anterior, já que uma nova conformação urbana pode nascer a partir da modificação da essência do lugar. Há uma diferença fundamental entre as duas categorias, além da escala: na primeira, a **consequência** da intervenção, de forma quase espontânea, é a modificação do *locus*; no modelo de conformação urbana, a modificação do *locus* é planejada e esse objetivo é atingido **através** da intervenção.

Nessa linha de atuação é possível caracterizar também as

etapas de crescimento do *Campus Lo Contador*. Primeiramente, a expansão do terreno da universidade, feita através da aquisição das casas unifamiliares dos lotes vizinhos a partir da década de 1990. Além de aumentar a escala do *campus*, também perpetuou a supressão da construção de uma via que, no planejamento urbano original, cortava o *campus* na borda leste do Centro de Informação e Documentação Sergio Larraín García Moreno. Essas casas foram reformadas para receber programas da universidade, como editora e sede dos cursos de pós-graduação. A ampliação de terrenos também restringiu o uso residencial do quarteirão. A inserção de uso diferente do original trouxe uma nova dinâmica não apenas para as casas, mas em toda a microrregião, já que passou a movimentar um número maior de usuários que demandam novas escalas de acesso, transporte e serviços.

Com a crescente relevância do *campus*, em 2010, a direção almejou adquirir todo o quarteirão, e elaborou um plano ordenador para guiar as reformas a partir das aquisições. Essa significativa expansão, se ocorrida, teria viabilizado uma escala ainda maior de intervenção urbana, já que além de aumentar a área, extinguiria por completo o uso residencial no quarteirão. Devido a diversos problemas políticos e financeiros, a compra não se concretizou e o plano não foi colocado em prática, assim como diversos outros planos intermediários que foram desenvolvidos ao longo dos anos.

Por fim, é possível prever que o *Masterplan* oficializado em 2015, de autoria de Beals + Lyon, continuará transformando o entorno a partir do momento em que suas diretrizes começarem a ser praticadas. Como exemplo pode-se citar a futura construção do projeto vencedor para o edifício da FADEU, grande barra localizada na borda norte do terreno. Esse edifício alterará a relação do *campus* com a rua Los Navegantes, já que apresentará seu térreo como praça coberta, animando o interstício entre *campus* — privado — e rua. Além disso, o plano prevê a demolição de algumas das casas localizadas nos limites do terreno (sede do mestrado, doutorado e gráfica, permanecendo apenas a casa Sergio Larraín, que, junto com a Casona, faz parte do conjunto fundamental do *campus*) para a construção de novas barras, de altura e área maiores que as das casas. Mais do que alterar o *locus*, a execução desse plano propiciará uma significativa modificação na conformação urbana da região. Conforme o plano, os limites do *campus* passarão a ser mais porosos através de térreos livres. Essa estratégia

equilibrará a percepção da ampliação da escala do *campus* quando da substituição das casas por grandes barras. Entretanto, o acesso oeste tornar-se-á protagonista, ação que provavelmente acarretará mudanças no fluxo de pessoas e meios de transporte. Essa transformação, por consequência, pode alterar alguns usos no entorno imediato ao novo acesso (implementação de pontos comerciais, por exemplo). O *Masterplan* prevê um crescimento ordenado, em etapas, prevendo que o bairro se adapte à medida em que o *campus* se transforma.

Assim, possivelmente será iniciado um novo ciclo de transformações ao redor não apenas da Casona, mas do grande complexo que ela fundamentou, com ações que modificarão o *campus* de dentro para fora e proporcionarão novas percepções do espaço urbano.

8.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de três níveis de intervenção dentro de um só complexo de edificações possibilitou a percepção de uma história escrita através de várias gerações e pautada pela manutenção de alguns elementos fundamentais que as demonstrassem. A preservação da Casona pela PUC, após suas transformações ao longo do tempo, apresenta-se como ponto de partida para o desenvolvimento do *campus* da forma como foi descrito nos capítulos anteriores. Assim, a história de transformação da antiga casa de fazenda, hoje abrigo de atividades universitárias, foi o ato inicial da cultura de reformas que se estabeleceu no local.

A partir disso, pode-se concluir que as arquiteturas contemporâneas transformam o lugar. A escolha por manter alguns exemplares históricos selecionados, complementando-os com novas arquiteturas, pode ser responsável pela preservação de sua memória. As operações de reforma e ampliações que iniciaram na Casa Lo Contador e se espalharam pelo *campus* exercem papel fundamental tanto na preservação da memória quanto no desenvolvimento do bairro Pedro de Valdivia Norte, refletindo também na cidade de Santiago. A ação modificadora vem moldando o local ao longo de várias décadas, demonstrando aspectos da evolução da arquitetura chilena e a construção de um ambiente saudável, tanto para os usuários diretos quanto para a cidade de Santiago. Todas essas intervenções, dentro de sua diversidade, têm em comum a

incidência sobre o caráter do lugar. Cada qual com sua intenção, com seu diálogo e com sua escala, transformam o *genius loci*.

Conclui-se, portanto, que a discussão que deve ser ativada realmente é a de como transformar velhas arquiteturas por meio de novos projetos, harmônicos com o passado e úteis para o cotidiano atual. Mais do que utilizar cartilhas e regras de restauro, deve-se entender a vocação do edifício em cada época e do local onde ele se implanta, para que se possa incrementar o velho através do novo. Assim, mais do que conservar a história, constrói-se a memória, atitude que apresenta sustentabilidade dentro da cidade e é mais inclusiva com seus usuários, que se enxergam na própria transformação.

Francisco de Gracia colabora com a discussão quando, além de estabelecer uma crítica à lacuna teórica que existe para embasar esse tipo de arquitetura, auxilia na definição e catalogação desses exemplares. Isso auxilia a conduzir o processo evolutivo da forma urbana com metodologias adequadas.

O autor exemplifica diferentes atitudes que podem ser postas em prática frente aos contextos catalogados. No entanto, a intenção não é a de produzir intervenções pré-solucionadas e pasteurizadas em todos os lugares do mundo, mas compreender que a ação de intervir em uma forma consolidada pode, simultaneamente, seguir uma ordem preestabelecida e interpretar as solicitações particulares do local e dos usuários. Neste caso, a intervenção de qualidade segue apresentando um fator empírico, uma vez que a interpretação dessas solicitações sempre ficará a cargo do arquiteto e seu juízo crítico. Todavia, o autor elenca diversas derivações projetuais que permitem ampliar o espectro de atitudes a serem consideradas para administrar a “riqueza de relações múltiplas que se pode obter graças à superposição de significados”.⁶²

Por fim, é de suma importância a documentação de todos os processos transformatórios ocorridos nas edificações. Essa atitude, junto com a constante discussão do tema, auxiliará os arquitetos responsáveis pelas novas transformações em sua busca por intervenções bem sucedidas.

Através da historiografia da Casa Lo Contador e, por consequência, do *campus* fundamentado por ela, promoveu-se um debate

62 Ibid. p. 288. (tradução nossa).

sobre a transformação da materialidade para abrigar novos usos e acompanhar a evolução de uma sociedade. Esse exemplo permite a conclusão de que usar, ou reutilizar, edifícios históricos como base para abrigar as transformações das pessoas pode ser uma estratégia eficiente na construção da memória. Não uma memória intacta, relativa à manutenção de um episódio isolado dentro da história do lugar e de suas pessoas, mas sim uma memória constantemente modificada por diferentes gerações. Os edifícios, sob este ponto de vista, são estruturas dinâmicas a serviço de seus usuários.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **O futuro do passado: Arquitetura contemporânea e patrimônio edificado no América do Sul**. n: IV 6 Seminario Projetar, 2013. Salvador.
Disponível em: https://www.academia.edu/6252014/O_futuro_do_passado_arquitetura_contemporanea_e_patrimonio_edificado_na_America_do_Sul (14.05.2018)
- ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **“Novas” questões na teoria da restauração do patrimônio urbano: identidades culturais, função social e participação dos usuários**. PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção, Campinas, SP, v. 4, n° 1, p. 63-79, abr. 2013. ISSN 1980-6809.
Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8634559> (14.05.2018)
- ARAVENA, Alejandro; ANDRADE, Lorena. **Escuela de Arquitectura U.C.**: Providencia, Chile. ARQ (Santiago), Santiago, n° 61, p. 84-87, dic. 2005.
Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962005006100019&lng=es&nrm=iso (14.05.2018)
- ARTEAGA, Esteban. **Campus Lo Contador 1879-2017**. (Vídeo)
Disponível em: <http://fadeu.uc.cl/noticias/1239-video-de-exposicion-intervalo> (05.07.2018)
- BAIXAS, Juan Ignacio. **Sobre el paso del tiempo en los edificios**. ARQ (Santiago), Santiago, n° 59, p. 14-16, março 2005.
Disponível em https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962005005900003&lng=es&nrm=iso (14.05.2018)
- BEALS, Alejandro; LYON, Loreto. **Lo Contador Campus Masterplan** [online].
Disponível em: <http://www.beals-lyon.cl/projects/PUBLIC-BUILDINGS/2086/LO-CONTADOR-MASTERPLAN/> (14.05.2018)
- BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Cotia, Ateliê Editorial, 2004.
- CARBONARA, Giovanni. **Architettura d’Oggi e restauro. Un confronto antico-nuovo**. Torino, UTET, 2001.
- CLARO, Gonzalo. **Edificio Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile**. ARQ (Santiago), Santiago, n° 96, p. 62-71, agosto 2017.
Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962017000200062&lng=es&nrm=iso (14.05.2018)

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo, Estação Liberdade/Editora Unesp, 2006.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. 2011. **Ruminações Recentes: Reforma/ Reciclagem/ Restauo**. Summa+ (v. III): 56-61.

CUNHA, Claudia dos Reis e. **Intervenções em edifícios religiosos de valor histórico-cultural: critérios e metodologias**. Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade. São Paulo, nº 17, p. 22-45, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174.
Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/33820/23311> (23.06.2018)

CUNHA, Claudia dos Reis e. **Alois Riegl e o culto moderno dos monumentos**. Resenhas Online, São Paulo, ano 05, nº 054.02, Vitruvius, junho 2006
Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.054/3138> (14.05.2018)

DO CARMO, Fernanda Heloísa; VICHNEWSKI, Henrique; PASSADOR, João; TERRA, Leonardo. Cesare Brandi. **Uma releitura da teoria do restauro crítico sob a ótica da fenomenologia**. Arqtextos, São Paulo, ano 16, nº 189.01, Vitruvius, fev. 2016
Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/16.189/5946> (14.05.2018)

FERNANDEZ, Teodoro; RADIC, Smiljan; PUGA, Cecilia. **Centro de Información y documentación Sergio Larrain García-Moreno**: Providencia, Chile. ARQ (Santiago), Santiago, nº 67, p. 52-59, dez. 2007.
Disponível em https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962007000300008&lng=es&nrm=iso (14.05.2018)

FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Arquitetura conversável**. Casa do Azougue. Rio de Janeiro, 2011.

FROTA, José Artur D'Aló. **Re-Arquiteturas**. Revista Arqtexto. Porto Alegre, nº5, p. 110-141, 2004.
Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/22199> (acesso em 20 de abril de 2016)

FUENTES HERNANDEZ, Pablo. **Campus universitarios en Chile: nuevas formas análogas a la ciudad tradicional**. Atenea (Concepc.), Concepción, nº 496, p. 117-144, 2007.
Disponível em https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-04622007000200008&lng=es&nrm=iso.(14.05.2018)

GRACIA, Francisco de. **Construir en lo construido**. Nerea. Madri, 1992.

GREENE, Margarita; PENN, Alan. Socio-spatial analysis of four university campuses: the implications of spatial configuration on creation and transmission of knowledge. In: Space Syntax First International Symposium, April 1997, London, UK.
Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/32886277_Socio-spatial_analysis_of_four_university_campuses_the_implications_of_spatial_configuration_on_creation_and_transmission_of_knowledge (14.05.2018)

HUGO, Victor. **O Corcunda de Notre Dame**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ICOMOS. Carta de Atenas. Atenas, 1931.

ICOMOS. Carta de Veneza. Veneza, 1964.

IRRARÁZVAL, Sebastián. Escuela de Diseño y Estudios Urbanos P. Universidad Católica de Chile. Sanitago, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2rG6g4w>. Acessado em (13.05.2018)

ITURRIAGA, Sandra; STRABUCCHI, Wren. **Intervenciones y persistencias: dos trazas en lo Contador**. ARQ (Santiago) [online]. 2008, nº 68, pp.34-39. ISSN 0717-6996.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-69962008000100005> (14.05.2018)

ITURRIAGA, Sandra; STRABUCCHI, Wren. **Doctorado y Magíster FADEU-PUC**: Providencia, Chile. ARQ (Santiago), Santiago, nº 68, p. 40-45, abr. 2008.
Disponível em <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-69962008000100006> (14.05.2018)

KLOTZ, Mathias. **Avenida Ejército 233 - Facultad de Medicina UDP**. Revista 180, Santiago, nº 15, 2005.
Disponível em: <http://www.revista180.udp.cl/index.php/revista180/article/view/294/281> (14.05.2018)

LARRAIN, Sergio; PUGA, Cecilia. **Casa SLGM**. Providencia, Chile. ARQ (Santiago), Santiago, nº 59, p. 54-57, mar. 2005.
Disponível em <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-69962005005900012> (28.05.2017)

LYRA, Cyro Corrêa. **A importância do uso na preservação da obra de arquitetura**. EBA, Revista do Programa de pós-graduação em artes visuais. UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.
Disponível em: <https://www.scribd.com/document/268235157/A-Importancia-Do-Uso-Na-Preservacao-Da-Arquitetura> (14.05.2018)

MARCONI, Paolo. Entrevista com o arquiteto, restaurador e teórico da restauração, Paolo Marconi. Roma, Italia, 2007. Entrevista a Università Roma Tres. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqScOY21ptY> (08/05/2018)

MARÍN, Graciela. **El arquitecto Sergio Larrain y la historia familiar detrás de Lo Contador** (online)
Disponível em: <http://www2.latercera.com/noticia/el-arquitecto-sergio-larrain-y-la-historia-familiar-detras-de-lo-contador> (14.05.2018)

MARTÍNEZ, Ascensión Hernandez. **La clonación arquitectónica**. Madrid: Siruela, 2007

OLIVEIRA, Rogério Castro. **Palimpsestos: sulcos ecléticos em campo moderno**. Revista Arqtexto. Porto Alegre, nº15, p. 6-15, 2009.

OYARZUN, Fernando Pérez. **Lo Contador: casa, barrio, ciudad**. Providencia, Chile. ARQ (Santiago), Santiago, nº 65, p. 11-19, 2007 .
Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/arq/n65/art03.pdf> (28.05.2017)

OYARZUN, Fernando Pérez. **Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos** (online)
Disponível em: <http://arquitectura.uc.cl/escuela/arquitectura-uc/historia.html> (14.05.2018)

OYARZUN, Fernando Pérez. **Lo Contador: una casa, un campus** (online)
Disponível em: <http://www.uc.cl/la-universidad/noticias/5854-lo-contador-una-casa-un-campus> (14.05.2018)

OYARZUN, Fernando Pérez; CHALL, Jose Quintanilla. **The value of transforming: Academic building, Faculty of Arts, Oriente campus**. ARQ (Santiago) nº 97, Santiago dic. 2017.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-6996201700030006> (10.05.2018)

PAREDES, Sebastián; MOLETTA, Alberto. **Primer Lugar en concurso del futuro edificio FADEU - CMPC.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/779249/alberto-moletto-plus-sebastian-paredes-primer-lugar-en-concurso-del-futuro-edificio-fadeu-cmpc> (14.05.2018)

PELLEGRINI, Ana Carolina. **O patrimônio projetado.** In: IV Enanparq, 2016. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2038/S38-04-PELLEGRINI,%20A.pdf> (06.06.2017)

PELLEGRINI, Ana Carolina. **Quando o Projeto é Patrimônio: a modernidade póstuma em questão.** Tese de Doutorado em Teoria, História e Crítica, PROPARG-UFRGS. Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Dias Comas. Porto Alegre, 2011.

PELLEGRINI, Ana Carolina e HAFFNER Evelyn Hernández. **Arquitetura exemporânea: Quatro Liberdades de Louis Kahn.** In: 7 Projetar: Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática. Natal, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto.** Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, nº 11, p. 25-30, jan. 2004. ISSN 2175-7976. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334> (08.06.2017)

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória.** Cotia, 2015.

SCHEPS, Juan Gustavo. **Readecuación de antigua Sala de Máquinas de la Facultad de Ingeniería.** Disponível em: <http://www.bienalesdearquitectura.es/index.php/es/proyecto?obra=02BI-32> (20.06.2016)

SCHEPS, Gustavo. **"Comunicação pessoal". Universidade da República.** Montevideo, Uruguai. 06 Jun 2016

SCHEPS, G (2008). **17 Registros - Facultad de Ingeniería de Montevideo (1936-1938) de Julio Vilamajó, arquitecto.** Tesis Doctoral. Madrid: Universidad Politecnica de Madrid.

SOUZA, Diego Beha Inglez de. **Tumulto no Conjunto: Habitação, utopia e urbanização nos limites de duas metrópoles contemporâneas - São Paulo / Paris (1960 - 2010).** Tese de Doutorado em História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo, FAU-USP. Orientadores: Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira e Prof. Dra. Annie Fourcaut. São Paulo/Paris, 2014.

RODRIGUEZ SERRA, Ernesto. **Lunes al atardecer en El Comendador.** ARQ (Santiago), Santiago, nº 50, p. 30-31, março 2002.

Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962002005000010&lng=es&nrm=iso. (14.05.2018)

STRABUCCHI, Wren; ITURRIAGA. **Jardín a dos tiempos.** ARQ (Santiago) [online]. 2005, nº 59, pp.66-71. ISSN 0717-6996.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-69962005005900015>. (14.05.2018)

VÁSQUEZ, Caudío Z., coord., J. E. Ojeda, G. Escobar, M. Miranda. **Proyecto Capus Lo Contador - Anexo 1: Planes y Proyectos de Campus Lo Contador.** janeiro 2015

ZEIN, Ruth Verde; DI MARCO, Anita Regina. **Paradoxos do Valor Artístico e a definição de critérios de preservação na arquitetura, inclusive moderna.** Arqtextos, São Paulo, ano 09, nº 098.00, Vitruvius, jul, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/09.098/123> (20.06.2016)

ZEIN, Ruth Verde; DI MARCO, Anita Regina. **A rosa por outro nome tão doce... seria?** In: 7 Seminário Docomomo Brasil, 2007. Porto Alegre.

Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/049.pdf> (14.05.2018)

LISTA DE FIGURAS

<u>PAG</u>	<u>FIGURA</u>	<u>DESCRIÇÃO</u>	<u>FONTE</u>
20	Figura 01	Baldaqino da Basílica de São Pedro	Foto de Marcos Teva, disponível em https://bit.ly/2Pr8fDf
20	Figura 02	Cisterna da Basílica, em Instambul.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2w-zvhD
22	Figura 03	Edifício da Faculdade de Engenharia da Udelar.	Centro de Información Oficial, disponível em https://bit.ly/2NLa3WY
24	Figura 04	Bloco de programa especial, pousado no chão, que recebia a Sala de Máquinas.	Foto da Autora, 2016.
24	Figura 05	Estrutura metálica na reforma da Pinacoteca por Paulo Mendes da Rocha	Foto de Nelson Kon, disponível em https://bit.ly/2Ls-p7Mv
25	Figura 06	Vista da Sala de Máquinas após reforma: plataformas perimetrais.	Foto da Autora, 2016.
25	Figura 07	Projeto original de Julio Vilamajó, com adaptações no relevo, patamares e praças nunca executados.	Croquis de Julio Vilamajó. In.: SCHEPS, Gustavo. 17 Registros - Facultad de Ingeniería de Montevideo (1936-1938) de Julio Vilamajó, arquitecto. Tesis Doctoral. Madrid: Universidad Politecnica de Madrid. p.173.
26	Figura 08	Campus Oriente, antigo convento	Foto de Bruno Naredo, disponível em https://bit.ly/2Iz2rYH
26	Figura 09	Anexo contemporâneo em edifício que abrigava o convento.	Foto de Juan Purcell, disponível em https://bit.ly/2BJeSe6
26	Figura 10	Intervenção de Mathias Klotz no edifício da Escola de Ciências Políticas da UDP.	Instituto de Investigación en Ciencias Sociales UDP, disponível em https://bit.ly/2uPZwmw
27	Figura 11	Campus Lo Contador atualmente, fundado a partir da casa colonial.	Foto de Rodrigo Ocharan, disponível em https://bit.ly/2vQHOQ4
32	Figura 12	Catedral de Notre Dame, em Paris: projeto original.	Foto de Edouard Denis Baldus, disponível em https://bit.ly/2mKHr4I
32	Figura 13	Catedral de Notre Dame, em Paris: restauro de Viollet-Le-Duc, que entre outras ações adicionou o pináculo central.	Foto de Silvio Bondari, disponível em https://bit.ly/2vaBDW3

PAG	FIGURA	DESCRIÇÃO	FONTE
33	Figura 14	Litografia de John Ruskin: O Palácio de Ducal, em Veneza.	Disponível em https://bit.ly/2uSavM2
35	Figura 15	Galeria Uffizi.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2MjkdX3
35	Figura 16	Panteão de Roma.	Foto de Michael Vadon, disponível em https://bit.ly/2OIJQj5
36	Figura 17	Castelvecchio reformado, projeto de Carlo Scarpa.	Cortesia de carloscarpa.es, disponível em https://bit.ly/2LlkQno
36	Figura 18	Varsóvia destruída durante a II Guerra Mundial.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2JYVkvX
37	Figura 19	Centro Histórico de Varsóvia reconstruído com'era dov'era.	Foto de Roberto Francisconi, disponível em https://bit.ly/2LHs8HW
45	Figura 20	Relações de inclusão, intersecção e exclusão.	Desenho de Mathias Sant'Anna, com base em Francisco de Gracia.
46	Figura 21	Castelvecchio reformado.	Cortesia de carloscarpa.es, disponível em https://bit.ly/2LlkQno
46	Figura 22	Ponte Scaligero, no complexo de Castelvecchio.	Foto de Jakub Halun, disponível em https://bit.ly/2LAheUH
46	Figura 23	Reforma na Sala de Máquinas, UDELAR.	Foto da Autora, 2016.
47	Figura 24	Teatro Sagunto, em Valência, estrutura existente foi reabilitada e recebeu expansão de área.	Foto de Chen Hao, disponível em https://bit.ly/2AeKsnt
47	Figura 25	Novo material na expansão da área do Teatro Sagunto remonta à estrutura original que não mais existia.	Foto de Chen Hao, disponível em https://bit.ly/2AeKsnt
47	Figura 26	Edifício Acadêmico Faculdade de Artes Campus Oriente.	Foto de Jean Purcell, disponível em https://bit.ly/2mKSXgr
47	Figura 27	Edifício Acadêmico Faculdade de Artes Campus Oriente.	Foto de Jose Quintanilla, disponível em https://bit.ly/2uV4vSG
46	Figura 28	Intenção de continuidade dada pelo uso do tijolo aparente no Edifício Acadêmico do Campus Oriente.	Desenho de Fernando Perez Oyarzun, disponível em https://bit.ly/2Ollp5a
48	Figura 29	Busca por alinhamentos correspondentes no Edifício Acadêmico do Campus Oriente.	Desenho de Fernando Perez Oyarzun, disponível em https://bit.ly/2Ollp5a
50	Figura 30	Plan Voisin, Le Corbusier.	Cortesia Fundação Le Corbusier, disponível em https://bit.ly/2vgtfED
51	Figura 31	Potsdamer Platz no final da Segunda Guerra.	Foto de Michael M. Dean, disponível em https://bit.ly/2mIHhuK
51	Figura 32	Potsdamer Platz reconstruída. Processo iniciado após a queda do Muro de Berlim.	Foto de Tuxyso, disponível em https://bit.ly/2LSmu2F
53	Figura 33	Implantação do Campus Lo Contador.	Desenho de Carlos Vazques (disponível em https://bit.ly/2vcNweO) com modificação da autora.

PAG	FIGURA	DESCRIÇÃO	FONTE
54	Figura 34	Implantação da casa antes do início do processo de urbanização do bairro.	Cortesia de Inst. Geografico Nacional, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
54	Figura 35	Foto aérea da região da fazenda em 1943, ainda zona rural.	Cortesia de Inst. Geografico Nacional, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
54	Figura 36	Foto aérea da região da fazenda em 1954, em início de processo de urbanização.	Cortesia de Inst. Geografico Nacional, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
55	Figura 37	A Casona atualmente.	Foto de Claudia Cabral, 2016.
56	Figura 38	Plano de divisão territorial entre o Morro San Cristóbal e o rio Mapocho.	Desenho de Anonio Lozada, disponível em https://bit.ly/2LSEVHI
56	Figura 39	Lo Contador e o Morro San Cristóbal vistos desde o rio Mapocho.	Cortesia de Arq. de la Dirección de Infraestructura y Desarrollo Físico UC. In.: Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - p24. Escaneado pela autora.
56	Figura 40	A Casona no centro da fazenda, cujas glebas produtivas eram irrigadas pelo rio Mapocho e outros dois canais.	Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - p. 19. Escaneado pela autora.
56	Figura 41	Antigo mapa datado de 1901, contendo o zoneamento da fazenda na época.	Desenho de Jose Pedro Alessandri, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
57	Figura 42	Corte transversal da casa.	Desenho de Fernando Pérez Oyarzun, disponível em https://bit.ly/2M438YI
59	Figura 43	Projeto de Ramón F. Martínez para reforma da casona.	Desenho de Ramón F. Martínez, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
59	Figura 44	Muro de tijolos na borda oeste, remanescente do projeto de reforma de 1915.	Google Street View
59	Figura 45	Fachada sul remodelada.	Google Street View
60	Figura 46	Primeira alternativa para divisão territorial prevista em 1958.	Cortesia de Oficina Técnica de A. de Gavardo. In. Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - p. 20. Escaneado pela autora.
60	Figura 47	Segunda alternativa para divisão territorial prevista em 1958.	Cortesia de Oficina Técnica de A. de Gavardo. In. Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - p. 20. Escaneado pela autora.
61	Figura 48	Seção da Casona	Desenho de Fernando Pérez Oyarzun, disponível em https://bit.ly/2M438YI
61	Figura 49	Casona em 1799	Desenho de Fernando Perez Oyarzun, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
61	Figura 50	Casona em 1840	Desenho de Fernando Perez Oyarzun, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
61	Figura 51	Casona em 1866	Desenho de Fernando Perez Oyarzun, disponível em https://bit.ly/2v3C18G

PAG	FIGURA	DESCRIÇÃO	FONTE
61	Figura 52	Casona em 1920	Desenho de Fernando Perez Oyarzun, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
62	Figura 53	Jardim interno da Casona.	Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - P. 31. Escaneado pela autora.
62	Figura 54	Jardim interno da Casona.	Foto de Gonzalo Puga. In.: Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - p48. Escaneado pela autora.
62	Figura 55	Fazenda Lo Contador na época do uso rural.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2v3C18G
62	Figura 56	Vista atual a partir da varanda da Casona.	Autor desconhecida, disponível em https://bit.ly/2mKZZIt
62	Figura 57	Vista atual das janelas do segundo pavimento da Casona.	Foto de Gonzalo Puga. In.: Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - p50. Escaneado pela autora.
62	Figura 58	A Casona como cenário das atividades universitárias.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2M67H4I
62	Figura 59	A Casona após sua última expansão.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2mKZZIt
62	Figura 60	Detalhes da pavimentação do campus atual.	Foto de Gonzalo Puga. In.: Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - p50. Escaneado pela autora.
64	Figura 61	Assessoramento na galeria.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2AVGujT
66	Figura 62	A antiga capela servindo como abrigo para um ateliê de projeto.	Foto de Esteban Arteaga, disponível em https://bit.ly/2OxD6OR
66	Figura 63	Varanda com exposições.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2AVGujT
66	Figura 64	Implantação dos novos pavilhões de 1962 e da biblioteca de 1971.	Desenho da autora.
66	Figura 65	Implantação da sequência de novos pavilhões, até 1991.	Desenho da autora.
68	Figura 66	Edifício Escola Faculdade de Arquitetura	Cortesia de Arq. de Infraestructura y Desarrollo Fisico UC. In. Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - p36. Escaneado pela autora.
68	Figura 67	Edifício Escola Faculdade de Arquitetura visto a partir da galeria da Casona.	Foto de Nicole Cordoen, disponível em https://bit.ly/2OxD6OR
68	Figura 68	Edifício Escola Faculdade de Arquitetura após reforma, em 2004.	Cortesia de Elemental Arquitectos, disponível em https://bit.ly/2KfebF
69	Figura 69	Esboços para regulação do campus, um grande “L” com vazio central, de Antonio Lama e José Lopez.	Desenho de Antonio Lama e José Lopez, disponível em https://bit.ly/2mYnIOY
69	Figura 70	Formalização dos primeiros esboços por Pedro Bannen, com volumes mais baixos na borda norte.	Desenho de Pedro Bannen, disponível em https://bit.ly/2mYnIOY

PAG	FIGURA	DESCRIÇÃO	FONTE
69	Figura 71	Diretrizes de Pilar García, dividindo o grande “L” para melhorar o fluxo; subsolo para densificação de área.	Desenho de Pilar Garcia, disponível em https://bit.ly/2mYnIOY
69	Figura 72	Edifício de laboratórios.	Googel Street View.
70	Figura 73	Esquema das ruas do quarteirão.	Desenho de Mathias Sant’Anna.
71	Figura 74	Diretrizes para o campus coordenadas por Jose Rosas, inserindo novo acesso a oeste.	Desenho de Jose Rosas, disponível em https://bit.ly/2mYnIOY
71	Figura 75	Diretrizes de Jose Rosas, grande pátio central conectado com outras áreas abertas de menor escala.	Desenho de Jose Rosas, disponível em https://bit.ly/2mYnIOY
72	Figura 76	Alterações, em 2007 (maior densificação).	Cortesia de Taller de Investigación Lo Contador, disponível em https://bit.ly/2mYnIOY
75	Figura 77	Implantação indicando os edifícios novos e os que passaram por reformas a partir da década de 1990, até 2010.	Desenho de Carlos Vazques (disponível em https://bit.ly/2vcNweO) com modificação da autora.
76	Figura 78	Croqui de Le Corbusier para o palácio dos Sovietes, com menção ao conjunto arquitetônico de Pisa. “Unidade no detalhe, tumulto no conjunto.”	Desenho de Le Corbusier, disponível em https://bit.ly/2mYb96h
76	Figura 79	Campo de Pisa, composto pelo	Foto de Raffaele Latrofa, disponível em https://bit.ly/2KdMT9E
76	Figura 80	Maquete do projeto para o Palácio dos Sovietes.	Cortesia Fundação Le Corbusier, disponível em https://bit.ly/2v46NPq
77	Figura 81	Edifício Escola Faculdade de Arquitetura de Renato Parada e Alfredo Junemann, em 1992.	Cortesia Arq. de Infraestructura y Desarrollo Fisico UC. In.: Lo Contador: : Casas, Jardines y Campus - p36. Escaneado pela autora.
77	Figura 82	Edifício após reforma de Aravena, em 2004.	Foto de T. Jalocha, disponível em https://bit.ly/2LF-WxYi
78	Figura 83	Edifício após reforma de Aravena, em 2004.	Foto de T. Jalocha, disponível em https://bit.ly/2LF-WxYi
78	Figura 84	Edifício de Laboratórios.	Foto de Esteban Arteagam disponível em https://bit.ly/2OwK0nJ
79	Figura 85	Implantação após a construção do Ed. Escola de Arquitetura e a Escola de Artes/ Laboratórios. O praça central começa a se organizar.	Desenho de Carlos Vazques (disponível em https://bit.ly/2vcNweO) com modificação da autora.
79	Figura 86	Laboratório de prototipagem após a reforma de 2006.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
79	Figura 87	Nova Cantina	Google Street View
81	Figura 88	Planta Subsolo Centro SLGM	Desenho da equipe de projeto, disponível em https://bit.ly/2mZdKNq
81	Figura 89	Corte Longitudinal	Desenho da equipe de projeto, disponível em https://bit.ly/2mZdKNq

PAG	FIGURA	DESCRIÇÃO	FONTE
82	Figura 90	Subsolo do Centro de Informação e Documentação SLGM unindo-se ao subsolo do Edifício de Laboratórios.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
82	Figura 91	Grande esplanada, teto para as funções subterrâneas e palco para a convivência cotidiana.	Autor desconhecido, disponível em https://bit.ly/2Kf0FbW
82	Figura 92	Pátio leste visto de cima, podendo ser acessado desde a praça central por uma escada secundária.	Cortesia de Teodoro Fernández Arquitectos, disponível em https://bit.ly/2O0VMFJ
82	Figura 93	Interior da biblioteca.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
82	Figura 94	Vista da sala de aula a partir do pátio.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
82	Figura 95	Escadaria principal de acesso ao Centro de informação e documentação SLGM.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
82	Figura 96	Adaptação dos níveis para acessar terrenos comprados após a conclusão do projeto.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
82	Figura 97	Relação da praça com os pavimentos da biblioteca, no subsolo.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
83	Figura 98	Loteamento da gleba adquirida por Sergio Larraín.	Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - P. 31. Escaneado pela autora.
83	Figura 99	Entrada da Casa Sergio Larraín	Foto de Jocelyn Froimovitch. In.: Lo Contador: Casas, Jardines y Campus - P. 26. Escaneado pela autora.
84	Figura 100	Reforma em conjunto das duas casas para receber os cursos de mestrado e doutorado.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
84	Figura 101	Relação com os espaços abertos das duas casas.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2Oxiyq1
85	Figura 102	Exemplo da descontinuidade das pavimentações, fortalecendo a analogia com o palimpsesto.	Foto de Francisca Carter, in.: Lo Contador: Casas, Jardines y Campus. Escaneado pela autora.
87	Figura 103	Corte 1	Desenho de Sebastián Irrarázaval, disponível em https://bit.ly/2LZF217
87	Figura 104	Planta Baixa	Desenho de Sebastián Irrarázaval, disponível em https://bit.ly/2LZF217
87	Figura 105	Planta Segundo Pavimento	Desenho de Sebastián Irrarázaval, disponível em https://bit.ly/2LZF217
87	Figura 106	Corte 2	Desenho de Sebastián Irrarázaval, disponível em https://bit.ly/2LZF217
87	Figura 107	Planta Terceiro Pavimento	Desenho de Sebastián Irrarázaval, disponível em https://bit.ly/2LZF217
87	Figura 108	Planta Quarto Pavimento	Desenho de Sebastián Irrarázaval, disponível em https://bit.ly/2LZF217

PAG	FIGURA	DESCRIÇÃO	FONTE
88	Figura 109	Edifício alinhado com o final da pérgola e início do desnível.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2LZF217
88	Figura 110	Acesso de veículos na Rua Los Navegantes	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2LZF217
88	Figura 111	Terraço com vista para a Cordilheira.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2LZF217
88	Figura 112	Um dos pátios internos.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2LZF217
88	Figura 113	Fachada exterior em aço corten.	Foto de Nico Saieh, disponível em Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2LZF217
88	Figura 114	Passarela cruzando o pátio.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2LZF217
88	Figura 115	Terraço com vista para a Cordilheira.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2LZF217
88	Figura 116	Ateliê localizado no térreo.	Foto de Cristóbal Palma, disponível em https://bit.ly/2LZF217
91	Figura 117	Implantação após os planos ordenadores de 2010 e 2015.	Desenho de Carlos Vazques (disponível em https://bit.ly/2vcNweO) com modificação da autora.
92	Figura 118	Implantação do quarteirão do campus, destacando oss imóveis que seriam desapropriados.	Google Maps com modificação da autora
92	Figura 119	Plano diretor de 2010, destacando os eixos de acesso por todas as ruas do quarteirão e identificando os novos edifícios e usos.	Cortesia de Arq. Digital DESE UC. Disponível em https://bit.ly/2mYnlOY
92	Figura 120	Perspectiva demonstrando o local de implantação do novo edifício, recuado em relação à Casona.	Desenho de Gonzalo Claro e equipe, disponível em https://bit.ly/2v9izrVw
92	Figura 121	O recuo do Edifício Escola garante a visibilidade da Casona desde o leste.	Foto de Phillipe Blanc, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
93	Figura 122	Planta Baixa	Desenho de Gonzalo Claro e equipe, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
93	Figura 123	Planta do Segundo e Terceiro Pavimentos	Desenho de Gonzalo Claro e equipe, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
93	Figura 124	Elevação	Desenho de Gonzalo Claro e equipe, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
93	Figura 125	Planta do auditório e terraço	Desenho de Gonzalo Claro e equipe, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
94	Figura 126	Estrutura aparente de madeira no edifício.	Foto de Phillipe Blanc, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
94	Figura 127	Foto do ambiente interno.	Foto de Phillipe Blanc, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
94	Figura 128	Edifício com a Casona ao fundo.	Foto de Phillipe Blanc, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
94	Figura 129	Escadaria de acesso ao terraço.	Foto de Phillipe Blanc, disponível em https://bit.ly/2v9izrV

PAG	FIGURA	DESCRIÇÃO	FONTE
94	Figura 130	Escada, no térreo.	Foto de Phillipe Blanc, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
94	Figura 131	Últimos lances de escada antes do terraço.	Foto de Phillipe Blanc, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
95	Figura 132	Trecho do térreo considerado um pátio coberto.	Foto de Phillipe Blanc, disponível em https://bit.ly/2v9izrV
96	Figura 133	Novo Masterplan de 2015.	Desenho de Beals+Lyon, disponível em https://bit.ly/2n48OHa
97	Figura 134	Plano diretor de 2010, destacando os eixos de acesso e identificando os novos edifícios e usos.	Desenho de Beals+Lyon, disponível em https://bit.ly/2n5Kjt8
98	Figura 135	Masterplan com a previsão para 2030.	Desenho de Beals+Lyon, disponível em https://bit.ly/2n5Kjt8
99	Figura 136	Planta baixa.	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
99	Figura 137	Planta do segundo pavimento	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
99	Figura 138	Planta do terceiro pavimento.	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
99	Figura 139	Elevação.	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
99	Figura 140	Corte transversal.	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
99	Figura 141	Corte longitudinal.	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
100	Figura 142	Espaço aberto e coberto localizado no térreo.	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes. Disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
100	Figura 143	Axonométrica dos pavimentos do edifício	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes. Disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
100	Figura 144	Perspectiva a partir da rua Los Navegantes.	Perspectiva de Alberto Molettos e Sebastián Paredes. Disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
100	Figura 145	Conexão de Subsolos no novo edifício.	Perspectiva de Alberto Molettos e Sebastián Paredes. Disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
100	Figura 146	Vista interna.	Perspectiva de Alberto Molettos e Sebastián Paredes. Disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
100	Figura 147	Detalhe brises da fachada.	Perspectiva de Alberto Molettos e Sebastián Paredes. Disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
100	Figura 148	Axonométrica do subsolo.	Desenho de Alberto Molettos e Sebastián Paredes. Disponível em https://bit.ly/2OwNqXs
113	Figura 149	Implantação destacando os edifícios que apresentam modificação circunscrita.	Desenho da autora.
114	Figura 150	Implantação destacando os primeiros anexos, os pavilhões pré-fabricados.	Desenho da autora.
114	Figura 151	Implantação destacando os novos edifícios e a configuração atual do campus.	Desenho da autora.

PAG	FIGURA	DESCRIÇÃO	FONTE
115	Figura 152	Planta do subsolo, uma camada não percebida na implantação mas com importância na modificação do locus.	Cortesia de Taller de Formación II/2006. In.: Lo Contador: Casas, Jardines y Campus. P.36. Escaneado pela autora.

CIP - Catalogação na Publicação

Castagna, Ana Cristina
Construir ou desconstruir: três níveis de intervenção
no Campus do Costador / Ana Cristina Castagna. —
2018.
134 f.
Orientadora: Ana Carolina Santos Pellegrini.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura,
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto
Alegre, RS-RE, 2018.

1. Patrimônio arquitetônico. 2. Preservação
arquitetônica. 3. Projeto arquitetônico. 4. Re-
arquitetura. 5. Arquitetura contemporânea. I.
Pellegrini, Ana Carolina Santos, orient. II. Título.

